

VIRGILIO YARZA

---

Mares  
e Campos



H. GARNIER

RIO DE JANEIRO







# MARES E CAMPOS

## OBRAS DO MESMO AUTOR

### Publicadas :

GEORGE MARCIAL (romance da sociedade e da politica do fim do Imperio).....	1901
CONTOS DE AMOR.....	1901
A NOIVA DO PALADINO, novella.....	1901
SANTA CATHARINA, 1ª parte : A ILHA.....	1900
ROSE-CASTLE, novella (ediç. esgot.).....	1895
TROPOS E PHANTASIAS, contos (ediç. esgot).....	1885
TRAÇOS AZUES, versos (ediç. esgot).....	1884

### A publicar :

GARIBALDI NA AMERICA.	
O « FALCÃO » (lenda sobre a ilha da Trindade).	
HISTORIAS RUSTICAS, contos.	
EPISODIOS HEROICOS (narrativas historicas).	
A INGLEZA, romance de costumas da provincia.	
IMPRESSÕES DA PROVINCIA (silhuetas e paizagens).	
TRES NOVELLAS ( <i>Mar de Ouro — Os Descobridores — Os Argonautas</i> ).	
UM PHILOSOPHO BRAZILEIRO (ensaio scientifico sobre o Dr. Gama-Rosa).	
SANTA CATHARINA, 2ª parte : <i>O Continente</i> .	
O ROUXINOL MORTO, contos.	

---

VIRGILIO VARZEA

---

# MARES

# E CAMPOS

— QUADROS DA VIDA RUSTICA CATHARINENSE —

2ª EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

74, RUA DO OUVIDOR, 74  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS



**A ALMA SIMPLES**  
**DOS**  
**MARITIMOS E ROCEIROS CATHARINENSES**

---



*A Arte é um recanto da  
Natureza visto através de um  
temperamento.*

EMILIO ZOLA.



# O MESTRE DE RÊDES

(A Araujo Figueredo)

## I

— Ah ! é o inglez, o *Tagus* !

E a voz grossa e rouca rompeu do caminho, rente á praia, d'entre piteiras verdes que lançavam ao céu, gloriosamente, do meio da *corbeille* das folhas, as longas hastes finas, lembrando grandes páos de bandeira n'algum chão de cidadella remota, abandonada á beira d'agua, invadida pela verdura espessa.

Então de um grupo palrador de pescadores e roceiros que alli se juntavam sempre pelas manhãs de calmaria, quando fóra da faina das rêdes, alguns rapazes se ergueram gritando :

— E' o *seu* Santos. Ahi vem elle. Está decidida a teima...

E um vulto baixo, reforçado, tismado, os cabellos alvejantes, appareceu, avançando, tropego, n'um movimento balançado de hombros, destacando vigorosamente no descampado da restinga, que se abria, ahi, n'um pequeno planalto gramoso, dominando a vasta bahia, daquelle lado do continente.

Desde muito, aquelle homens, alli reunidos ao amanhecer, esperando o signal dos vigias, discutiam com ardor, em phrases rudes, aggressivas, ás vezes em conjuncto, e tumultuariamente, sobre cousas do mar, manobras de navegação, navios que singravam —quando um *steamer* apontou além, na barra, todo negro sob a neblina argentea. Alguns, apenas o fixaram, deram-lhe um nome. Mas outros, obstinados, na presumpção de conhecer bem os vapores, discordaram, indicando outras designações, soltando nomes em profusão, no enleamento da controversia, nomes estrangeiros, confusos e estropeados :

— E' o *Finance*, o *Equateur*, o *Orénoque*, o *Potosi*..

Outros oppunham-se, protestavam :

— Que não ! Qual ! Aquelles transatlanticos elles conheciam bem. Não ! Esse que alli vinha era da Mala Ingleza.

Até que afinal o João Bernardo, um pescador e proprietario de rêdes, considerado, que possuia o sangue calmo, e se conservara até alli calado, immovel e taciturno como sempre, sentindo-se irritado com “aquellas babuzeiras” resolveu intervir :

— Que diabo estão vocês para ahi a dizer ? Ninguem os entende. Deixem vir o *seu Santos*, que lidou no mar, lá por fóra. Elle é quem sabe. Para isso ninguem como elle...

Os outros, então, satifeitos da idéa, n'um alvoroço, romperam :

— E' verdade, o *seu Santos* é que vai décider. Que homem ! Conhecia os navios como as palmas das mãos, conhecia-os ás leguas...

E estranhavam que o homem ainda não tivesse apparecido alli no alto da restinga, onde era sempre o primeiro.

— Talvez estivesse dando a ultima na rêde do Porfírio, a que só faltavam os chumbeiros. Era um tresmalhão de encher. Não havia segunda. Aquillo, lá fóra, ia matar muito peixe. .

Mal tinham concluido, quando o velho, que de longe ouvira o berreiro e descortinara o vapor, assomou no alto, exclamando :

— Ah ! é o inglez, o *Tagus* !

Effectivamente era o *Tagus* que, agora, mostrava-se em todo o comprimento, monstruoso, bem em frente á restinga, as grossas chaminés fumegantes, aproado para o fundo da bahia, mugindo poderosamente n'um tom vibrantissimo de *basso* profundo, chamando as lanchas da visita. .

A' quella hora da manhã, nessa vespera de domingo, o sol enchia todo o céu com o seu velario de ouro. Do pequeno planalto avistava-se, aqui e além, todo o longo recorte da costa, n'uma desenhção muito nitida. Para um lado, ao norte, destacando n'um relevo alteroso, a Boa-Viagem, branquejando ao alto a sua ermida, os morros da praia das Flechas e os *menhirs* de Icarahy, evocando saudosamente certos recantos pinturescos da Armórica, povoados de rochas druidicas : e a praia immensa, até ao Canto do Rio, resplandecia nos pannos cegantes das areias alvisimas. Para o outro lado, ao sul, faiscando magnificamente, como topazio e mica, os grandes lagos azues e dormentes do Sacco de S. Francisco e Jurujuba, onde começa a rudez do longo costão basaltico de

Santa Cruz, com o seu perpetuo estendal de escolmilha : e estendendo-se em frente, a perder de vista, o mar, manso, magestoso e profundo, achatando-se n'uma vastidão infinita.

## II

O seu Santos é um velho marinheiro que rolou dezenas de annos no mar, ora em navios de véla, ora, mais modernamente, em paquetes, em viagens de longo-curso, ou na pequena cabotagem. De uma descendencia de pescadores e creado á beira-mar, onde nasceu, na curva branca e arenosa da pittoresca enseada de S. Francisco, bem tenro ainda começou a lutar contra as ondas, cruzando ao longo das praias em pequenas canôas veleiras. Embarcou, porém, pela primeira vez, para o mar alto, aos doze annos, n'um antigo patacho — o *Joven Princeza*. A viagem era para os Estados-Unidos e, mettido o carregamento, o navio arrancou, uma manhã, por um ardente e dourado janeiro. A' barra, quando o casco aprobeu para o norte, com todo o panno ao vento, e o mar abriu-se, n'uma vastidão infinita e deserta, para além, para além, e elle viu, pôpa a fóra, á distancia, ir pouco a pouco esmorecendo a cidade, as serras e a outra banda em frente, com a sua costa risonha, as curvas brancas das praias onde a sua infancia cantara e resplandecera — desceu-lhe uma immensa melancolia, uma nostalgia da familia, dos que deixara alli, e desatou a chorar sobre a borda, n'uma intensa saudade inexprimivel, que lhe apunhalava o peito. Mas a faina rija de bordo estancou, dentro em pouco, esses senti-

mentos, e Santos voltou á sua tempera resistente, de menino affeito a trabalhos, no meio do rumor das manobras, sob o ranger da cordoalha sonora, nas amuradas balouçantes que as vagas lambiam. Ao anoitecer, toda a longa costa saudosa perdera-se de vista, e o mar e o céu foram-se cobrindo ricamente de um setim azul ferrête, onde apontava, n'uma vasta e profusa rutilação, a cravação palpitante das estrelas...

Foi nessa primeira viagem que conheceu todos os furores do oceano bravo, quasi perdendo a vida. Havia já tres semanas que o navio velejava feliz, desde que deixara o Rio. Porém uma noite, n'um mar agitado e crivado de ilhas, chamado pelo capitão das Antilhas, um tufão de sudoeste cahiu de repente, sob uma trovoada sinistra. A principio o patacho aguentou-se valentemente nas aguas, em meio dos vagalhões que o cobriam. Mas um mastaréo rebentou inesperadamente, n'uma rajada mais rija. Houve um clamor, imprecações e gritos, e logo após, n'um tumulto dantesco, a submersão do navio. Toda a companhia, a bem dizer, perecera, salvando-se apenas elle e dois companheiros, no fim de uma batalha tremenda, a que teriam de succumbir, si não fóra a passagem, no outro dia, de um lugar inglez, que ia para o Mississipi... Voltara depois ao Brazil, continuando de novo a sua vida de embarcadiço, na bohemia do mar, ora em navios de véla, ora a soldadas por mez, em vapores. Fóra tambem, durante muitos annos, boteleiro, no trafico do porto, e empregara-se longamente na pescaria, quer fóra da barra, quer nas aguas da bahia. Agora, já velho, com oitenta annos, é mestre de rêdes,

guia todos na grande arte, e vive dessas pequenas parcellas que ainda lhe dá o mar. A sua vida presente é madrugar, levantar-se ainda escuro, na disciplina de marítimo, agravada pela insomnia de velho, tomar a sua boa caneca de café na cosinha, olhar a criação no terreiro e fazer algumas braças de rêde, logo ás primeiras horas do dia.

Sentado n'um mocho, no vão de uma janella, o cesto dos novellos de fio ao pé, as primeiras malhas presas de um prego no portal, voltado para a luz, com o seu velho cachimbo nos beiços, fumegando e cuspiendo, Santos move continuamente a agulha de madeira com uma destreza de artista. E o bello tecido louro, cheirando a gravatá, alonga-se e avulta, de instante a instante, por uma multidão de laçadas que elle faz e arranca á malheira polida, ora vestindo-a, ora despindo-a de fios. Depois, deixando o trabalho, encaminha-se para o mar, para o ponto costumado, um alto de restinga, de onde trilhos de cabra, feitos a pés, descem até á praia, em que canôas repousam, puxadas, humedecidas pela marezia. D'ahi, desse alto, que é o seu dominio, o *Observatorio*, fumando e palrando arrastadamente, nada lhe escapa — uma véla que passa, lanchinhas offegantes, passaros, a côr do mar, das nuvens, os longes neblinosos e vagos...

Em volta d'elle reúnem-se logo os pescadores e roceiros vadios, para lhe ouvirem as pittorescas historias de viagens e os bons conselhos sobre a navegação e as pescarias. Porque o Mestre de Rêdes é infallivel no prognostico do tempo e faz previsões de dous a tres dias.

Quando alguém quer fazer com segurança uma via-

gem, consulta-o como a um oraculo. O velho responde convictamente, peremptoriamente:

— Póde ir á cidade, tem quatro horas; antes disso o tempo não cae.

E' de admiravel exactidão em cousas maritimas. Conhece bom numero de paragens littoraes do globo, e retêm no espirito, em desenhos vivos e nitidos, paizagens e marinhas encantadoras de varios paizes, e de toda a costa do Brazil até o Maranhão. As aguas e o littoral rendilhado da bahia do Rio não têm para elle um só ponto desconhecido, desde as enseadas, os canaes, até ás ilhas e os rios. De longe, de um só golpe de vista, assignala os logares, caracteriza-os, estabelece a distancia. Nunca se engana.

Mas a nota mais viva, frisante, caracteristica, do Mestre de Rêdes, é o pendor, a obstinação pela critica, em materia da grande arte nautica e em todas as cousas. Tem a observação pessimista para a universalidade do existente, um pessimismo de velho, de professional antigo, julgando a sua época e a sua pessoa superiores á actualidade. E' incoercivel e inexoravel na analyse universal, sempre descontente, ralhando sempre, na sinceridade da sua nobre paixão candida, na despreocupação da sua alma simples. E exerce a critica longamente, constantemente, a proposito de tudo, de um modo infinito.

Ora é um escaler que passa, cantando nas tole-teiras:

— Não vae lá nem em duas horas... Vão esfregando, vão esfregando... Olha o sebo nesse patilhão e nessa quilha!

Se um bote corre á vela: — “ Nem bolinar já

sabem! ”; ou um vapor singra para a barra: — “ Chega-te bem ao costão, e o resto saberás...” E firmando a vista: — “ Não conheço o casco, mas é francez, é dos novos. ” E franze ironicamente os hombros, porque tem um desdem pelos steamers novos.

Todo o dia vive fallando para si, resmungando, resmoendo as proprias criticas...

Os navios velhos, os conhecidos, são para elle uma boa amizade, porque muito bem os conhece. E mirando amorosamente o *Trent*: — “ E’ um passaro, um espagão. Vejam aquellas linhas, aquellas sahidas d’agua. Aquillo, nem um peixe! ” Porque, para elle, os navios possuem um character, e vida espirital.

O Mestre de Rêdes, o Santos, é de um aspecto agradável, sadio ainda apezar da idade, com a barba e os longos cabellos cobertos da neblina, da cerração da velhice. A sua larga physionomia, de uma estrutura leonina, attrae pela rudeza veneranda das linhas, a pelle dourada pelo sol dos tombadilhos, mas enrugada, pelancosa, de octogenario. Tem os olhos apagados, ennevoados, dos maritimos velhos; porém cheios ainda de acuidade. E a longa bocca rasgada, de labios finos, dá ainda uma idéa da sua antiga e poderosa energia de lobo do mar. Possui numerosa familia, filhas casadas e solteironas, que trabalham por si, lavando e engommando para fóra, como mouras; elle pouco pôde dar. Mas é extremoso por algumas, e adora os netos principalmente um delles, que fez crear em casa, o João.

Apezar de velho, cansado, as pernas tropegas e os braços já um tanto delgados pela atrophia dos musculos, atira-se ainda algumas vezes ao mar, correndo

á véla, guiando da pôpa as rêdes, ou patroando uma grande canôa que vac, de tempos a tempos, carregar na Capital para uma venda da Jurujuba. E é do mar que ainda lhe vem a vida, sendo o pequeno alto, o *Observatorio*, o seu governo, de onde domina as praias, as canôas, os pescadores e os peixes, na actividade constante dos vigias.

### III

No meio da alegre algazarra dos pescadores e roceiros, *companheiros* de rêdes, o Santos foi sentar-se, como de costume, á sombra de umas velhas aroeiras que dominam, a um canto, o *Observatorio*, com os seus rijos troncos torcidos pelo vento, as suas ramas finas, cobertas de continhas de lacre como gottas de sangue vivo. De um lado, touceiras de cardos, gravatás e ananazes do matto expõem os seus seios hostis, armados em guerra, como sabres agudos e denteados, e clavas antigas, erriçadas de pontas, numa ferocidade aggressiva e áspera ao meio ambiente. E, em toda a extensão da praia, a restinga, unida, de uma só altura, cuidadosamente aparada, por cima, pelo vento, como uma cerca colossal de jardim antigo, classico, torturada, alinhada pelo decote da cultura, no tempo de Luiz XIV.

E, por instantes, os olhos claros e pequeninos do Mestre de Rêdes, ficaram parados, luminosamente embedidos na sumptuosidade augusta e na magestade serena da bahia.

Era pelo meio-dia. O sol, no zenith, vertia a luz a prumo. Pairava no ar morno uma poeirada diamantada.

tina. Perto, a praia de Icarahy debruava a agua azul com a sua larga barra de giz. Em baixo do Canto do Rio, sobre as rochas alagadas, o marulho, o arfar continuo da maré-viva. Dilatando os pulmões, o aroma salubre da costa, mixto de alcatrão, musgo e algas marinhas, nas primeiras lufadas da brisa.

Então o velho gritou para os homens :

— Olha a viração ahi. Que bello dia para um bordejo !

Todos concordaram, n'uma alegria :

— E' verdade, bello dia p'ra uma corrida !

E, desviando os olhos, o Santos pousou-os proximo na longa faixa da praia faiscante, onde uma saia de chita vermelha perseguia uns rapazinhos. E reconhecendo-a :

— Lá anda a Constança ás voltas com os filhos, uns demonios, que a martyrisavam, com toda a sorte de tropelias ! Garotos, não trabalhavam, não iam á escola, só sabiam vadiar pelos caminhos. E a mãe que se escanzurrasse, a mourejar noite e dia. Tambem desde que lhe morrera o marido que era aquella lida, pobresinha !

Os outros voltaram-se a olhar a Constança, que se occultava agora no sopé da restinga, bradando, n'uma voz chorosa, irada, muito, afflicta :

— Oh estupores ! oh malditos !

Mas um ruido breve e secco de tamancos rebentou na estrada que atravessava o alto para o lado do Sacco de S. Francisco.

E uma rapariga magnifica appareceu, vestida de chita em cassa, toda rubra do sol, com o pretencioso de um samburásinho na mão. Era a filha do Rego,

uma morena carnuda, de amplos quadris, seios turcidos, virgens, cara larga, poderosa. Parecia um encanto, nas suas vestes simples, roliça e appetitosa ante o olhar acceso da matutada.

Ao approximar-se do *Observatorio*, colheu-a, festejando-a, uma graçola paternal e petulante do velho :

—Oh Marica ! oh feitiço !

—Mamãe está doente, *seu* Santos.

—De que ? fez o velho.

—Da maldita. Aquillo não a deixa mais...

E passou, na luz forte, na exuberancia das suas carnes juvenis, fecundas, deixando no ar uma sublevação de desejos...

O Mestre de Rêdes voltou de novo a contemplar o mar, quando de repente avistou um bote apontando na altura da Boa-Viagem.

Vinha fazendo bordadas na linha do vento, em direcção á Jurujuba. Mas manobrava mal, muito metido, carregado de gente. E, por vezes, nas viradas, as maretas mais altas, embatendo de pôpa, alagavam-o. No entanto, as vagas cresciam, espumavam. O vento, na ponta, dava de rajadas. O latino do bote, muito alto e caçado, vergava, e o casco esguio adornava fortemente, deitando a borda n'agua.

O Mestre de Rêdes ergueu-se, olhando-o sempre ; os outros, tambem de pé, cercavam-o, attentos, fixando igualmente, o pequeno casco.

A embarcação agora, na volta de terra, affogava-se n'uma bolina escassa. Governava mal, ás guinadas, e, por instantes, n'um risco, viu-se-lhe de fóra o fundo alcatroado.

O Mestre, então, exclamou :

—Nem sabem dar uns bordos ! Já mostraram duas vezes a quilha !...

E á proporção que o bote aproximava-se :

—O bote vira, o bote vira, o bote não aguenta aquelle panno ! E' chegar á ponta e está virado !...

Nesse instante, o bote, em cheio na rajada, voava n'um turbilhão de espuma. De repente o latino desapareceu nas aguas...

O Santos saltou, e n'uma autoridade :

—O' gente, vamos lá, vamos vêr aquillo !

E descendo tropegamente um dos trilhos de cabra do *Observatorio* com os remadores das rédes, tomou uma canôa de vóga que estava puxada na praia e, em multiplicadas remadas nervosas, chegaram á ponta, quando já o bote palpitava vencido, afundado até ás toleteiras, vasio de passageiros.

A um signal do Mestre, os homens lançaram-se ao mar e, suffocados, bufando, cuspiendo grosso a agua salgada, iam jogando para dentro da canôa os naufragos, já desacordados, sob o commentario faceto do velho :

—Escaparam de boas, escaparam !...

Assim retornaram á praia, n'um total salvamento, com o casco virado a reboque.

E quando, depois de despertos, os passageiros rolavam já n'um carro em direcção a S. Domingos, o Santos, do alto do *Obervatorio*, cercado de povo, que electricamente viera saber, vêr, se possivel fosse, o desastre, as novidades, bramava :

—Não ha mais policia, nem vigilancia da Capitania do Porto ! O que esses remadoes do bote precisavam,

era de uma boa cadeía e muita chibata para cima daquelles lombos !...

A tarde fenecia melancolicamente, na serenidade espiritual de um poente do Norte, coando-se por um vitral gigantesco de egreja. No alto, o Azul, empallidido e saudoso, parecia feito da seda murcha e gloriosa de um antigo velario. Toda a linha recortada da costa começava a esbater-se docemente n'uma sombra azulada. O vento forte do largo extinguia-se, amainava pouco a pouco, em bafejos exhaustos. E o mar, o vasto mar poderoso e profundo, reluzia olympicamente, para além, para além, n'uma pulverisação róxa e sanguinea de occaso.

Rio-fevereiro de 94.

---



## O MÔLHO DE LENHA

---

Desde meia tarde que o Manuel Felismino batia o campo atraz do *Russilho*, un bello animal que trocara havia semanas nas Aranhas, pelo seu *Alazão*. Em camisa, chapéo de palha á nuca, calças arregaçadas, uma corda de embira no braço, e n'uma das mãos um punhado de milho verde que agitava para os animaes pastando ao longe, percorrera tudo em balde para os lados de baixo—o rio do Braz, a Tiririca, as Piçarras. Tomava para cima, em direitura ás Coivaras, quando avistou tres cavallos galopando á distancia, para a banda dos Morretes, parecendo-lhe um delles o *Russilho*. Botou-se então a toda disparada, gritando :

—Tome ! tome !... Tome ! tome !...

Da roça do Juca Isidro, porém, avistou já os animaes cortando a passo para as picadas e, atravessando o caminho do Salvador, foi ataca-os junto ao Capão do Meio. Corria como um desesperado, quando de repente metteu um estrépe no pé, que o fez estacar n'um berro de dôr. Os cavallos, agora n'uma desfilada, ganhavam o Campo da Corôa, desapparecendo por entre as grandes macégas de rinchão.

O Manuel, todo coxo, sem poder firmar-se sobre o

calcanhar ferido, arrastou-se penosamente para um velho tronco de arvore que encontrou. Em seguida, cruzando uma das pernas, com a ponta da faca que trazia á cinta começou a extrahir, desgeitosamente, magoando-se, a lasca aguda de páu. Mas, n'uma pressa e nervoso, vendo que não pegaria mais o cavallo, quando tinha de ir sem falta á cidade pela madrugada, praguejava furioso—e seus dedos grossos e calosos tremiam, retardando a operação.

—Agora, ficava ainda a farinha por vender ! reflectia. E tão necessitado que estava ! Só pelo diabo ! Mal andara em se desfazer do *Alazão*, ao menos não saltava cercas como aquella peste do *Russilho*, que não parava no pasto. Todas as noites era aquillo, desde que o trocara...

E continuava a esfuracar o calcanhar, dolorosamente, com um manejo pesado e áspero de operador rude, quando lhe arrebatou a attenção uma vaga algazarra erguendo-se dentro do matto. Deteve-se, escutando. De instante a instante, risadas limpidas, frescas, crystalinas, esfuziavam, esparsas, no seio occulto das ramagens : subitamente cessavam, e só se ouvia o ramalhar das folhas ás rajadas do vento : logo após voltavam, entrecortadas de gritinhos vivos, alegres como um trinar de passaros : outra vez emmudeciam, e se ouvia então um continuo e sonoro quebrar de galhos seccos...

De cabeça erguida, investigando as sébes espessas, cercando o pequeno descampado, a ver se descortinava alguém, o Manuel murmurou :

—Ah ! são as raparigas que andam á lenha, talvez tivessem visto passar os cavalloos...

Inclinando de novo o pescoço, apressava-se, ás voltas com o pé, já sangrando sob o escarafunchamento brutal da lamina d' aço, brandida rudemente. E subito, arrancando o estrepe ensopado em sangue, que arrojou para longe, exclamou n'um allivio, respirando alto :

— Arre ! Vai-te, estupôr !

Ergueu-se, procurando alguma cousa para envolver a ferida, de onde sahia um filete de zarcão, e dando com umas folhas de mamona á beira do matto, entre uns cipós finos como barbante, enrolou cuidadosamente o pé experimentando-o sobre o chão. E, tomando a corda e as folhas de milhos que atirara á grama, internou-se pelas ramarias. Mas as raparigas já estavam longe, porque elle não as encontrou, nem as ouviu mais...

Varejada toda a matta, cahiu na planicie immensa, do outro lado, onde o campo tem uma amplidão de oceano. O sol, no poente, barrava o céu de lacre. E para cima, o Azul, arqueando-se magnificamente sobre os campos, tinha uma nitidez immaculada. Ao norte e ao sul, as montanhas. recortando-se no horizonte de uma côr esmaecida e saudosa de esmeralda, retinham ainda, sobre as altas encostas, angulos louros de luz, lembrando uma terra de milho maduro. Em baixo, o gado agglomerava-se, aqui e alli, sob as grandes arvores isoladas ou junto ás orlas dos capões, erguendo-se como ilhas, em jactos collossaes de folhas no meio da planura verde. N'um recanto além, para onde o campo abre, o mar, muito manso, com um clarão baço de espelho. Entre o mar e a planicie, os cômoros, em linhas parallelas, como gigantescas

cochilhas de giz em pó. Ao longe, na estrada da Cachoeira, um carro chiando monotamente, carregado de lenha. E cortando o ar, para as bandas da Rua Velha, o som doce e melancólico de uma *cantiga*.

O rapaz quedou-se, um momento, a contemplar o campo, n'uma immensa nostalgia, sob o crepusculo golfando sangue. Distante, nas planicies do Bom-Jesus, uma manada de cavallos seguia lentamente para o Campo da Corôa. Então mettu-se de novo a caminho, costeando o matto da Caeira, que percorria toda a frente do campo, do lado da freguezia. Mas, muito preocupado com as raparigas, pois lhe viera de repente á lembrança a Chiquinha Dutra, por quem era louco, e que de certo andava tambem entre ellas, parecia sentir de vez em quando, como um meigo rumor de risadas. Parava por instantes, mas só ouvia o ciciar queixoso da aragem nas folhas. Depois punha-se de novo a toda, com o seu *tome ! tome !* vibrante. Ao chegar á estrada real, cortando a matta para o interior desde a beira mar estacou de chofre, porquanto a manada tomara outra direcção, e elle ouvia, agora, distinctamente, para os lados de cima, estalarem as risadas.

Eram as raparigas retirando, com os seus mólhos de lenha—as filhas do Manuel Bernardino, a Chiquinha Dutra e as da Luiza Théa. Tinham ouvido a voz d'elle atravessando o campo, e como estavam sósinhas, temendo a presença de um homem sob as sébes fechadas, sahiram logo para a estrada. Mas a Chiquinha ficara ainda lá dentro, n'um pastinho, a amarrar o seu mólho, e ellas, inquietas, muito assustadas, com vontade de correr, entraram a chamar :

—Oh Chiquinha ! oh Chiquinha ! Apressa-te, rapariga ! Olha que ahi vem o Manuel Felismino ! Corre, mulher, senão elle nos apanha...

E sentiam, avançando sempre para ellas, ao longo da estrada, aquelle grito continuo, dolente e saudoso, como um chamamento em vão :

— Tome ! tome !... Tome ! tome !...

Mas a outra tardava, e as raparigas entreolhavam-se incessantemente, afflictas, os olhos muito abertos, accessos de temor, esquadrinhando a encruzilhada lá em baixo, de onde lhes parecia ia irromper, de subito, o vulto grosso e possante do rapaz.

A Chiquinha, dentro do matto, conhecera tambem a voz do Manuel vibrando ao longe, e ficara de repente nervosa, attonita. Espavorida, n'uma atarantação, não conseguia atar o mólho, porque as achas, reunidas á pressa, atabalhoadamente, fugiam, espalhando-se, sob os seus dedos tremulos. Quando ouviu os chamados das amigas, teve um desatino : sem poder mais amarrar a rebelde lenha, abarcou o feixe inteiro com os braços e, n'um ultimo esforço, precipitado, deitando-o ás costas, largou a correr. Mas, desorientada, cheia de perturbação, em vez de tomar para a estrada, enfiou pelo carreiro da Estiva, e nunca mais encontrou as outras que, sem a ouvirem, e desconfiadas da tardança, já haviam rompido a caminhar a toda...

O Manuel Felismino, não ouvindo mais as risadas, detivéra a marcha junto a uma grande figueira, que sombreava a estrada com a sua linda e gigantesca umbella verde de folhas. Ahi entrou a considerar para que lado teriam tomados as raparigas, quando

se lembrou de repente de ir até á Estiva. Talvez andassem pór lá !

Antes de retomar o caminho, porém, para não dar mais passadas em vão, resolveu subir á arvore, de cujo cimo se descortinava tudo para aquellas bandas ; e mal galgara os primeiros galhos, plainando já acima dos arbutos em torno, o pasto da Roça de Baixo se lhe estendera á vista, muito verde ainda á luz fria e cinzenta da tarde. Então, esticando-se todo para a frente, agarrado á extremidade de um ramo, lançou um olhar para além envolvendo a paisagem inteira na sua grande visão. De repente, viu surgir na fita branca de um estreito carreiro uma saia de chita vermelha, cujo corpete desaparecia sob um mólho de lenha. E fixando o vulto por instantes exclamou ruidosamente :

—A Chiquinha ! A Chiquinha !

Immediatamente jogou-se tronco abaixo e rompeu a correr naquella direcção .

A rapariga, agora, morta de cansaço, as pernas trémulas, as costas a doerem-lhe, parara esbaforida : sentara-se, offegante, sobre a lenha que arrojara ao chão, olhando a crescente sombra invadindo os massiços de folhagem e a superficie reluzente de um banhado ao pé, onde parecia ficarem congelados, n'uma placa polida d'estanho, os ultimos clarões do poente. . . Mas a agitação em que estava e os sustos continuos, com a ameaça aterradora da noite a cair, levaram-n'a logo a eguer-se. Tentava juntar de novo a lenha, que se esparramara sobre o capim, quando sentiu um rumor mais forte nas folhas. E, com um brilho louco nos olhos, espavorida, desvairada, deitou

a fugir, abandonando tudo, rasgando-se e arranhando-se toda pelas sébes do caminho. Corria n'uma allucinação, como perseguida, os cabellos no ar, aos gritos...

Ao varar a Estiva, o Manuel já não a viu mais, encontrando unicamente o mólho de lenha, abandonado no chão. Tremia tambem, agora, ouvindo a repercussão nostalgica daquelles gritos, ecôando polas mattas, abalando, pertubando a doçura melancolica das *Ave-Marias* Receiava que fossem ouvidos lá em cima, na freguezia. E timidamente, n'um temor ingenuo de alma casta e primitiva, arrependido de ter seguido a rapariga—teve subitamente um movimento de fuga, com medo de que alguém acudisse. Mas vendo o mólho de lenha, alli de rôjo sobre as hervas, susteve-se, reflectindo. E, enternecido, pensava na falta que aquella lenha não faria na casa da tia Sebastiana, a mãe da Chiquinha, que quasi não se podia mover, paralytica das pernas, havia annos, n'uma viuvez desolada. A filha é que lhe fazia tudo, com a sua robustez de novilha—plantava a roça, acarretava a agua e a lenha, desde menima, n'uma tarefa penosissima, sempre alegre, entretanto, com o seu lindo rosto rosado e os captivantes olhos magnificos.

— Mas a culpa era della ! exclamava, n'uma emoção intima, os olhos rasos d'agua. Sempre a fugir delle, a arisca ! Nunca se vira uma cousa assim ! Havia quasi um anno que era aquillo ! Elle sempre a affagal-a, a seguil-a, n'uma ternura de cão ; ella sempre a repellil-o, com um desprezo esmagador ! Já n'outro dia, na fonte, quando se lhe approximara, pedinho-lhe que o cuvisse, porque já não podia mais—ella voltara-

lhe as costas desdenhosamente, fugindo ! Uma noite, no engenho do Marcellino, brincando o *Tempo-será*, despedira-se só porque elle apparecera ! Ah ! era horrivel ! Mas elle ia mostrar-lhe agora o mal que lhe queria...

Então, amarrando a lenha e pegando-a ás costas, começou a caminhar. Muito feliz, com aquella carga amada onde ella deixara como o perfume das suas carnes virgens que elle sorvia arrebatado, rompeu a cantar.

Anoitecia. Os furos de alfinete das estrellas começavam a reluzir, côr de prata, no céu negro e macio. Na encosta escura, aqui e além, lumes ardiam, nostalgicamente, entre a verdura. E pelas moitas altas da estrada, o cri-cri fino e metallico dos grillos.

Chegando ao terreiro, o Manuel, sem ser presentido, atravessou para os fundos, indo depositar a lenha d'encontro á parede da cosinha, onde flamejava o brazeiro. Por uma frésta, lobrigou a Chiquinha fazendo a ceia, agachada no chão, junto ás chammas vermelhas, emquanto a mãe, muito magra e nodosa como uma velha palmeira, cruzada sobre um roto pedaço de esteira, fiava o gravatá rodando dextra-mente o fuso nos dedos. Alli ficou longas horas, a olhar ternamente aquelle recanto de lar, doce e humilde, ao qual queria bem pertencer...

No outro dia, pela manhã, a Chiquinha Dutra teve uma grande surpresa, ao deparar com o mólho de lenha no terreiro. Calculou logo que tinha sido o Manuel, e, pela vez primeira, ficou pensativa, n'um enternecimento, n'um enlevo, invocando o nome delle. Perdia-se n'um tropel de recordações. Via-o, pela

imaginação, approximar-se della, terno, sincero e bom, implorando-lhe anciosamente o seu amor, n'uma voz meiga e trémula, acariciadora, como no dia em que lhe appareceu junto ás pedras da fonte. Mas já não fugia, fascinada e tonta, presa á luz viva dos seus olhos penetrando-lhe o coração. E concluia, meigamente, n'uma grande piedade, os olhos cheios de pranto :

—Que devia corresponder-lhe... Sim ! corresponder-lhe, entregando-lhe a sua alma ! E ser só delle, devotadamente, e para sempre !...

E, intensamente abalada por essas reflexões, na sinceridade e na emoção profundissima do seu primeiro affecto, entrou em casa soluçando...

D'ahi por diante, todas as tardes, quando elle passava da rêde, ella ia esperal-o á porteira, sob a fronde das velhas laranjeiras murmurossas, á hora em que o sol cabe no occaso, ao reluzir das primeiras estrellas...

Rio, 1893.

---



# A PESCA DAS TAINHAS

---

(A MANOEL CURVELLO)

## I

Do lado de léste, do mais alto cabeço da penedia, o vigia rompera a acenar com a sua camisola vermelha. Era um magóte de tainhas que negrejára ao longe, á superficie do mar verde, caminhando na direcção de terra.

No rancho do Amaro, a muitas braças distante, estavam as duas canôas grandes, carregadas de rêdes, puxadas de popa até meia praia, sobre grossos rôlos enormes, com as suas prôas finas e alterosas de gondolas que cortam as vagas iradas. Voltadas para o mar, na maré que subia ás vezes arrancavam por si mesmas, investindo contra o oceano, na arrebenção espumosa. Então os tripolantes, camaradas e ajudantes das rêdes, que se achavam deitados, á espera que o peixe apparecesse, fumando e falando á sombra do rancho que o vento do mar refrescava, acudiam correndo e, atirando-se ás ondas revoltas que os engoliam até à cintura, voltavam com ellas de rastos, praia acima, segurando-as pelas toleteiras e bancos,

todos curvos e rubros naquella rude applicação muscular.

De repente, o Delfino, um dos proprietarios das rêdes, que estava de pé sobre um cômodo, a fixar o mar e varios pontos da costa com os seus olhos de grande visão, deparou com a enorme manta de peixe, ao mesmo tempo que déra com o signal do vigia: e no atabalhoamento constante de nervoso, os braços no ar, botou-se a toda para o rancho, a gritar:

— Lá estão abanando! lá estão abanando! Repontou agora, na altura dos Ganchos uma manta de peixe que é um Deus nos acuda! Corram! Olha as canôas que larguem. Depressa!...

Todos ergueram-se á uma, olhando o mar, com as mãos arqueadas sobre os olhos. Gritos estrugiam de todos os lados:

— E' verdade, que alentada que era, Nossa Senhora! Nunca se vira tanto peixe assim! Eram para mais de cem mil! Aquillo ia coalhar tudo...

Além, de pé, sobre a rocha alta, o vigia continuava a acenar.

As canôas largaram immediatamente para as bandas da Ilhota, afogadas em rôlos de espuma que rebentavam ruidosamente á prôa, levantando-as no ar. O pessoal das rêdes deitou a correr por terra, abanando tambem. O peixe vinha pouco a pouco acostando, entre a ponta do Rapa e as Feiticeiras. Ahi as canôas aportaram por instantes, largaram em terra o calão, que um camarada segurou logo e fizeram-se ao largo, contornando por fóra, em perpendicular á praia, o magote inteiro, agora mais conglobado na volta da enseada.

A' proporção que se afastavam as canôas, o patrão, á pôpa, ia dando cabo—e a bêta negra desenrolava-se, o chicote em terra, o seio a riscar as aguas balançantes. Depois, lá fóra, além, as embarcações descreveram uma curva em direcção ao Canto das Pedras e as cortiças redondas começaram a fluctuar, espaçadas na tralha, como um cordão de enigmaticas reticencias, que os vagalhões sacudiam e desalinhavavam no seu dorso espumoso.

As canôas aportaram de novo, vasia, alagadas das invasoras ondas hostis, conduzindo a outra ponta da bêta, que traçava sobre o mar como o desenho gigantesco de uma ferradura.

Naquelle dia era esse o primeiro lanço.

Os ajudantes e camaradas, arrumados em duas turmas, uma a cada ponta do cabo, entraram a puxar as rêdes em fila, a um de fundo, com os pés fincados no chão, caminhando de costas, n'um esforço lento e poderoso de bois de canga, como se estivessem a arrancar alguma pesada, invisivel riqueza do fundo torvo do mar. Mas parecia trabalharem esterilmente, porquanto o serviço não avultava senão em rôlos infundaveis de cabo, que rapazinhos arranjavam, aqui e alli, por sobre a faixa branca da praia.

Entretanto o enorme disco preto de ferradura diminuia aos poucos e as cortiças balançantes se approximavam mais..

## II

Era em principios de junho, um domingo de tarde. No alto, o céu limpido e azulado arqueava-se n'uma

translucidez magnifica. A' margem das estradas arenosas e brancas os colleiros dobravam nas ramagens altas. Sopravam leves aragens de norte, calidas ainda n'este começo d' inverno. Os cafezaes tufados cercam as casas de basta verdura carinhosa, e os laranjaes estrellados de fructos d' ouro murmurejam e lançam perfumes capitosos, que enlanguescem as lindas raparigas alegres que perpassam, aos grupos, faceiras e de mãos enlaçadas, convidando-as a amar pelos caminhos agrestes. Os campos de Cannasvieiras verdejam e criam, com os seus altos capões de matto banhados de sol, adormecidos e cheios de silencio n'uma paz luminosa.

As filhas do Amaro, como haviam combinado pela manhã, na missa, com as primas da Cachoeira, estavam já á espera, sentadas ao paredão do terreiro, com os seus paletots brancos bordados, vestidos de chita em cassa e fitas azues no cabello. Iam até á praia vér as rêdes cercar, porque o dia estava admiravel. Tinham-se juntado as duas rêdes, a do pai e a do Delfino, da Varzea de Baixo. Depois o Justino, o primo da cidade, o filho da tia Josephina, havia chegado na vespera á noite, com uns moços, para o baptisado do filho do Chico Abreu e, segundo tinha dito, na igreja, talvez fosse até á praia, de tarde, com os companheiros, que desejavam assistir ao lancear das rêdes.

E as raparigas do Amaro tinham logo ferrado namoro com dous dos rapazes, apezar de uma dellas, a Candóca, achar-se compromettida com o Zé Souza, um rapaz moreno e robusto que era patrão das rêdes.

Elles já tinham passado, os rapazes, pois que a Rosa

do Albino os avistára lá do morro, quando fôra mudar a vacca.

As primas chegaram d'ahi a instantes; mas antes mesmo de se beijarem, as outras, que já estavam inquietas, romperam a se queixar da tardança :

— Ave-Maria, que tempo levaram! Já pensavam que não vinham! Tanta demora! O que tinham feito até áquella hora, as preguiçosas?...

As primas atalharam logo, sorrindo :

— Cruzes, mulheres! Que impaciencia! Pois a que horas queriam que viessem? Aquillo tambem não era sangria desatada...

E todas juntas desceram a escada de pedra, apressadas, a cochixar ao ouvido umas das outras, com risadinhas sonoras : tomaram á direita, muito alegres, pela estrada a fôra, com as fitas ao vento, n'uma palração animada.

Homens a cavallo, vindos de longe, das Aranhas, dos Inglezes e das Capivaras, passavam por ellas, dando-lhes “ boas tardes ”, trotando. As raparigas respondiam quasi, gracejantes, tolhidas por ondas de riso torrencial, zombeteiro e crystalino, riso perenne e roceiro das moças em bando. E proseguiam, enchendo o caminho de gorgeios e sonoridades ineffaveis, a se beliscarem entre si, aos empurrões e aos saltos, sentando-se ás vezes na areia clara a repousar por instantes, outras disparando loucamente, n'uma inquieta expansão adoravel. Assim chegaram á praia.

O sol ia rolando no poente dourado : a praia branca faisca e um canto de mar reluz phantasticamente, coalhado d' ouro, com intensas espelhações côr de braza.

## III

Os camaradas e ajudantes das rêdes colhiam, agora, com admiravel trabalho de desteza, as primeiras malhas. O peixe sentindo-se em secco, entrou a saltar, aos milhares, com relampagos côr de prata indo cahir do outro lado da tralha, com um ruido de mancheias de pedras arremessadas á agua. Cavalleiros, homens a pé, mulheres, crianças, affluíam, correndo de toda a parte. E o peixe começou a alastrar a praia, n'uma onda viva e colossal de corpos fulgurantes, torneados, polidos, como formados d' aço, a se debater, aos roncões, n'uma augustia e convulsão de morte, as bocças abertas, offegantes, como exhalando almas. Eram tainhas do corso, de mais de meio metro, lançadas alli aos milhares, de barriga argentea e dorso verde-negro, a cabeça alentada, a chicotear tremulamente, com as escamosas caudas de prata, o pó alvo, granulado da areia. As rêdes rojavam agora, em desordem, naquelle pedaço da costa, com o seu esburacado tecido de malhas, á maneira de velhas bambinelas rasgadas, sacudidas á babugem e lixaria das praias.

Mas os remadores das canôas volveram logo a cuidar das rêdes, lavando-as e embarcando-as com prodigiosa actividade, enquanto o resto do pessoal pegava as tainhas no laga-mar e sacudia-as ao alto da praia, contando-as aos pares, n'um enorme montão que augmentava.

— Cem mil! gritou o Zé Souza, erguendo-se e mandando botar para baixo a canôa que patroava.

As filhas do Amaro e as primas olhavam, de cima

de um cômodo, falando alegremente, ao lado do Justino e dos outros rapazes, que commentavam com admiração o prodigioso lanço. Filhos da cidade, assistiam pela primeira vez, encantados, áquelle bello espectáculo. Só o Justino, que alli nascera e alli se creara até os quatorze annos, havendo capinado outr'ora a sua terra e puxado a sua rêde e o seu carro, e que, não fazia muito tempo, deixara o sitio para se ir empregar na cidade — mostrava-se indifferente a tudo aquillo. Comtudo, ás vezes, nos momentos de desanimo, que de saudades! dizia. Os outros affirmavam que aquella vida era incomparavel, não havia melhor. E diziam querer envelhecer e morrer, serenos e cheios de paz, em um sitio como aquelle, com uma rêde de pesca, uma roça, um cavallo de montaria, uma junta de bois e um carro, n'uma casinha branca, com o engenho da farinha ao lado, entre pomares, ouvindo os sabiás cantar nas lorangeiras em flôr,

As moças riam, replicavam :

— Qual! Era o que elles diziam. Não havia nada que se comparasse á cidade. Aquillo era um deserto, cheio de tristeza e miseria. Nem bailes havia! nem festas! nem procissões! nem nada! Bem o podiam dizer, ellas, que alli passavam a vida...

Mas o Zé Souza dêra com as raparigas e ficára a espreitar um bocado, suprehendido, por trás de uns cavalleiros apeados — roido de ciume, com uma pal-pitação repentina e relampagos de ira no olhar. Já desde a vespera, á noite, em casa do tio Amaro, na varanda, quando chegara e encontrara aquelles *pacholas*, tinha notado que a Candóça não tirava os olhos de um delles. Marcara bem o sujeitinho, muito

disfarçado, a rir e a contar proesas. Aborrecido, quizera-o rebentar a murros, logo á sahida de casa, mas não o fizera por attenção ao Justino, que era seu amigo, mesmo porque pensara que a *historia* não fosse adiante, pois elles retirar-se-hiam naturalmente após o baptisado. Mas alli estavam ainda — elle muito tolo, ella muito derretida, a lambisgoia. O rapaz que não se fiasse, entretanto, e se puzesse bem com Deus, porque elle já se ia azedando e era muito capaz de lhe acabar com a casta.

Com effeito o Zé Souza andava triste, sombrio : passara a noite em claro e amanhecera desfigurado, cavado com uma grande agitação.

Os camaradas, que haviam notado o transtorno perguntavam-lhe :

— Oh Zé, o que é que tens, rapaz ? Olha que estás hoje com uma cara... Va se ver que te fizeram por ahi alguma !

O Zé Souza desculpava-se :

— Que não ! Nempre se estava para rir. Depois era melhor que o não incommodassem...

Os amigos não lhe tornaram a fallar mais n'isso, mesmo porque a faina das tainhas, absorvendo-os, apagara de todo aquellas impressões...

Mas na canôa, que estava a largar, os tripolantes entraram a gritar pelo Zé Souza. Elle voltou-se de subito :

— Já lá vou !

Em seguida, de um pulo, galgou o espelho da pópa, e cahiu em pé no paneiro, governando a canôa, que saltava na vaga — intrepidamente, com agilidade de profissional e de artista.

A outra canôa já fizera também ao mar.

Iam dar o segundo lanço. Mantas de peixe successivas vinham demandando a costa, á aproximação da noite.

Na praia, havia agora uma agglomeração de povo. A noticia das cem mil tainhas mortas á tarde — o maior successo da pesca naquelle anno, no logar — levada de bocca em bocca para o interior, despertara a boa gente dos sitios, entediada e vasia nesse longo diade descanço. E a população das freguezias mais proximas parecia vasar-se toda para alli, á maneira desses pequenos riachos que a baixa-mar entope, mas que nas grandes marés abrem fóz e se expandem para o mar.

#### IV

O sol desfallecera de todo, entre purpuras luminosas, quando teve logar o segundo lanço das rêdes e d'esta vez cento e cincoenta mil tainhas foram arrancadas ao seio inesgotavel do oceano. Immensos montões de peixe juncavam a praia, semelhando prateadas dunas, que nesse instante immergiam na poeirada negra e invasora do crepusculo. Uma aragem fria agitava os palmeiraes e o céu no alto começava a se doutrar de estrellas.

As raparigas do Amaro e as primas, alegres e palradoras naquelle prazer e bom humor que o namoro produz, acompanhadas pelo Justino e os amigos, tinham-se ido recolher ao rancho, onde o velho pai se achava e ardia o lume confortante e doce de uma fogueira. Ahi accommodaram-se todas, e mais as da

Luiza Théa, que iam chegando, em duas pequenas canôas que havia, enquanto os rapazes ficaram á porta, encostados ao esteio grande da frente.

O Delfino tinha dado ordens para que fossem á Rua Velha arranjar os carros para a conducção do peixe. As rêdes já estavam a enxugar, recolhidas aos varaes. E as canôas grandes de voga carregavam, promptas a seguir para a cidade, pela madrugada.

Mas o Zé Souza, que seguira tenazmente do mar, da alta pôpa da sua canôa, n'um odio surdo, occulto e opprimido no peito como o explosivo das bombas, o triumpho do rival, sentindo o coração amantissimo n'um despedaçamento supremo á ruínia daquella paixão que era a alegria e o encanto de toda a sua vida — mal largara o trabalho, viera encostar-se sorrateiramente a uma das empenas do rancho, do lado dos fundos, a espreitar, por entre a tiririca espessa do tecto achaletado e baixó, afim de melhor certificar-se daquella immerecida traição que o alanceava e torturava tanto. E vendo a maneira por que o rapaz e ella se entreolhavam e sorriam, cheios de ternura, á chamma saudosa daquelle fogo, que estava para alli a arder, entrou a sentir um grande dolorimento e uma grande saudade do tempo em que fôra tão querido e tão amado por ella que, muitas vezes, se encontravam sósinhos, aos abraços e beijos, á sombra dos laranjaes...

Accommetteu-o uma horrivel afflicção, que lhe traspassava o peito com um regelamento de gume affiado, quasi a sensação arripiante e mortal de mil laminas eléctricas, espetando-lhe furiosamente ás carnes.

Veiu-lhé um accesso de lagrimas, e enterrava nervosamente as unhas no esteio onde se apoiava para poder soffrear os soluços continuos que lhe estrangulavam a garganta. E, por instantes, os objectos em volta começaram a dançar-lhe sob os olhos alagados, onde todá uma fileteação de crystal lhe raiava as imagens, roubando-lhe a nitidez da visão. Muito perturbado, a esfregar desesperadamente as palpebras, com a cabeça a latejar de dor sob o acelerado martelar das arterias, que uma forte circulação produzia, teve de repente uma idéa cruel de vingança — esbofetear ou destripar alli mesmo, em presença de todos, o miseravel que ousava destruir os seus affectos e perturbar a paz do seu coração. E, allucinado, investiu para a porta do rancho. Mas estacou de chôfre, porque os rapazes haviam agora entrado, e o tio Amaro estava lá dentro para impedir o plano. E mordendo os beiços, n'uma furia e n'uma medonha irritação animal, resolveu aguardal-os, mas sem ser visto, do lado de fóra, firme e de pé como uma sentinella.

Vinham chegando os primeiros carros, que faziam uma volta perto do rancho, rolavam para trás, indo encostar o arcavêro de encontro aos montões de peixe. E ouvia-se no escuro a voz grossa do carreiro :

—Eh *Captivo* ! Eh *Estrella* ! Fasta... fasta...

Os homens das rêdes entraram então a jogar o peixe para dentro das sébes, sobre o estrado do carro, aos trambolhões, n'uma faina de mil diabos. E de tudo aquillo exhalava-se um cheiro acre de maresia.

O Amaro sahiu então a dar ordens, emquanto o Delfino, por outro lado, despachava a multidão de compradores de peixe, repartia o quinhão dos aju-

dantes e dos camaradas, jubiloso e risonho, continuamente a bracejar e a fallar, na sua grande animação, daquella pesca oppulenta. Na escuridão, ora mais condensada, havia um movimento ruidoso, uma completa confusão de silhuetas que se cruzavam phantasticamente, como n'um pesadelo dantesco. E através de tudo, ouvia-se, de vez em quando, um intenso rosnar de cães esfomeados, que disputavam o sustento.

Era uma lufa-lufa. Todos queriam ser simultaneamente servidos. Uns apossavam-se dos quinhões dos outros e vice-versa. Ninguem se entendia.

O Delfino então protestava, oppunha-se :

— Que esperassen, os diabos! Que esperassem...

As raparigas e os rapazes acudiam á matinada, iam deixando o rancho, quando o Zé Souza saltou de repente de um canto, segurou o rival pela garganta, metteu-lhe um joelho no peito, sacudindo-o longe, por cima de um montão de peixe. Em seguida cavalgou-o, crivando-lhe a cara de punhadas herculeas, sob as quaes o sangue espirrava, em jorros...

Todos então correram, gritando:

— Não o mates! Não o mates!

E seguraram o Zé Souza, que debalde se debatia, rosnando :

— Deixem-me! deixem-me! Quero ensinar este cão!

O Amaro e o Delfino intervieram tambem :

— Tu estás doido, ó Zé? Toma juizo. Tu não tens vergonha?...

O Zé Souza afastou-se então, de cabeça baixa, silenciosamente, mettendo a camisa para dentro das

calças. O outro, cercado pelos amigos, levantou-se, tonto, todo sujo, a cara devastada, ensanguentada, empastada de areia, os cabellos revoltos, á procura do chapéo.

As moças, accomettidas de grande susto, muito nervosas, tinham-se refugiado no rancho, sem terem podido perceber bem o barulho—e permaneciam ainda inquietas, trémulas, todas pallidas, a perguntar :

—Que fôra ? Que acontecera, Virgem Maria ?...

O Amaro appareceu ao momento, com o seu rijo carão severo :

—Andem ! Vamos ! Só tinham vindo alli para aquillo... E até aquellas horas !...

As moças, muitos sérias, muito tristes, puzeram-se a caminho, sem uma palavra.

A multidão principiava a retirar-se.

Os carros, completamente atulhados, rolavam já pela praia acima, os rodeiros enterrados na areia, chiando monotamente. Os carreiros, na frente, a aguilhada ao hombro, iam cantando a *Tyranna*. E além vinha despontando a lua, redonda e branca, a illuminar tudo com a sua luz fria e de prata.

Rio, 1891.

---



## A ULTIMA FORNADA

---

(A JOÃO RIBEIRO)

Naquelle dia era uma lufa-lufa no engenho do Rosas. Desde meia-tarde que aquella boa gente, trabalhadora algazarrava expansiva, na doce alegria bem ganha de uma rúde tarefa acabada.

A mandioca daquelle anno—abundante que nem herva, Jesus!—dava quinhentos alqueires e estava toda reduzida a farinha, e farinha torrada e clara, parte ensaccada e parte empaiolada já, a que era para negocio e a dô gasto da casa. A' bocca da noite, quando o nordéste de junho, mais afiado e cortante, assobiava e gemia na palha do engenho e nas laranjeiras em redór, após o desfallecimento radiante do sol—fôra retirada a ultima fornada, em largas cuias de meio alqueire. E a familia da casa, e moças parentas que tinham vindo ajudar a farinhada, peneiravam umas, n'uma pequena gamela bem limpa, massa para beijús, emquanto outras a conduziam já para o forno, agglomerando-se em roda e distribuindo-a aos punhados que, dispostos em ordem sobre a chapa escaldante, tomavam logo, na sua brancura, a fôrma achatada e redonda de pequenas luas.

Nessa encantadora e feminil tarefa, a Mariquinhas Rosas, uma das quatro filhas do velho lavrador, a terceira, a mais graciosa dellas, pela adoravel vivacidade dos olhos negros rasgados, pela alvura alinhada dos dentes são e pelo arrebitado atrevido mas tentador do narizinho curto, era a mais empenhada e adestrada de todas na factura dos beijus, sobretudo nos de folhas, cuja massa é tomada em maior porção e preparada nas mãos, entre duas folhás tenras de bananeira, á semelhança dos bolos de milho grandes.

No engenho, havia até aos mais remotos cantos um largo e confortante calor de estufa, que vinha da bocca do forno em brazas, collocado a um angulo, e de onde irrompia um grande clarão vermelhante, de uma illuminação intensa e rubra de cyclope, ao sahir do brazeiro, e branda, esmorecedora e suave no tecto e para os outros pontos afastados, onde a escuridão agonisante tinha, por vezes, audacias indomitas, tentando invadir tudo quando o fogo desfallecia nas achas. As varas finas da cumieira, os caibros, o grosso pião a pino, a roda grande dentada, a de cevar, ou bolandeira forrada de uma chapa de folha, limpida e reluzente como prata, todas eriçada das saliencias hostis que devoram as raizes, o cocho grande da lavagem, o da escorredura e a immensa almanjarra em arco, que volteia e movimenta tudo no pescoço rijo e impulsor dos bois de canga trabalhadores—destacavam-se como o arcabouço estranho e rude, monstruoso de um animal primitivo, aquella luz enternecedora e saudosa, companheira fiel do trabalho honrado e humilde, e que se ia extinguir, d'ahi a instantes, para só reviver um anno depois !

Logo que a primeira série de beijús foi retirada do forno, a Mariquinhas, tendo tudo disposto para entrarem as outras, deixou as alegres companheiras e afastou-se d'alli, apressada, n'um provocante cadenciar de ancas virgens, porque a mãe a chamara para arrumar o resto da roupa no balaio, enquanto ia, por outro lado, cuidar do trem de cosinha e depois dar uma chegadinha ás Areias, ao José Marcellino, que ficava a cem braças.

Era a um canto do engenho, no mais vasto, onde se accomodava toda a familia—um lugar dividido apenas em dous por alguns fragmentos das sébes velhas dos carrosse dos paiões, postas ao alto e unidas em cima nos caibros, sendo um lado occupado pelo velho casal e outro pelas raparigas em commum, filhas, parentas e moças da vizinhança, toda essa adoravel e ingenua gente dos sitios que, á noite, se reúne e dorme pelos engenhos, na quadra das fari-nhadas.

O cocho grande, que era o primeiro deposito onde se despejava a farinha já prompta, feito de uma velha e enorme canôa, ficava tambem desse lado, correndo na direcção dos dous quartos, justamente para onde dava a abertura. As ultimas fornadas o repletavam já, fazendo no centro um elevado cocuruto de uma brancura de neve, que ia descendo e diminuindo sensivelmente para as extremidades, tal qual um cômodo de ariea solta. Desse lado, onde o clarão do forno esmorecia de todo, e sentada na extremidade aberta, n'uma beirola da madeira, com uma antiga candeia de quatro bicos ao pé, que mal alumiaava o obscuro recanto—estava a rapariga muito bem a arrumar a roupa,

quando, pela porta dos fundos, surgiu de repente o Manuel Rita, o endiabrado e moreno rapaz que era os seus feitiços, e que, acercando-se logo, como um namorado querido, começou a bolir-lhe nas mãos, no queixo, nos cabellos e nos seios, de olhar acceso e vivíssimo, com as suas costumadas graçolas e cócegas. Em seguida, arredando o balaio, e cahindo junto aos joelhos da raparigas, que o fixava silenciosamente, com uns olhos meigos e humidados, chelos de um brilho ineffavel, extasiada e passiva ante as suas masculas e vencedoras caricias, totalmente entregue aos seus braços grossos e virís, que lhe enlaçavam docemente a cintura—prorompeu a falar-lhe baixinho, com uma grande doçura. E ia apertando-a contra si, estonteadando-a e vencendo-a com o seu halito morno, a sua voz terna e supplice, trémulo, resfolegante, febril. Ella, sem forças para se lhe oppor, na sua profunda paixão, murmurava apenas, quasi indistinctamente :

— Não !... Não !...

E desfallecia sobre o montão de farinha nevada, como entre os lençóes puros de um thálamo...

Para os lados do forno, reinava ainda a faina femínil dos beijús, n'uma algazarra alegre e vivaz, cortada ás vezes de crystalinas risadas.

De repente, lá fóra, no terreiro, uma voz grossa berrou :

— Oh ! Manuel Rita, ó diabo ! Olha os bois p'ra cãnga !

E o rapaz, então, assustado e tremendo, deitou a correr, sem ser visto, para a janella da empena, que galgou de um salto.

— Eh lá, Simão ! Já lá vou...

E enveredou para o pasto, cantando o *Querido bem*, n'uma toada sonora e vibrante, cheia de notas alacres de triumpho.

Nesse instante, a tia Anna Rosas chegava. Estivera com as do José Marcellino. Lá ainda se raspava e forneava que era um Deus nos acuda. Não era por aquelles seis dias que haviam de acabar. De mais a mais, o José Marcellino, coitado, estava com as maletas...

As raparigas tinham acabado de torrar os beijús, recolhendo-os em montes e arrumando-os n'um pequeno cesto. O Simão e o pai, fóra, defronte á porta grande de engenho, punham a sébe no carro, que estava já com o cabeçalho suspenso, sobre o muchaco, a canga e os canzis promptos para abrochar os bois.

A velha Anna, com a costumada actividade de mulher magra e trabalhadora, mal entrou da rua, voltou ainda a remexer pelos cantos, do lado do fogão, no caixão do trem, pelos tipityns vasios, pela mesa da prensa, por trás dos cochos, por tudo, á cata de algum objecto esquecido, dando as ultimas ordens :

— Andem ! andem ! Vejam se não esquecem nada. Olhem que já vai ficando tarde...

O velho Rosas, então, gritou « que o carro estava prompto, que não perdessem tempo, embarcassem. Já era tambem embromação de mais ! A que horas iam chegar á casa, Santo Deus ! »

As moças enfiaram logo para o terreiro, a pequenas carreiras, aos saltos, aguilhoadas pelas palavras sibilantes da velha, que ralhava esganiçadamente, na pre-

cipitação da partida. E quando iam todas a subir para o carro, deram por falta da Mariquinhas, que entraram a chamar alto, censurando-a pela tardança :

— Oh ! Mariquinhas ! Mariquinhas !

E a qualificavam de “ molleza, pamonha tança ”.

A velha, furiosa, entrou a descompor :

— Anda d’ahi, diabo ! Olha que eu lá vou e esfregote ! Ora espera, ora espera...

E já ia para descer, quando a rapariga appareceu, arrastando-se vagarosamente, de olhar no chão e chorando, com o balaio da roupa debaixo do braço. Ainda de preto, por causa do tio Quincas, que morrera ha trez mezes de barriga d’agua, trazia impresso pelas costas, desde a cabeça até á orla do vestido, como um véo transparente de tulle. E assim, como quem vai para um estranho noivado, subiu para o carro, contrariada, abatida, sob as suas vestes ltuosas e nupciaes.

Os bois puxaram. O Simão, á frente, a aguilhada ao hombro, soltou uma cantiga melancolica. O carro, as cunhas desapertadas, rolava em silencio pela estrada branca. E no alto, a noite azulada e limpida, como em geral as noites tropicaes d’inverno no Brasil, tinha um grande esplendor sideral, inteiramente pospontada d’ouro.

Rio, 1891.

---

# NA ILHOTA

---

(A SANTOS LOSTADA)

## I

Nessa noite de S. João, em Cannasvieiras, tudo gelava. Mas, desde o escurecer que o estreito e arenoso caminho da praia, nos outros dias silencioso e deserto, cobrira-se de gente, enchera-se de animação e ruído. Eram famílias da freguezia e circumvisinhanças que se encaminhavam para o mar, até á Ilhota, onde havia os festejos de todos os annos, em casa do João Monteiro. A festa lá, nessa noite, ia ser boa, porque coincidia com as festas da chegada do Manuel Lemos, o capitão do *Estrella*, o noivo da Mariasinha, que vinha da costa d'Africa, por onde errara longos mezes, sem se saber d'elle, na ultima viagem; e a sua volta, depois de tanto tempo, derramava uma grande alegria no seio da boa gente do Monteiro e por todo o sitio, onde era muito estimado.

Choviam os commentarios com o regosijo inesperado do apparecimento do navio que já contavam perdido, lembrando-se do *Gaiyota* que, de uma feita, indo para

a Costa, desaparecera por esses mares de Deus! E o Chico Helena, que fôra nessa viagem, coitado! ninguém mais soubera d'elle! Felizmente ao Manuel não lhe succedera aquella desgraça...

O navio do Manuel Lemos era um magnifico brigue, ha poucos annos reconstruido, e que se chamara outr'ora o *Galgo*. Valente nos temporaes, muito seguro, era celebre pela velocidade da marcha no tempo do trafico dos africanos, em que, mesmo nas situações mais arriscadas, soubera sempre, com exito, em meio dos vagalhões encapelados do Atlantico, fugir á prôa perseguidora e temerosa dos cruzeiros inglezes. Contavam-se d'elle, dessa época, episodios heroicos, lendas que o sol dourara e o oceano embalara em seus braços gigantescos, faltando-lhe apenas as narrações de Fenimore Cooper. A' pôpa, á bolina ou a um largô não havia então quilha que o vencesse. E isto fazia agitar, muitas vezes, a calma habitual dos officiaes inglezes que lhe davam caça, perseguindo-o, tenazmente, por longos dias azues de céo e mar. Uma bella tarde o barco velejador sumia-se no horizonte ao fechar de um poente vermelho... O gageiro bretão, no arco de gávea, não o avistava mais com o longo olhar verde e descortinador... O cruzeiro virava na bordada de terra, e a cólera dos capitães das ilhas de ouro e ferro da Mancha estrugia com desesperação, pondó a premio a bella cabeça branca do velhó Sumares...

O *Estrella* estava fundeado no estreito canal de aguas muito seguras que existe entre a Ilhota e a Ponta das Pedras; e ao cerrar-se a noite, na densa escuridão que se alastrava em torno e afogava a paisagem em redor, só o seu pharol luzia, como um olho

de sangue que espreitasse sinistramente o canal, riscando as ondas com um trémulo fio de nacar.

As famílias que desciam, algumas vindas lá dos Inglezes e das Aranhas, um rancho de moças, rapazes, velhos e velhas, palradores e expansivos naquella noite de S. João, de tantas recordações meigas e amorosas que a tradição vem projectando, com a rubra illuminação de uma fogueira, até aos nossos dias, do fundo remoto dos Seculos — tivaram quasi um arrepio, em presença das ondas, que se quebravam algidamente contra a praia estendendo-se e cercando-a de caricias de espuma. Havia, a essa hora, uma calada vasta e taciturna, vagamente açoitada pelo ruido rouco e sonoro, muito longinquo, do mar, lá fóra, a despedaçar-se continuamente sobre os costões rochosos. Tremia-se de frio, mas nem por isso as gargalhadas das moças deixavam de cantar, limpidas no ar, d'envolta com as vozes tumultuosas dos rapazes em festa.

Então, na Ilhota, foguetes numerosos rasgaram o escuro, subindo em hastes escarlates que feriam o céo verticalmente, estalavam, pondo lagrimas de luz, que desciam lentamente, em cachos. E, em seguida, avistaram um largo clarão manchando a noite, por detrás dos pequeno platô das Feiticeiras, illuminando de travéz as aguas do Porto do Norte. A paizagem, ahi, desenhava-se n'uma esmorecida luz avermelhada e enternecedora, em cuja faixa vacillante scenographavam-se feéricamente massas negras de verdura, abertas em crivo, todas rutilas de pedraria phantastica. Da vasta illuminação da agua, onde tremiam escamas de prata limpida, sob as primeiras rajadas

do suéste que cahia fresco, erguia-se, mal contornado, no fundo daquelle céo de nankin, o casco colossal do navio, aoproado ao vento, o gurupés alto e aguçado, a cordoalha reteza, muito erecta a alta mastreação artistica. A sua sombra, meio cahida á ré, dansava a um bordo, em tremuras elasticas, na ondulação viva, e as vergas, os mastros e os mastaréos cheios de guinda lançavam, na vaga claridade, como um estranho, gigantesco tecido de malhas. De bordo, um bote impellido a remos, largou na direcção de terra. A sua mancha esguia e fina, onde se moviam bustos, avançava, n'uma esteira de espuma, por entre o ranger das toleteiras rijas e o compassado chiar das remadas.

A um e outrò lado, na costa, pedaços de praia limpida alvejavam, quando a fogueira erguia mais alto as suas chammas.

Todos esperavam a embarcação com impaciencia. Vinha já muito proxima, entre phosphorejantes olhões de ardentia, abrindo-se á superficie d'agua, no mergulhar dos remos. A tres braços de terra, disseram : *leva!*—e o proeiro saltou no panneiro de prôa. O escaler encalhou, então, com um ruido de onda espraçada, dando um raspão na areia. Lançaram logo uma prancha. E o embarque effectuou-se cheio dos gritinhos de temor das moças e das grossas risadas dos rapazes.

Na Ilhota os foguetes continuavam a subir, a esfuracar o céo com filetes de zarcão. Já na Prainha, mettida entre duas pontas de pedra, onde o mar escachôa noite e dia fustigado pela aspereza das nortadas, o Monteiro e as filhas esperavam os convidados.

## II

Logo ao atracar do bote as meninas do Monteiro romperam em exclamações de alegria, ao mesmo tempo que as outras, que chegavam : e foi toda uma confusão festiva e musical de gorgeios femininos, por entre o reboiço do desembarque. E após seguiram-se os abraços, fallando sempre, estalando muito os beijos nas faces.

Tomaram todos o pequeno caminho que conduzia á habitação. A casa, lá no alto do terreiro, branquejava, phantastica, por detrás das labaredas, lembrando incendios em scenographias celebres de dramalhões e operas, n'um desenlace tragico, de muita sensação. Cantava crystallinamente, em vozes limpidas, desprehendo-se de pulmões e gargantas frescas, uma revoada de meninos, cujos perfis inquietos de diabinhos dansavam em redor das chammas, como n'uma allegoria do Inferno. Uma gaita, ronqueira e triste, lançava até ás ondas, n'um som roufenho e monotono, notas incompletas de uma polka. Homens descalços, rapazes e mulheres das proximidades, com creoulos forros que vadiavam, grupavam-se á porta da rua, arregalando os olhos curiosos. Quando as moças approximaram-se, abriram alas, dispersando no escuro, sob os cafeeiros.

Na sala principal, então, houve toda uma alegre balburdia de saudações.

A familia do Chico Maria e a do Vianna, que moravam perto, já lá estavam com um pelotão de filhas moças, garridas e planturosas, assignalando bem a

proliferaridade amplissima das populações da beira-mar.

Na onda dos recém-chegados vinha tambem a tia Clara, uma velha professora da roça dos bons tempos, de poucas letras e muitas virtudes, insigne nos trabalhos de agulha e sabendo curar por benzeduras, o que a fazia veneravel e sobrenatural no sitio. Era cunhada do Monteiro e comadre delle tres vezes, tendo-lhe baptisado dois filhos logo no começo de casado e, ainda nos ultimos annos, uma menina, a mais moça, a quem dera, por pedido dos pais, o seu nome. A tia Clara era viuva ha treze annos. Tinha duas filhas moças — a Eugenia e a Guiomar. A primeira, já trintona, não era bonita, a pelle murcha e desbotada, os labios tristes, os olhos apagados pelas desillusões; mas a ultima, mais moça dez annos, prendia e fascinava, com um florescimento juvenil da roseira agreste, as fórmas amplas e virgens, o rosto lindo, onde os olhos faiscavam.

O Manuel Lemos, que estava sentado na saleta proxima, teve uma grande impressão quando a viu entrar, e subitamente levantou-se, fazendo cessar de chofre a conversa que travara, momentos antes, com um velho roceiro esquelético, engelhado e de grandes barbas brancas que, vendo o outro afastar-se, deixal-o bruscamente, sem um gésto, sem uma palavra, ergueu em redor uns olhos espantados, mastigou baixo phrases e voltou-se tristemente para o pequeno altar ao fundo, coberto de uma toalha alva e bordada, onde se alumiaava um registro de S. João, colorido e encaixilhado em madeira. Duas velas de cêra, de seis em libra, aos lados, erguiam as suas chammias lividas

e fumarentas. Palmas de Santa Rita e mólhos de rosas ostentavam-se, collocados devotamente em copos meios de agua ; e, no alto da moldura, enfeitando-a, cravos vermelhos desprendiam a fragância dos seios sangrentos...

De fóra, continuamente, entrava gente para a sala, quasi apinhada junto á porta, onde se accumulavam homens. A um canto, em um mocho, ao pé de uma janella em que cabeças desgrenhadas debruçavam-se, olhando, com grandes olhos vagos, a bocca aberta, n'um emparvecimento—o tocador de gaita, um mulato anguloso, chupado, com uma pera satânica de Mephistopheles, um lenço de chita ao pescoço, rouquejava uma quadrilha.

Mas as dansas não tinham ainda começado : tiravam-se sortes, palrava-se.

No meio de um grupo de moças, o Manuel Lemos, agora, empunhava o LIVRO DO DESTINO, uma remota e esfrangalhada brochura, sem capa e sem cantos, ennegrecida e ensebada do chulo manusear de muita gente, durante annos, nos tres dias de Santos Antonio, S. João e S. Pedro, e toda cosida a pontos na lombada. O Manuel efferecia os dados—uns grandes dados antigos e desquidados onde mal se podiam lêr os pontos—e as moças os sacudiam entre as mãos fechadas, arriando-os depois sobre as proprias paginas do livro, rindo muito, muito interessadas. Contavam : *cinco, quatro, douze, dezeseis...* “Ande lá ! leia lá !” E o rapaz folheava logo, procurando a pagina onde vinha a quadra que correspondia ao numero indicado : e lia, recorria ao indice, dizia os assumptos : SE O SEU AMANTE É FIEL OU NÃO, SE ALGUÉM LHE AMA EM SEGREDO,

SE MORRERÁ CEDO OU TARDE, SE TERÁ FELICIDADES, SE O SEU BEM ESTÁ PRESENTE, SE SE CASARÁ... Outras raparigas, de temperamento aventureiro e inquieto, mais cheias de imaginação e phantasia, queriam saber se os seus noivos viriam de fóra, e de que banda seria. Corriam até á praia e lançavam á agua uma casca de laranja cavocada, com um biquinho de vela acceso dentro. Punham-se depois a olhar o rumo que levavam as luzinhas sobre as ondas. Se uma ia para o norte, o esposo que a sorte lhes reservava viria sem duvida do norte, e assim as que tomavam outra direcção. Mas se a luz sossobrava, ou dava á costa, ou apagava, então o noivo não vinha de fóra; era d'alli mesmo, do logar, ou a dona da *candinha* não viria a casar e morreria solteira... Algumas appellavam para a sorte da clara d'ovo n'um copo meio d'agua, para uns pedacinhos de papel com um nome de homem, enrolados como bihetes de rifa e que se expõem ao sereno para abrirem... Velhas, mesmo, pediam sortes, mas queriam das "bonitas", das "boas"; e as suas predilecções dirigiam-se especialmente para as cousas de riqueza: SE SE DEVE CONTAR COM A LOTERIA, QUE VENTURA TERÁ NOS NEGOCIOS, SE VIRÁ A SER RICA...

Mas alguns rapazes entraram a dizer que já chegava de sortes, que era melhor começassem as danças. E gritaram para o tocador pedindo o signal de quadri-lha.

### III

Havia agora um grande ruído na sala. Rapazes cruzavam-se em todos os sentidos, dirigindo-se ás

moças enfileiradas em bancos corridos ao longo das paredes. Ajustavam-se pares.

De todos os lados moças erguiam-se, enfiadas aos grossos braços dos roceiros, alegres, com os lábios risonhos onde os dentes branquejavam, olhos limpidos, cheios de caricias luminosas. Paradas, aguardando a quadrilha, davam tóques ao cabelo, ás rendas, ás fitas; voltavam-se, revendo a toilette por detrás, ageitando, com pancadinhas rapidas de mão, as saias amarrotadas.

E, pouco a pouco, na vasta sala de telha vã, aquecida pela multidão dos convidados, ia-se formando um enorme quadrado de gente perfilada. Reinava uma animação zumbidora de colmeia. E o Manuel Lemos, que fôra o ultimo a tirar par, a uma das cabeceiras, com a Mariasinha pelo braço, a larga face tisonada pelo sol do oceano n'um raso tombadilho de navio, ria alto, expondo os seus ricos dentes são, claros como a espuma das vagas, e batia palmas para que o tocador rompesse a tocar.

De fóra, entrava a gritaria infrene das crianças, saltando as chammas da fogueira, cujo clarão vermelho, illuminando tudo, abria ainda mais ás rajadas do vento.

Aos primeiros sopros trémulos da gaita, a quadrilha rompeu, abalando o soalho, onde os corpos adiantavam-se e retrogradavam, com mesuras e enlaçamentos rapidos. De espaço em espaço as palavras do marcante desprendiam-se, elevavam-se, desappareciam sob as telhas, n'um enthusiasmo, confusas, em pedaços, comidas pelo chiar continuo e arrastado dos pés. Mas, de repente, entre as mãos magras do to-

cador o instrumento emmudeceu, encolhendo-se, e o quadrado que os seus sons desmancharam ha pouco, n'uma confusão de corpos em movimento, restabeleceu-se. D'ahi a instantes, sacudida por novos sons, a muralha humana quebrava-se, tomava novas disposições, reconstruindo-se incessantemente. E a quinta parte, o Manuel Lemos, que não tirara quasi os olhos da Guiomar, durante toda a quadrilha, acabou-a enlaçado a ella, sentindo-lhe o coração aos impulsos do galope final.

A Mariasinha, que bem notara tudo sendo dos primeiros pares que se sentaram, amuou a um canto, tomada de ciúmes, e não podendo mais soffrear a magua, recolheu-se á outra sala, com o beicinho a tremer, os olhos toldados por uma nevoa de lagrimas. As amigas correram logo, buscando consolal-a. A mãe, que vira tudo do quarto, com os olhos vigilantes e zeladores pregados sempre no Manuel, atravéz das marcas da contradança, acudiu immediatamente, muito branca, n'uma afflicção. Desde a madrugada, ao levantar-se, que sentira como uma cousa opprimir-lhe o coração. Pareceu-lhe que ia haver contrariedades, um grande desgosto, como a entrada do *tinioso* em casa, naquelle dia, tão feliz sempre para todos. Mas isso fóra momentaneo porque as meninas, como nunca, levantaram-se trinando na manhã cheia de sol. Depois, lá fóra, o céu festinava, magnifico, muito azul e sem mancha; e a criação, abrindo as azas, no terreiro, acudia ao grão, n'um alvoroço e cacarejando sob a luz que esquentava. E, já desopprimida e serena, lavando a louça para o café, á janella da cosinha, pensava na Mariasinha, que ia casar por

aquella semana, e sorria, saturada da felicidade das cousas, abençoando o destino como no dia em que lhe puzeram a grinalda e o branco véo nupcial...

Mas as amigas, vendo que as lagrimas da rapariga pareciam não querer cessar, rebentando, mais frequentes, sob os mimos que a cercavam, entraram a dizer :

— Que não fosse tola, elle não estava namorando a prima, era falso. Lá podia ser ! Olhe que a Mariasinha... Também assim... Que mulher !... Andasse para a sala, que era melhor, e se deixasse d'aquillo... Podiam reparar, e era uma vergonha... E logo naquelle dia, Nossa Senhora !

O Manuel Lemos observava tudo de longe, mas fingia-se alheio inteiramente áquillo mandando tocar uma walsa e, nesse momento, unico par na sala, colhia a attenção de todos, volteando rhythmicamente, aos compassos ondulantes da musica, com a Joanninha Pinheiro. E era tal a galanteria de ambos, desenrolando, unidos e a prumo pelo soalho, os passos cadentes da walsa, que nimgem mais se arriscou...

Quando a gaita emmudeceu no meio do applauso matuto da sala, todos os rapazes, ainda os mais indifferentes, resmoiam em silencio um despeito surdo, como uma affronta. E o Chico Rufino, que se tinha por dansador de fama do lugar, chocado com o successo do outro, de pé, na varanda, em meio de um grupo de amigos, affirmava com paixão :

— Que o Manuel não era grande cousa para a dansa, não era... Nem tinha posição capaz : muito arcado, as pernas abertas que até podia passar um carro por baixo.. Aquillo então é que era a fama ? Olha o pachola ! Raios o partissem, se elle Rufino não dan-

sasse dez vezes melhor !... Depois, com a Pinheiro quem não dansava... Que lhe não dissessem! Para elle, o Manuel não valia nada... Grande paspalhão !...

A Mariasinha, agora mais resignada, voltara á sala. O noivo, que acabava de sentar o par, agradecendo, victorioso, muito risonho, veiu logo collocar-se ao pé della. E longamente se fizeram confidencias, voltados um para o outro, como dous pombos movendo as cabeças amorosas. Perderam assim quadrilhas, polkas... E a moça, mais consolada de certo, sorria já com os seus grandes olhos melancolicos.

#### IV

D'ahi por diante, as dansas despenharem-se ainda, mais entusiasticas e ruidosas. Os cangirões de *concertada* e garrafas de vinho e aguardente eram esvasiados pelos homens, ávidamente, no final das quadrilhas.

Na varanda, completamente indifferentes ao que occurria en redór, os velhos, sentados, as pernas cruzadas sobre uma larga esteira estendida no chão, jogavam o *nove*, agasalhados nos seus grossos capotes d' inverno. Moedas de cobre faziam montinhos, aqui e alli, ao lado de cada parceiro. Outras accumulavam-se ao centro, n'um bolo, em cima de um meio-alqueire emborcado, onde uma vela de sebo ardia, com uma chamma esguia e tremula, n'um castiçal de folha de Flandres. A um angulo, onde a luz desfallecia, sobre a mesa de jantar, as garrafas, os cópos e as chicaras

desprendiam vagas scintillações de pedraria e tinidos finos de crystal...

Pela madrugada, o terral de noroeste, com a vergasta glacial, puzera em total debandada as caras espionas, obrigando a fechar as janellas e portas. Fóra, no terreiro, ficara só a fogueira, expirante, sem chammas já sob o frio, consumindo as brazas côr de sangue. Dentro, a animação recrescia com o fim próximo da festa. Os corpos dos rapazes e das moças desengonçavam-se agora, abraçados, em volteações muito rapidas, n'um frenezi. E eram, algumas vezes, nos mais desageitados, esbarradas e encontrões violentos. Havia gritinhos, queixas sonoras, risadas; mas tudo se perdia logo no arrastar continuo dos passos...

E ás mãos déstras e febris do tocador a gaita arquejava, sem descontinuar.

O Manuel Lemos, por fim, com uma grande ponta de alcool, o olhar reluzente e ávido, abandonara de todo a noiva e declarara abertamente paixão á Guimar, prendendo-se a ella escandalosamente nas dansas finaes. A Mariasinha, o resto da noite sentada, ia seguindo tudo attentamente, atirada a um canto, suspirosa e pallida, sentindo que se lhe quebravam todas as cordas do coração sob aquelle abandonno brutal. De repente, porém, levantou-se, com os beiços lividos, toda trémula, a suffocar: lançou os braços ao ar, n'um grito, e cahiu sobre o chão, desmaiada.

Houve então um immenso alarido, uma emoção apavorada. As dansas immediatamente cessaram; e da varanda os velhos acudiram, espantados.

As duas irmãs — a mulher do Monteiro e a Clara — então, engalfinharam-se de repente, n'uma rixa

medonha, lançando-se injurias cara á cara. O Monteiro perdida a calma, trémulo e gaguejante, procurava intervir, interpondo-se entre as duas mulheres :

— Oh senhora ! oh senhora ! Que desgraça !...

Familias, os convidados, retiravam-se já, sem se despedirem, n'uma atordoação.

A gaita emmudecera definitivamente...

Na praia, o embarque effectuou-se n'uma lufalufa, atarantadamente, ás apalpadelas. E d'ahi a instantes as primeiras claridades da manhã subiam no céo, alegres e triumphaes.

Rio, 1892.

---

# OS BOIS CHUCROS

---

(A EDUARDO SALAMONDE)

Eram principios de agosto. Nessa noite começavam os terços do Bom-Jesus em casa do Nicacio. A's Ave-Marias entrara a affluir para alli, aos poucos toda a boa gente das circumvisinhanças. No céu sahira já a rondar a lua, illuminando tudo com a poeira subtil da sua luz fria de grande lampada incandescente de Brush. As pequeninas casas de S. Francisco branquejavam, afastadas umas das outras, entre sebes, cafezaes e laranjaes murmurosos, como ovelhas espalhadas pelos socalcos e inclinações de uma encosta.

## II

Desde meia tarde que as raparigas da Maria Verissima—a Bertha, a Bernardina e a Clara—curricavam pela casa das amigas, gárrulas, alviçareiras e alegres, a communicar as novas occorridas, durante o dia, na freguezia. Contara-lh'as o irmão, o João, que andara

na rêde, lá fóra.—Era o casamento, no dia seguinte, do José Alexandre com a Maria Luisa Rosas, a do *patacão*. O escandalo do Manuel Théa pegado ao romper do dia, com a Maricota Sodrê, lá no sitio do Claudino, na casinha do carro—forte pouca verganha ! O Mauricio esbofeteado pelo Joaquim Valente, no caminho do campo, por umas historias de ciumes. O filho da Leandra, o magricela, que era caixeiro e usava casaco comprido, como de padre, que chegara pela manhã da cidade. O Antonio Rego, que viera dos Ratonés com uma tropa de bois chucros : o Justino já tinha apartado um para a vara ; era um bagual, o raio, procurava a gente que nem um cachorro e, na Cachoeira, segundo diziam, partira dous laços só de um tirão ! . . . Mas, de tudo, o que mais as encantava era o terço do Nicacio, desde muito esperado, que ia afinal começar e que só acabaria oito dias depois, conforme o velho lavrador promettra quando estivera de cama, quasi *a espichar*, com as sezões.

—*Ia ser só do fino* o terço do Nicacio ! exclamavam ellas, n'uma balburdia adoravel. Uma semana intei-rinha ! Ai-ai ! ia *doer* de bom ! . . .

E combinaram com as do Chico Pereira para irem juntas, com a mãe, assim que anoitecesse. Mas careciam da companhia de um homem, por causa dos bois chucros. Quem havia de ser ? Tinham tanto medo de bois chucros, Nossa Senhora ! O pai andava fóra, pelas alturas do Arvoredo, na pescaria do mar grosso, e nesse dia não voltava ; o João, esse, não servia para nada, não prestava mesmo, o *gallinha*, não valia o comer que comia, pois se tinha mais medo de almas do outro mundo que ellas proprias, coitadas, umas

pobres mulheres ! Mas quem havia de ser então ?...

E na pressa de se ajustarem, para se irem logo arranjar, não achavam quasi um conhecido, um amigo, um parente que as acompanhasse.

— Quem havia de ser ? reflectiam. Eram raros os rapazes daquelles lados, e os poucos que havia andavam *azeitando* lá para as Coivaras, onde tambem se rezava o terço, no Luiz Boião, para as bandas do porto. Os primos das Areias tambem não vinham, por terem peiorado das febres. Só se fossem os do Luiz Maria e os do Rufino, que não perdiam nada, principalmente no Nicacio que era ainda contraparente delles.

Assentaram, definitivamente, em aguardal-os, ir com elles, de companhia. Mas debalde esperaram. Entrou a noite, fez-se o luar, e nada dos rapazes ! Estavam já n'um desespero, n'uma inquietação, affliccas, quasi a chorar. Para os lados do Nicacio, de vez em quando, um filete de luz rubra erguia-se, varava o ar, estourava n'uma explosão de faiscas.

—Lá atijam foguetes ! lá atijam foguetes ! murmuravam. Já principiou ! Não ! ninguem podia perder aquelle tercinho d'alma !...

De instante a instante, davam uma chegadinha ao Caminho Novo. Nada ! Ninguem !

E entraram a pedir á mãe para irem assim mesmo.

—Tambem isso de medos era uma bobagem ! Tanta gente na estrada ! A noite tão clara ! Que tolice ! Depois, os bois não iam sahir do pasto áquella hora !...

E convenceram a velha que, carinhosamente,

resoluta mas supersticiosa, enfiou para a rua de chale na cabeça :

—Olhem, depois não se queixem se vier por ahi alguma ! . . .

E puzeram-se em marcha, n'uma algazarra vivaz, cheias de risos onde transparecia a animação da alegria—as mais audazes adiante, as mais timidas atrás, cosidas uma ás outras.

A estrada desenrolava-se branca, deserta, aqui e além malhada de sombras pelos espinheiros e bananaes das margens. O curvo azul dos céos resplandecia, muito alto, cheio de um mysterioso encanto, n'uma vasta paz mystica que as gargalhadas perturbavam sonoramente.

### III

O Sebastião e o Vicente, companheiros inseparaveis das correrias nocturnas, famosos québras que vagavam toda a noite pelos sitios, em endemoniadas aventuras, mettendo-se atrás das porteiras ou das moitas da estrada para dar sustos ás mulheres—vinham repontando na encruzilhada da praia quando ouviram de repente, no vasto silencio, para os lados da Ponte Velha, gritinhos de moças, exclamações sinhas, risadas. Pararam, puzeram-se á escuta : queriam reconhecer as vozes... Ah ! eram as da Maria Verissima e outras, que iam para o terço ! E combinaram-se logo para lhes pregar um susto.

—Havia de ser com os bois chucros... Ellas tinham muito medo dos bois chucros... A tropa toda estava no pasto do Constancio...

E, já descalços, com os tamancos nas mãos, largaram á disparada pela picada que dava para lá. Esconderam-se n'uma roça de canna, do lado da porteira, junto á cêrca de espinhos. Ahi, de vez em quando, chegava-lhes aos ouvidos a alegria ruidosa do terço do Nicacio.

A casa ficava a algumas braças, logo passando o riacho, n'um alto, do lado do morro. Pelas janellas abertas sahia uma illuminação muita viva, que dourava a verdura circumjacente manchando a fria dealbação do luar. No pequeno terreiro em frente, silhuetas escuras, microscopicas, moviam-se, apinhadas, á flammejação das luzes. E vozes frescas e agudas de crianças brincando, punham na noite silenciosa e albente uma zurzinada festiva.

Mas os dous québras terriveis não queriam saber de nada, com o ouvido assestado para os lados de baixo. D'ahi a instantes sentiram de novo as risadas das raparigas, que pouco a pouco avançavam para elles, tornando-se mais nitidas, com o seu timbre alegre e crystalino. Depois fez-se um estrépito claro de passos e vozes femininas,

Elles, erguendo a cabeça, puderam enxergar, por entre o crivo das ramagens, já proximo á porteira, á esquerda, o bando das moças, todas de branco, e lindas, ao luar, como visões de baladas : vinham pela banda de cima, agurradas umas ás outras, rente á cêrca aterrorisadas, n'um fru-frú de saias engomadas e roçagantes, estacando, ás vezes, com gritinhos e saltos, á proporção que enfrentavam o pasto :

— Ninguem falle !... ninguem falle !... ciciavam ellas. Lá estão os bois, Virgem Maria !...

E proseguiam sempre, cautelosamente, subtilmente, como sobre um tapete, por cima da grama das beiradas. Já tinham passado a porteira quando os rapazes lançaram-se ás carreiras dentro do cannaval, levantando, por entre a folhagem, a matinada de um gado em tropel, e gritando :

—Arreda ! arreda ! Ahi vêm os bois chucros !...

As raparigas dispararam, estonteadas, aos gritos, n'um panico, n'uma corrida de desastre, precipitando-se dentro do pequeno rio, ou arranhando-se ao contacto brutal dos espinheiros da estrada...

Da casa do terço acudiram logo, homens e mulheres, correndo :

—O que era aquillo, Jesus ? !... O que era aquillo ? !...

E vieram encontrar as raparigas n'uma lástima, molhadas, feridas, descompostas, empastadas de lama. Soccorreram-nas logo, levando-as em braços para a casa do Zé Rocha, que ficava para dentro de um cafezal, muito perto d'alli. Ahi mudaram de roupa, todas nervosas, a tremer, quasi a chorar...

No caminho, os curiosos apenas conhecido o facto, entraram a dispersar. Um velho, que chegava a cavallo, vindo do mar, e que soubera de tudo exclamava, brandindo o rélho, com cólera :

—Não tinha que ver, aquillo tinha sido obra dos rapazes da praia, os canalhas ! Ah ! que se os pegasse... Lanhava-os ! Grandissimos cães !...

E, teso na sella, com a nobreza de um cossaco, deu de rédea irado e partiu a galope, n'um impulso vingador.

Os rapazes então, que tinham saboreado tudo

agachados ainda entre as cannas para não serem espancados, saltaram para a estrada, a toda, e irromperam ás gargalhadas na noite clara...

Santa Catharina, 1889.





# A VELA DOS NAUFRAGOS

---

(AO DR. GAMA-ROSA)

## I

A lestada amainara após seis dias de furia tremenda, em que o pequeno arraial dos Inglezes jazera, agachado e tranzido, sob as bategas diluviaes e os espessos novoeiros. A costa toda, desde a Lagoinha até a Ponta-Grossa, estivera abandonada e deserta, sob a acção aterradora dos vagalhões revoltos, estourando, dia e noite, em cachões espumantes, que alagavam as praias, os baixios e os cômoros, turbilhonando ululantemente sobre os mais altos cabeços. Tudo ficara abandonado, parado, ao Deus dará por aquella semana ; nenhuma rêde se arriscara no meio da tormenta ; cessara de todo o trabalho. E a pobre e laboriosa população do logar, condemnada á inacção, permanecera penosamente durante esses dias, que se arrastavam longos e cheios de miseria, tomada de tédio, encolhida, apinhada em casa, tremendo de frio em roda dos brazeiros em chammas.

Mas voltara o bom tempo. Uma madrugada de ouro, umas dessas maravilhosas madrugadas catharinenses

no littoral atlantico, vinha resplandecendo feérica-mente. O céu, no alto, arqueava-se todo azul, do azul ideal e transparente de uma velha faiança hollandeza. As praias limpidas e curvas, e os cordões successivos dos cômoros extensos, destacavam magnificamente, á luz, n'uma alvura cegante de trigo. E a planura verde do mar, levemente ondulada, na estagnação de uma vasta calmaria, estendia-se para todos os lados, aqui e além mosqueada de altos relevos de ilhas encravadas em grandes anneis moveдиços de espuma. A costa inteira tinha de novo a alegria e o alvoroço das manhãs de bonança: pelos ranchos, reuniam-se já, n'uma ruidosa algazarra marítima, os pequenos grupos de roceiros e pescadores do sitio; canoas grandes de rêde, carregadas e promptas, tomada a palamenta, aguardavam a faina, sobre grossos rôlos de madeira; velas curvas em bojo cruzavam ao longe, n'um vôo branco, como grandes azas ligeiras; e uma embarcação maior, um hiate, que parecia o *Andorinha*, do Joaquim Patesca, bordejava a todo panno, em direcção ao porto, na altura do Arvoredo.

Então, a Maria Virginia, que esquadrihava minuciosamente o mar desde muito cedo do alto do pequeno terreiro da casa, seguindo attentamente o navio, mal o viu approximar-se, na attitude de dar fundo, começou a descer apressada a encosta até á venda do Lemos, a colher noticias do *Espadarte*, o brigue onde andava o marido, o Manuel Siqueira, e que arrancara para o Rio Grande na vespera da medonha tormenta. Estava abatida, emmagrecida, desfeita, a pobre rapariga, que ainda ha trez annos era a primeira belleza dos Inglezes. Tinham-a posto nesse estado os dous

filhos que criava, dous herculeos fedelhos rosados, de um louro rembrandtesco, e os cuidados, os temores e as afflicções daquella semana, em que a sua alma não tivera socego, a se debater, á noite, em meio de pesadelos horriveis, em que, por vezes, fluctuavam, como n'um quadro estranho de Doré, um casco de navio perdido e a imagem amada do marido, abandonada e naufraga, n'um desespero, sobre as ondas do mar em furia. Percorrendo nervosamente o tortuoso atalho vermelho, que se torcia entre a verdura espessa, ella não tirava, um instante só, o olhar ancioso de sobre as vagas verdes onde, agora, um pequeno batelão a remos vogava a toda para terra : estugava o passo com esforço, para colher as noticias dos proprios marinheiros, fallar-lhes, perguntar-lhes de onde vinham, e se tinham apanhado a tormenta. Mas o atalho deprimia-se ahi até cahir na estrada do rei, distante ainda muitas braças dos cômoros, e o batelão, já contra a costa, sumira-se-lhe da vista que, nesse instante, apenas alcançava uma esteira branca de espuma smorzando saudosamente para além...

No porto, um grupo de homens agglomerava-se já em torno da pequena embarcação, em que vinham dous tripolantes do hiate e o contra-mestre Pedro, um rapaz dos Morretes, que lidava no mar de menino e era muito conhecido e estimado em toda aquella visinhança. De pé, á pôpa do batelão, o grosso thorax possante atacado n'uma ampla camisa de flanella azul, com bello peito escarlata em fórmula de lyra e ornado de bolso, o bonet carregado sobre os olhos, gritou :

— Oh gente, cá estamos de novo ! Tudo a salva-

mento... Felizmente, desta vez, ainda o mar regeitou-nos !

De um pulo déstro saltou, distribuindo aqui e alli apertos de mão, fallando a um e outro, todo risonho, n'uma rude expansão de marítimo ; e avistando o Lemos á porta da venda, rotundo e rubro na sua camisa de algodão grosso :

— Olá ! Olha uma bella pinga da *branca* !

E rompeu, praia ácima, a fortes passadas gigantes, que faziam cantar vivamente, sob as solas das botas, a alva areia escaldante.

A Maria Virginia chegou á praia exausta, offegante, as pernas trémulas, quasi a cahir de fadiga. Quando entrou na venda, o contra-mestre Pedro, cercado de povo, a physionomia animada, loquaz e gesticulante, perorava, com ardor, sobre o temporal.

— Havia muito tempo, dizia, não se sabia de tamanha borrasca ao sul. Nem na costa da Laguna, nem em Itajahy, nem na barra do Rio-Grande... Fazia já vinte annos que elle se batia com o mar, em innumeradas latitudes, sob aguaceiros e trovoadas medonhas, mas jámais vira tanto vento e tamanhos vagalhões. Verdadeiras montanhas d'agua, deslocando-se, esbarcando-se n'uma furia dos domonios... Bordejava para fóra, na Barra Velha, quando a lestada cahiu. A principio, aguentou-se com pouco panno — vela grande nos rizes e bujarrona, — a vér no que dava aquillo. Mas o hiate era um cabrito — saltava, empinava-se, investia na vaga ameaçando ir a pique. Tentou uma arribada, porém a costa toda sumira-se : nevoeiros densos amortalhavam tudo, carregados de cinza. Então poz-se á capa, e toca a rolar para ahi... Seis

dias e seis noites vogou perdido, aos tombos, no redomoinho das aguas. Ninguem parava, ninguem dormia, n'uma faina incessante. Até que, naquella manhã, a borrasca amainara de todo e, sem saber como, por um acaso imprevisito, quasi um milagre, avistou terra, por barlavento, á distancia de milhas. Reconheceu logo o Arvoredo, os Ingleses, e puxera todo á bolina. E alli estava, graças a deus, são e perfeito, com aquella casca de nóz do *Andorinha* e toda a sua companhia...

Quando elle acabou, a Maria Virginia, que ouvira tudo attentamente, immovel e muito pallida, o coração palpitante, acercou-se, por entre os homens; e, saudando-o, n'uma voz doce e trémula, cheia de emoção :

— Então, por aqui, depois de tantos trabalhos, hein? Que desgraças por esse mar! E que grande les-tada, nem o temporal de Março de que fallava a mãe! Nunca se vira uma cousa assim! Alli, no arraial, fôra uma calamidade, parecia que era o fim do mundo! E como elle escapara, com tantos perigos, tantas afflicções? Só por Deus, só por Nossa Senhora dos Na-vegantes!...

— É verdade, Marica, graças ao Pai do Céu, esca-pámos...

E, n'um gesto da sua mão herculea, descobriu-se, deixando ver a bella testa tisonada, toda aureolada de espessos caracões castanhos.

Em seguida, ella cantou-lhe, n'um grande abalo in-timo, em phrases entrecortadas e soluçantes, os lin-dos olhos negros arrazados de pranto, que o que a levára até alli fôra a profunda ancia em que estava por "alguma nova" do Siqueira, que se fizera ao mar

um dia antes de cahir aquelle “ inferno de tempo ”. De certo, andára rolando tambem, aos trambolhões, por esses mares de Deus... E quem sabe o que lhe teria succedido sobre as ondas em sanha?... Desde que aquillo desábara, não parara um instante, inquieta, n’um desespero continuo, passando os dias e as noites junto ao oratorio, rezando. E não sabia porque, mas, “ por dentro, ” uma cousa lhe dizia que tinha havido um desastre, alguma desgraça, pois sentia como um “ peso ” terrivel sobre o coração...

E desatou a chorar alto, perdidamente, batida de uma rajada de dôr.

O Pedro, com a sua bondade de gigante, a sensibilidade incomparavel e santa de todos os marujos, cujas almas vivem perpetuamente carregadas de amor, de ternura, da nostalgia sem fim do oceano, ficára logo com os seus grandes olhos azues mareados de lagrimas ; e, atarantado, n’um enleio, n’uma perturbação, mal podia dizer meigamente :

— Que, infelizmente, não encontrara um só navio, uma unica vela, durante a terrivel viagem, mesmo porque era impossivel distinguir cousa alguma em meio a cerração. Mas que não se amofinasse, não perdesse a esperanza. O Siqueira era um marinheiro ás direitas, conhecia o mar como as palmas das mãos. Depois, o *Espadarte* era navio de aguentar todo o tempo ; aquillo era seguro como um rochedo ; para elle não havia vagalhão. Certamente a lestada fôra de tremer, mas não faltavam recursos para um bom mareante : havia a capa, havia o encalhe em um costão de remanso e, se nada d’isso se pudesse alcançar, era dar á pópa e deixar-se levar sobre as aguas, aos

trancos... Não ! Que ella não pensasse em desgraças ! Era uma tolice ! O Siqueira, áquella hora, talvez estivesse chegando ao Rio-Grande...

Sob estas palavras, que lhe cahiam docemente n'alma, como um allivio, uma consolação, a Maria Virginia foi pouco a pouco serenando ; mas lembrando-se de repente de que os pequeninos, os filhos, tinham ficado sósinhos lá em cima com a mãe, coitada, que vivia paralytica, a um canto quasi sem se poder mover, despediu-se immediatamente :

— Ora, ha de ser o que Deus quizer... E adeusinho, Pedro ; até depois. Olha, apparece lá em casa. Assim que puderes, dá uma chegadinha ao morro. A mamãe ha de gostar de te ver...

E sahiu correndo, n'um movimento adoravel dos quadris cheios, da cinta estreita e do lindo busto alto onde o seu pescoço bem feito e o moreno rosto esculptural se erguiam deliciosamente em meio da luz radiante.

## II

D'ahi a quinze dias, pela manhã, espalhava-se por todo o arraial dos Inglezes a lutuosa noticia de que o *Espadarte* tinha ido a pique, uma madrugada, a vinte milhas do cabo de Santa Martha, tendo perecido n'elle o contra-mestre, o gageiro-grande e o capitão Siqueira. Soubera do caso o filho do Patesca, que viera da cidade onde estivera com os tripolantes que haviam escapado, e que de certo chegariam alli pela tarde, porque vinham por terra, de sitio em sitio, em procissão com a gávea, a tirar esmolos para uma promessa

á Senhora dos Navegantes. Um delles, o Manuel Figueira, narrara-lhe, na vespera, como se dera o naufragio.

O navio abrira agua, um dia antes do sinistro, com dous mares de travéz, que o alagaram de pópa, ao desfazer de uma capa. Mas, com as bombas a trabalhar incessantemente, aguentara ainda até á noite seguinte, em que a guarnição, já exausta, largou tudo por mão, e o brigue entrou a se sentir mal sobre as vagas. Os marinheiros começaram então a tratar da salvação, ensaccando provisões, entrouxando a roupa, arranjanado os objectos nauticos mais necessarios — remos, velame, cabos — safando ao mesmo tempo as talhas do escaler pequeno e da lancha grande de carga, afim de os poderem arriar ao primeiro signal. E as horas corriam, sob o fragor clamoroso do mar e a negrura densa da noite insondavel... De repente, um marinheiro, que descera ao rancho, deparou com o porão meio d'agua e, voltando, correrá á ré, a dar parte ao contra-mestre que estava ao leme, enquanto o capitão, a um bordo, contra a balaustrada, com os olhos figados na noite e nas ondas, acenava, a espaços, com o braço gritando: *orça! allivia!* para evitar as montanhas de mar embatendo em assaltos gigantes... Nessa occasião, já o navio ameaçava sossobrar, em horriveis balanços. Ellès, immediatamente, lançaram o escaler e a lancha fóra das amuradas, destacando o gageiro-grande para a pópa, a prevenir o capitão de que tudo estava prompto a largar. Porém, nisso, um vagalhão terrivel inopinadamente rebentou sobre o salto, avançando, carregando tudo n'um turbilhão

formidando... Ouviram-se gritos... O brigue medonhamente enterrava-se, de alhêta, erguendo a prôa balouçante... Elles, allucinados, n'um estranho pavor no meio do tumulto infernal, cortaram logo as talhas, e, a toda força de remos, aguentaram para o largo, á distancia... Quando o dia alvorou, já em calma, nada mais se avistou sobre o mar, além delles e do disco ermo e nostalgico do horisonte ao longe...

E a viva narração do marinheiro voava de bocca em bocca, electricamente, despertando enternecimentos e lagrimas pelas casas, os engenhos e os ranchos, e adquirindo, a cada nova edição oral, côres e linhas estranhas.

A casa da Maria Virgínia já haviam acudido os parentes, as amigas e toda a visinhança—e as portas e as janellas cerradas, deixavam escapar desoladoramente, apezar do bello sol da manhã, um côro abafado e lugubre de vozes soluçantes.

A pobre rapariga recebera o grande golpe afflictivo logo ao amanhecer, quando, como de costume, depois da tempestade, postada ao paredão do terreiro, esquadrinhava, com um longo olhar melancolico, a linha clara do horisonte. Levára-lhe a dolorosa communição uma comadre sua, a Josepha Dutra, que passara ainda escuro pela casa do Patesca, onde se detivera a tomar o “aparado” e a descansar da longa caminhada que trazia, desde o cantar do gallo, lá do Rio Vermelho, onde estivera em busca de remedios para o marido, cahido com as sezões, havia dous mezes. Desde esse instante até áquella hora, a Maria Virginia se debatia em gritos, n'uma ancia e n'um desalinho, na agitação do desespero, inconsolavel, aturdida e

perdida no fundo do seu infortunio. Todos a rodeavam affectuosamente, procurando acalmal-a com palavras meigas e enternecidas, que envolviam uma immensa consolação de carinhos—palavras deliciosas, palavras santas, que são, na desgraça, como um vasto manto aconchegante de plumas e um suave, incomparavel basalmo bemdito !...

A casa inteira parecia tambem envólta na rajada sinistra, em meio á desolação : de todos os lados, de todos os cantos, erguia-se, funerariamente, na desordem das cousas, como uma levada tumultuosa de soffrimentos, que se desprendia do chôro inconsciente das criancinhas orphãs e do soluçar rouquejante da pobre avó paralytica. Até na cozinha as velhas pretas da caza faziam un côro vivo de pranto. E a immensa afflicção deste lar humilde echoava lutuosamente por aquellas cercanias onde, como em todos os sitios, a vida corre docemente enlaçada, na solidariedade fraternal de uma mesma familia, compartilhando igualmente as alegrias e as privações.

Mas o dia encaminhava-se para a tarde e a luz desbotava lentamente n'um dourado esvaído. Pelos morros, distinguiam-se os grandes lençóes coloridos das roças, onde predominavam intensamente o verde-negro da mandiôca e o louro secco dos milhos. E na serenidade do ar erguia-se, por vezes, um vago trémulo amoroso de campesinas cantigas. Pela costa, canôas de rêde, na faina intensa da pescaria, iam traçando incessantemente, sobre a lousa verde do mar em calma, longos hieroglyphos de gix. Pequenas velas ao longe abriam melancolicamente o triangulo claro e vogador da sua aza aligera. E no horisonte

além, a saudosa neblina de perola das aguas longinquas...

De repente, vozes frescas de rapazes estalaram lá em baixo, no caminho :

—Olha uma vela de navio ! Olha uma vela de navio ! E' a gente do *Espadarte*... Ahi vem !...

E logo a noticia de que os naufragos tinham chegado espalhou-se por todo o sitio dos Inglezes.

Effectivamente, na encruzilhada da praia, de onde partia um ramal de estrada branco e arenoso estendendo-se pelo littoral até á Ponta das Cannas e á Cachoeiras, um grupo triste de homens, descalços, em camisa, o bonet sob o braço, as calças arregaçadas, apertadas na cinta escarlata dos marujos, avançava, conduzindo á mão, pelas carregadeiras, o panno grande de uma verga. Mólhos de rosas e palmas, deitados de certo por mãos piedosas de roceiras trigueiras—mães, filhas, noivas e irmãs—na passagem pelos sitios, perfumavam, enfeitavam risonhamente aquella velha lona, que fôra outr'ora, no alto das mastreações, tão amada do sol e dos ventos do oceano.

O prestito caminhava cantando. Era uma dessas canções embaladas e monotonas, de uma cadencia acre da onda em tormenta, implorativas, convulsas, anciosas, de uma nostalgia sem termo. Cada estrophe dizia, primeiro, o rugir dos ventos, o espumar dos vagalhões em furia, o despedaçar dos lenhos ; depois, os gritos, as prãgas duras, blásphemias, os fundos desesperos da marinhagem impotente, em lucta brutal com os elementos. Mas o estribilho rhytmado e frequente, tinha uma mansidão supplicante, o

anciar resignado de intimos soffrimentos, a doçura suavissima de uma préce plangente :

Senhora dos Navegantes,  
Amparai-nos lá dos céos :  
Que por todos os quadrantes  
Acalmem-se os escarcéos.

De vez em quando, em frente ás casas, a vela parava, e um marinheiro se destacava, abordando as janellas ou as portas, de barrete estendido, esmolando. E as moedas negras de cobre e os nickeis radiantes, surgiam de toda a parte, cahindo de mãos feminas e brancas, n'um rapido gésto espontaneo.

Uma agglomeração de rapazes e homens cercava logo a companhia, e os conhecidos e amigos a inquietavam candidamente, pedindo noticias, pormenóres do sinistro.

As familias dos naufragos que moravam distante ; lá para a Lagoinha, desciam em direcção á praia, n'um alvoroço ; para abraçar os pais, os maridos e os filhos. Havia por isso, em todo o arraial, um movimento de romaria. E quando algum dos marinheiros avistava os seus entes queridos, o seu lar, o bem maior da sua vida, desprendia-se, por instantes, do lutuoso cortejo, e eram então abraços ardentes, choros de emoção e de alegria, nas porteiras, nos terreiros, sob as ramagens verdes dos caminhos...

Mas logo a vela proseguia, naquella peregrinação dolorosa.

Ao chegar á venda do Lemos, uma multidão de ajudantes, camaradas das rédes e alguns tripolantes do *Andorinha*, que ainda permanecia no porto carre-

gando—correram ao encontro dos naufragos, ruidosamente, n'um jubilo :

—Oh Antonio ! oh Figueira ! oh Constancio !... Então por aqui, depois de tantos perigos ?... Ora sempre Deus era grande e tinha compaixão dos infelizes !...

—E' verdade, gente. Mas lá ficou o nosso capitão, lá ficaram o Samuel e o Justino, coitadinhos ! Quem diria que tornaríamos sem elles ! O que era a vida, o que era o destino !

E dos olhos de todos aquelles maritimos, raiados de sangue pela refração solar do oceano, nos tombadilhos, as lagrimas corriam, duas a duas, silenciosamente...

Lá em cima, no morro, a Maria Virginia, a essa hora mais calma, mais resignada, naquella quasi consolação de poder vêr ao menos a vela do navio do marido, queria por força descer a baixo, ao caminho. Mas os parentes e as amigas protestavam, oppunham-se :

—Que não ! Que não ! Pois se a vela ia passar por alli, porque tinha de ficar aquella noite na ermidinha da Senhora dos Navegantes ! Não ! Que tivesse paciência, esperasse um instante. Ella viria...

Com effeito, o panno do brigue ia ser depositado alli até outro dia. O Figueira já fallara ao sachristão, e este apressara-se logo a subir á capellinha, cuja porta abria-se agora lá no alto da montanha, dominando as praias, as ilhas, todo o oceano, como nas manhãs claras de missa...

Mas o sol rolava já no horisonte, n'uma barra sulfurea. A planura immensa das aguas resplandecia a

oéste, maravilhosamente, como um estranho tablado de pedrarias. Canóas ao longe corriam, com velas tintas a zarcão, sob a luz fugidia, evocando feéricamente o esquisso luminoso de uma remota marinha phenicia, singrando, n'um poente vermelho, o setim do mar de Tyro. E contra a costa arenosa e limpida fechada a um lado pelas rochas altas do Rapa, cobertas agora de uma fascuração sanguinea de mica, o cahir lento e melancolico de uma poeira de nankin, onde se distingiam, n'uma ethereal agonia, os primeiros lilazes e lyrios das Ave-Marias...

Então os naufragos apressaram-se e, arrumados á vela, de onde as rosas e palmas pendiam, já murchas e tristes, como sobre um panno de esquife, tomaram o tortuoso e empinado caminho que levava á ermida. E, de novo, repetidamente, o estribilho sonoro da canção marítima echoou pelo ar, manso, supplice, plangentissimo :

Senhora do Navegantes,  
Amparai-nos lá dos céos :  
Que por todos os quadrantes  
Acãmem-se os escarcéos.

Em frente ao terreiro da Maria Virginia o prestito estacou. Uma agglomeração de pessoas tomava ahi a estrada, n'uma attitude compungida. E logo, da casa toda aberta e em sombra, rompeu uma orchestração clamorosa de chóros e gritos. Dentro, a pobre rapariga debatia-se, n'uma angustia sem nome, em meio aos braços das amigas, que a conduziam carinhosamente para uma das janellas, procurando impedil-a de sahir ao caminho, dizendo-lhe docemente :

— Olha d'aqui ! Olha d'aqui !

Porém ella, desatinada, convulsa, n'um nervosismo, retorquia-lhes :

— Não ! Não ! Deixem-me sahir ! E com a idéa sempre fixa no marido :—Quero ir beijar ao menos a vela que lhe escutou o ultimo suspiro...

E, desprendendo-se de repente, atirou-se para a rua, como uma louca, por entre a multidão estarrecida.

Foi então uma scena commovente, tristissima. Todos, em volta, tinham os olhos rasos d'agua, as pessoas do povo como aquelles velhos maritimos.

E a Maria Virginia, de joelhos, abraçada á vela, toda banhada em pranto e agitada por soluços que a sacudiam intermittentemente, beijava a velha lona naufraga, beijava-a, como n'uma ardente e extraordinaria consagração divina. A sua voz, a espaços, débilmente vibrava, trémula, entrecortada, afflictissima, no meio do pesado silencio do céo vespertino :

— Ai ! que dôr ! Ai ! que dôr !... Virgem Santissima !...

E como ella se delongava somnambulamente nessa genuflexão de martyrio, o rosto desfigurado, muito branco, como quem vai cahir n'uma syncope, os parentes acudiram, arrancando-a piedosamente d'alli.

A vela, sempre acompanhada de povo, pôz-se outra vez a caminho, embalada pelo rhythmo sonoro da canção, cujo agro estribilho augmentava agora de dolencia monotonica. Nesse instante, o crepusculo cerrara-se de todo, amortalhando os longes, as montanhas e as aguas, com os seus grandes véos mortuarios de cinza...

Rio, 1893.



## A CABRA-CÉGA

---

(A LAUDELINO FREIRE)

O rosado vivo do crepusculo esmaiaava já n'uma pallidez fria que um azul-ferrete invadia, quando o André, depois de arrumado o gado, de porrete em punho e chapéo á banda, encaminhou-se cantando para a Varzea de Baixo, onde o engenho do tio Luiz Dutra, de fornalha accessa, bulhando de alegria, farinhaava para todo o anno.

Ia lentamente escurecendo. Um gelado sopro do norte deslocava se, riço e sibilante, do pendor alcançado da serra; e, de vez em quando, fortes rajadas, cortantes como laminas afiadas, passavam, rastejantes e furiosas, arripiando as arvores e enchendo de uma zoeira lugubre a planicie. No alto, do amplo azul curvo e esgazeado do Espaço, pendia e scintillava uma prateada e deslumbradora florescencia de estrellas, que a Via-Lactea brandamente nevava e atravessava em faixa.

Ainda em caminho, já quasi ao chegar á encruzihada que ia dar ao engenho, o André ouviu bem clara

no ar o voz melancolica e sonora do forneador, cantando a *Bella menina*, e as frescas e tilintantes risadas das moças, d'entre as quaes sobresahia, limpida, sympathica e doce, a da Francisca, a filha mais nova do tio Luiz. E, estugando o passo, ancioso por chegar de uma vez avistou, logo adiante, o clarão avermelhado do forno do engenho, que se projectava atravez da porta, largo e suavissimo, illuminando transversalmente o terreiro arenoso e branco, onde dava grandes latidos roucos, ao sentir barulho de gente, o *Fila*, o velho cão de guarda da casa.

Explodiram de novo as castas risadas das raparigas, que atravessavam aos pulos, com as saias ao vento, a claridade viva da porta.

Brincava-se a cabra-céga.

O André, ao chegar, mal pôz o pé no portal e deu boa-noite a todos, fazendo um gésto de longe com a mão direita aos labios para pedir a benção aos tios que peneiravam n'um côcho massa para beijús, raspou-se logo a ter com as raparigas que se divertiam escondidas pelas hervagens, pelos cafezeiros e laranjeiras proximas, emquanto uma outra, baixota e de grandes ancas carnudas, vendada nos olhos com um lenço arrocheado em volta da cabeça, as procurava por toda a parte, com um tacto incerto e desageitado de cégo, estonteada, ás apalpadelas.

Então o André gritou que tambem queria entrar na brincadeira e, disparando em seguida, foi acorar-se n'uma das empenas do engenho, dando o signal de "ticar, fazendo — *uh-uh!* E por um descuido e uma facilitação de rapaz adestrado e manhoso, foi-se deixando ficar parado, até que a rapariga, ca-

sualmente, o pegou pelas costas, vocalisando sonoramente :

— Está tico ; tiquei !

Todos correram então para a canzola, n'um grande alarido de satisfação ; e a Francisca Dutra, a mais galante e desembaraçada da roda, a bella namorada do André, sahiu á frente, e desatando o lenço do rosto da Joanna o foi atar nos olhos delle, com segurança, a grandes nós rijos atraz da cabeça. Depois, batendo-lhe de mão espalmada nas costas, na attitúde inquieta e livre de quem quer fugir, com um aspecto de gazella arisca, deitou a correr com as companheiras para trás do engenho, após ter pronunciado violentamente á grossa nuca do rapaz, com o seu bom halito quente e perfumoso, as velhas e tradicionaes palavras cabalisticas, que a gente sabe tão bem de cór na infancia :

— Cabra-céga, de onde é que vens ? — Venho do Moinho. — O que é que trazes ? — Um saquinho de farinha. — Dá-me um bocadinho. — Não te dou, não !

E ditas estas palavras, muito entrecortadas de riso, sob a pressão suave da derradeira palmada do jogo que manda partir immediatamente os que se vão esconder, o rapaz botou-se, a toda, na direcção ruidosa das saias esvoaçantes. Atravessou-lhe então o espirito, como uma lava, uma idéa deliciosa de amor : perseguir a Francisca, a adorada amada e agarral-a, abraçal-a e beijal-a alli, sofregamente, sob as ramagens...

E, seguindo o *frú-frú* guiador do seu rastro, com o coração aos saltos sob aquella lembrança ineffavel,

atravessou a correr pelos fundos do engenho, onde estacou subitamente ante a presença embaraçadora de umas sébes altas, que floresciam vigorosamente ahi impedindo a passagem por aquelle lado. Desesperado, tentou arrancar o lenço, mas não o conseguindo pela segurança com que lh'o tinham amarrado, começou nervosamente a tactear as ramagens, respirando a longos haustos : e dando de repente com uma aberta na verdura, onde lhe pareceu que um rumor se aninhava, avançou logo precipitadamente, n'um grande alvoroço...

As bananeiras, perto, farfalhavam melancolicamente, com as franjas tremulando á rajada do vento.

O André, de um impeto, rompeu a rebuscar as moitas entrelaçadas, quando esbarrou com um corpo de mulher agachado ; e julgando que fosse a Francisca, todo trémulo e emocionado, as mãos escaldando, n'uma arrebatção, o foi apalpando e enlaçando carinhosamente — a alma em febre, offegante, n'uma saciação frenetica de beijos, pela nuca, pelo seio e pela cara.

A mulher, então, desandou a berrar como uma louca, esganiçadamente, e elle, estranhando-lhe a voz sibilante e desafinada de velha, soltou-a logo, assustado, nervoso, n'uma “ entaladella ”, arrancando o lenço dos olhos atrapalhadamente, n'um panico, n'uma perturbação, arranhando a pelle do rosto tri-gueiro com as suas grossas mãos, duras e calosas de lavrador. E ao reconhecer que era a mulher do Domingos Théa, o *Cara Feia*, como o chamava o povo, pelo accentuado feroz das suas feições, sempre afive-

ladas n'uma seriedade carrancuda e hostil de assassino — um bruto que só de um murro matava-o! — abandonou tudo e deitou a correr para a estrada como um cão perseguido.

Santa Catharina, 1886.

---



# O VELHO SUMARES

---

(AO ALMIRANTE J. JÚSTINO DE PROENÇA)

O *Galgo*, tomada a ultima barcada de negros, fizera-se de vela. Bordejava ao terral da madrugada, na pequena enseada de Ambriz, os pharóes apagados para escapar aos cruzeiros inglezes e ganhar o mar alto, onde ninguem o vencia. As primeiras barras do dia começavam a clarear para os lados de terra, e o navio, ainda entre pontas, não conseguia fazer-se ao largo. No tombadilho, passeiando de bombordo a a boreste, o velho Sumares praguejava, porque o vento ia escasseando. O brigue caturrava lentamente na vaga e elle olhava preocupado o horisonte a oéste, sondando-o com um longo olhar inquieto, através da obscuriade...

## II

Das trinta e seis perigosas viagens á Costa, nenhuma lhe custara como aquella. A' sahida do porto, pegára logo uma lestadada que arrebatára um mastaréo, inutilisando-lhe um homen e fazendo-o rolar, durante oito dias, aos trambolhões, á capa. Depois, fôra

aquelle “raio do diabo” do *Contest* perseguindo-o, na ultima semana, com uma tenacidade formidavel, até á ante-vespera, em que conseguira escapar, graças á intensa escuridão da noite, na bahia de Biafra. Ainda sentia subir-lhe o sangue á cabeça, n’uma onda de raiva, á lembrança daquelles sete dias perdidos, de continuas e trabalhosas manobras, ora escondendo-se nos recantos da costa, ora sumindo-se nos vagalhões do alto mar. E, todas as manhãs, sempre á vista, as velas perseguidoras do maldito cruzeiro! Carregára, durante dois dias e duas noites, n’um sobresalto, sem arriar ferros, só com um ancoróte, prompto a suspender ao primeiro signal. E, pela primeira vez, sentia-se fatigado do seus setenta e seis annos de mar.

Porque o velho Sumares nascera no oceano, na altura das Canarias, na camara de uma galera das Indias, uma alegre manhã atlantica de mar manso e céu claro. Seu pai, o capitão de bordo, era um famoso nautico, descendente de uma antiga familia de marítimos do Algarve. Chamava-se Manuel Sumares, mas era conhecido, entre os capitães portuguezes do seu tempo, pelo *Manuel Mastro*, em virtude do seu pórteso e agigantado, do excepcional sangue-frio no perigo, da grande força muscular. Nunca tremera diante da tormenta, nem sentira a fadiga das viagens. Piloto muito moço, apenas tirára a carta, começou a encommandar. A mulher, que o acompanhava sempre pelos mares, uma robusta filha de pescadores da Póvoa, morena e planturosa, com uns alhos negros esplendidos, fôra creada nas praias, aos ventos salitrosos do oceano e ao cadente rebentar das vagas.

Tivera seis filhos homens, dos quaes os tres mais velhos, ainda muito tenros, começaram a labutar sobre as aguas. Casára aos quatorze annos e sahira logo a viajar. Muito forte, muito corajosa e saudavel, nas constantes viagens, vivia sempre em cima, no tombadilho, ao lado do marido, accompanhando o movimento das manobras com intrepidez masculina. Isto fazia com que os marinheiros, nas palestras intimas do rancho, a tratassem sempre pela *Velha Nautica*.

O Sumares herdára do pai a gigantesca estatura, a calma extraordinaria e a possança viril de musculos, coroadas por uma intelligencia natural e um incomparavel espirito de aventura. Da mãe, recebera a belleza cinzelada do busto e os grandes olhos nankinados, imprimindo uma radiação e um encanto á larga physionomia aryana, emmoldurada em bella barba basta e n'uma espessa cabelleira ondeada. Aos quinze annos, todo imberbe, era lindo, forte, esculptural, lembrando o filho de um pescador do Pireu, ou um antigo grumete dos Argonautas. Bem novo ainda, com pouco mais de dez annos, entrára a servir, como moço de convés, sob as ordens do pai, revelando desde logo extraordinaria vocação para a vida do mar. Assim fizera numerossimas viagens. Foi em Santa Catharina, onde naufragára n'uma sumaca portugueza que ia para o Prata, que obtivera o seu primeiro commando, n'um palhabote da pequena cabotagem. Tinha então vinte annos. As viagens eram para o Rio-Grande-do-Sul, e, em uma dellas, o Sumares realisava inesperadamente a sua primeira aventura, salvando, com risco de vida, sob

um pampeiro forte, toda a tripolação de uma barca ingleza, naufragada na barra. Valeu-lhe esta "africa" uma medalha do governo britannico, acompanhada de um riquissimo binoculo de *master*, com uma inscripção e o seu nome nos cylindros dourados, onde se fallava da Rinha Victoria e do Almirantado.

Este facto e outros, numerosamente occorridos em toda a costa durante aquelle inverno de tremendas borrascas, déram-lhe, desde logo, nas duas provincias do Sul, uma grande notoriedade. Só se fallava então no capitão Sumares. Depois, nos navios de longo-curso, que iam continuamente ás Antilhas e á America-Central, para onde se encarreirára, fez, com o seu immenso prestigio de marinheiro genial, prodigiosas salvações no mar. E, entre todas as viagens alli, era celebre a temerosa travessia sob o estourar dos cyclones no Golfo do Mexico, onde sessenta navios sossobraram, só escapando elle n'um velho patacho.

Mas a formação da sua estranha biographia, quasi inverosimil e lendaria, a que a imaginação popular déra côres phantasticas, sobrenatuares, teve logar, com mais publicidade e ruido, quando capitão dos navios da Costa, no trafico do escravo onde occorrem inauditos casos. Ahi enriquecera, logo no começo, a dous armadores do Desterro, com magnificas viagens dando resultados consideraveis. Como casára, porém, na familia Calado, uma antiga firma commercial, tambem armadora e agora um pouco atrazada pelas continuas perdas no mar, no ultimos annos—passou a commandar um dos navios da casa.

Escolhera, entre os quatro restantes, o *Galgo*, que fizera apenas uma viagem á Africa, e essa mesma

com tanta infelicidade que os inglezes o haviam aprisionado, já na volta, depois de oito dias de singradura larga, levando-o com carregamento e guarnição para Santa Helena, onde o abandonaram. O desastre se déra porque o capitão dessa época, aterrorizado desde um temporal que apanhára pelo equinoxio, e que obrigára a correr em arvore secca, durante um dia, aos boléos, sobre os vagalhões irados—tivera medo de puxar pelo barco, por causa do mar e do sul terrivel que reinava, temendo-lhe o casco esguio, o enorme panno, a guinda desmesurada.

O navio era novo, de um modelo lindo, uma construcção rara. E o novo capitão, ao sahir a barra, pela primeira vez, no *Galgo*, puxando todo, ás bordadas, contra o norte duro, reconheceu logo, pela excellente marcha, que aquillo “era uma espada” Ao botar-se a *barquinha*, verificava-se sempre oito a dez milhas folgadas—á pópa, á bolina, a um largo. Foi nessa viagem que os Sumares começou a série inédita e louca de aventuras que tanto o celebraram entre os capitães costeiros, e das quaes se sahiu sempre victorioso até áquella bem cercada agora de máus presagios...

### III

Mas claridades roseas começaram a alastar o céu—e o sol rompeu, n’um pasmoso esplendor tropical, fazendo destacar, muito vivas, as areias brancas da costa, as florestas á beira d’agua e, ao fundo, as montanhas cinzentas da Serra-Leôa, sumindo-se além,

n'um esvaecimento nostalgico. A luz de ouro jorrante cobria de innumeradas placas rutilosas a vastissima amplidão do mar. A oeste, o curvo e immenso horizonte se mostrava agora, deserto e longinquo n'uma extensa linha azulada. . . .

De repente, das aguas de Benin, dobrando o cabo de Palmas, ao noroeste, velas branquejaram. Era uma embarcação de alto bordo.

O velho Sumares, á amurada, de binoculo em punho, observava attentamente o navio : proava naquelle rumo, á grande distancia, por isso não podia distinguir bem. Suppoz, a principio, uma galera portugueza, de torna-viagem ás possessões na costa. Mas, ao virar de bordo, reconheceu que era um brigue, trazendo á mezena a bandeira ingleza arvorada :

—Ah ! com um milhão de raios, o *Contest* !...

E mandou logo virar para o sul.

#### IV

Todo aquelle dia seguiu-o, ameçadoramente, como na ultima semana, a terrivel prôa, que só desapareceu ao cerrar da noite, mas cujos pharóes accesos brilhavam, através da tréva, espreitando-o sinistramente, como os olhos de um felino phantatico. Pela madrugada o vento encasseou, e outra vez avistaram, á doce luz dourada do Levante, quilhando-lhes a esteira branca, sobre as aguas de sable, o temeroso casco. A maldita calmaria, tão conhecida naquellas paragens, começava. E o cruzeiro vinha-lhes na alheta, já muito proximo, a menos de tres milhas escassas.

O velho Sumares receiva agora o alcance da arti-

lharia que montava o navio, mas guardava o sangue-frio habitual, observando o menor movimento do inimigo. O piloto, no arco de gávea, procurava devas-sar o convéz inglez com o seu longo olhar. E a guar-nição do *Galgo*, de cima do castello, mirava, o sobr'olho carregado, a aproximação do brigue.

Era colossal o vaso britannico, pelo seu comprimento, um enorme pontal, a alterosa mastreação, sendo que só as gaveas e os joanetes podiam dar para todo o panno do *Galgo* !

E alguns dos marinheiros, rudes velhos encanecidos no trafico, que tinham sido aprisionados de uma feita por um dos cruzeiros, lembravam-se ainda, com terror, olhando o monstruoso navio, dos máos tratos e da cruel deshumanidade da maruja ingleza. Os que offereciam resistencia nas abordagens ou davam combate, eram içados, depois, no láis das vergas, ou passados de mergulho por debaixo do casco ou calabrotados...

—Um inferno ! concluia o velho gageiro Domingos, o mais idoso da companhia ; só faltava matar-nos, trincar-nos os bófes... Excommungados ! E alli esta-vam a seguil-os ! Só se aquelle barco, o *Galgo*, já estivesse com craca, senão os havia de ensinar, aos patifes, deixassem estar ! E demais com quem ! Com o velho Sumares... Ora, os diabos !...

Os outros, que o ouviam, exclamavam entusiastica-mente :

—Quaes quê ! ao *Galgo* nem uma bala o pegava ! Aquillo era um corisco p'ra andar ! Déssem-lhe vento, que era o que elle queria ! E que fossem bugiar os *cursarios* !

E fixavam o *Contest*, franzindo o beíço, com profundo desdem, como marinheiros que conhecem o seu barco.

O João Catharina, que subia do rancho para render o homem do leme, e que ouvira o fim da conversa, gritou-lhes também, voltando-se, com uma das mãos á cinta, indireitando a faca :

—O que, rapazes ? o “carroça” ? Não dava p’ra nada... Pois se aquillo era peor que uma boia !...

Mas, á ré, o velho Sumares não tirava o binoculo do barco. Parecia-lhe, inexplicavelmente, que o outro se approximava mais, apezar da calmaria. E intimamente pensava :

—Talvez effeito das correntes, das aguas...

Começava a estranhar, porém, o silencio das baterias já em alcance quando, de repente, o piloto gritou para baixo :

—Fazem signal para atravessar !... Fazem signal para atravessar !...

Em seguida, um estampido grosso e rouco de canhão rolou sobre as aguas, que o sol a pino malhava.

—Ah ! os miseraveis ameaçam-nos ! rosnou o velho Sumares, vendo uma nuvem de agoldão que se adelgaçava lentamente, cobrindo o brigue á meianáu.

Os marinheiros, pelas amuradas, á prôa, berravam, n’uma indignação :

—Olha os estupôres ! Vão balear-nos ! vão balear-nos !

E effectivamente, d’ahi a instante, os tiros repetiam-se, á bala.

O cruzeiro, todo em panno, entrando ainda para vante, estava já á distancia de braças. Agora, das enxarcias, dominava-se-lhe toda a vasta tolda : á pópa, o commandante e alguns officiaes moviam-se furiosamente, em manobras desesperadas, enquanto outros, ás baterias mandavam o fogo.

Todo o horisonte em torno deserto no seu grande disco nostalgico. E o mar, de altos vagalhões, desviava as pontarias, arrancando pragas aos artilheiros furiosos.

O *Galgo*, quasi parado na ausencia dos ventos, parecia entregar-se, n'uma fatiga de animal cansado, á explosiva furia inimiga. O velho Sumares, ao cata-vento, sob as balas cruzando o convés á ré, sem poder corresponder ao ataque, n'uma intima e intensa revolta de encolerizado, posto que exteriormente calmo, olhava, em meio do ranger zarro das vergas e dos mastros onde o panno murchava, as evoluções do navio, sacudindo leoninamente a grande barba espessa e a bella cabeça alva.

O *Contest*, porém, não adiantava mais uma braça, meio atravessado, só atirando com os canhões de bombordo.

Durante duas horas o *Galgo* não fôra attingido ; mas, de repente, uma bala atravessou-lhe as amuradas. Foi um choque horrivel, seguido de outro que despedaçou a lancha grande, nos picadeiros, sobre as escotilhas fechadas. No porão, nesse instante, correu como a zoada abafada de um gado preso, tumultuando. E guinchos loucos silvaram, entre-vante do mastro do traquete, pelo escotilhão acima. O contra-mestre, com tres marinheiros, arrancou logo o quartel gradeado, e desceram todos, de calabrote em punho...

O velho Sumares estremeceu, n'um desespero brutal, observando todos os movimentos do inimigo contra a balaustrada. E logo grossas vozes de commando irromperam-lhe dos labios. Os marinheiros acudiram immediatamente, galgando os enfrechates, no meio do fogo gritando de espaço a espaço.

Pela primeira vez, nesse momento, o sangue calmo do velho marítimo sublevava-se naquella tolda rasa, mas sem o trahir apezar do grande abalo.

As balas inglezas choviam, entretanto, sobre o tombadilho a jogar, carregando tudo n'uma devastação formidável—o espelho da pôpa, a gaiuta, as pipas da aguada...

E toda a companhia tinha agora movimentos attonitos, sob o fogo que augmentava.

O piloto porém, á prôa, animava-a com a sua rude calma e alegre vozeria, mandando safar os ovens e brandáes que se despedaçavam. Era um rapaz dos Açores, de trinta annos, robusto e vivo, de uma intrepidez colossal. O velho Sumares conhecia-o desde menino e adorava-o pela sua coragem. Fôra isso que o fizera, ainda muito joven, genro e piloto do velho lobo do mar.

Mas a brisa do norte começava a cair fresca, e o *Galgo* augmentava já a singradura quando acertou-lhe um balasio n'um mastro. Então, em todo o navio houve como um estremeção geral, n'um formidando ruido de derrocada — e pannos, vergas, mastaréos e mastro entraram a fluctuar em roda, desfeitos, aos pedaços, como arrebatados n'um temporal. E, subitamente, vinte pulmões vigorosos estrugiram, n'uma explosão de pragas :

— Má raios os partam !... Covardes !... Má raios os partam....

Fôra o **mastro-grande** que rebentára cahindo de través sobre o **trincaniz**, destruindo a borda falsa.

— **Felizmente, ninguem apanhado !** gritou o **contra-mestre**, que vinha para a pôpa, branco como a cal.

E o **velho Sumares**, junto ao leme, berrava, appo-pletico, a bracejar :

— Salta á ré ! salta á ré ! Com um milhão de diabos ! Safa, safa !...

A gente cahiu, n'uma rajada, sobre os destroços da cordoalha, coalhando todo o convés, por cima da camara, e rompeu a cortar á machadinha e á faca os cabos, enquanto o navio atravessava batendo as velas de prôa.

Sobre os vagalhões em torno, boiavam agora sinistramente, pedaços de mastro como despojos de um naufragio.

O *Contest*, que fôra deixado longe, cessára já de atirar.

A guarnição do *Galgo*, n'uma faina trabalhosa safára, em poucos momentos, o convés, e o brigue, estaiado o traquete, virára logo, deixando tudo para traz, sobre o mar...

Quando o crepusculo se desenhou a oéste, alastrando o horisonte, n'uma vaga illuminação dourada, já o terrivel casco **britannico** desapparecera, como **sosobrado**...

## V

D'ahi a dias, n'uma esplendida manhã de sol vivo e mar calmo, o navio, só com um mastro, entrava victoriosamente o Arvoredo. Fundeára na Ponta das Cannas, onde fôra lançado o carregamento e no outro dia, á tarde, o velho Sumares seguiu para o Desterro onde, desde o amanhecer, não se fallava senão no *Galgo*.

Por toda a parte, nas ruas e nas casas, o nome do celebre mareante scintillava como o de um personagem phantastico, em meio as exclamações e commentarios. E durante mezes, foi essa extraordinaria viagem o assumpto mais querido das palestras entre aquellas populações da beira-mar, que têm toda uma sympathica predilecção pelas lendas maritimas.

O velho Sumares nunca mais embarcou, expirando aos noventa annos de idade, entre os carinhos deliciosos das filhas e dos netos, na sua pittoresca habitação da Arataca. E a historia da sua vida rude e aventureosa ainda é hoje relembrada, com ineffavel ternura, na placidez venturosa dos serões, nos lares.

Rio, 1892.

---

# HISTORIA RUSTICA

---

(A MEMORIA DO DR. REMEDIOS MONTEIRO)

## I

Era já noite alta quando o Zé Lirio transpoz a porteira, bebendo a cahir. Recolhia das Areias, do engenho do Gaia, ainda áquella hora acceso e ruidoso, onde uma multidão bailava e ria, n'uma alegria campestre, celebrando as bodas da Josephina, uma das filhas mais novas do velho lavrador. A rapariga casára ao entardecer, sob um poente de purpura e o dobrar dos canarios nas ramagens dos caminhos. O noivo era um primo, ausente desde annos, longe, no Rio-Grande-do-Sul, de onde chegára havia semanas a visitar a familia. Moreno e robusto, o rapaz encantava, pelo porte herculeo, o sorriso limpido, o brilho negro dos olhos, a côr quente e viril do rosto tinto pelo sol do mar. Crescera e se fizera homem como remador, no rude serviço da barra, onde ganhára algum dinheiro, passando depois a contra-mestre de hiate. Mal chegára ao sitio, apaixonara-se pelos cabellos dourados da prima, os seus olhos azues de longos cilios bastos, os

dentes alvissimos, o corpo alto e primaveril, de amplas ancas virginaes. A prima correspondera-lhe logo ás caricias másculas, abandonando para sempre o Zé Lirio, coitado, que a adoravá loucamente, desde muitos annos. E, ajustado o casamento, tudo se consummára naquelle sabbado.

E alli, agora, n'uma angustia, na grande dôr do coração apunhalado o Zé Lirio não poude dar mais um passo : tropeçante, as pernas tremulas, agarrando-se ás varas da estreita cerca que ia dar ao terreiro separando o vasto pasto ao lado, foi-se arrastando até os degráos de pedra da entrada, onde cahiu, preso dos soluços e das lagrimas apezar da carga de alcool, a cabeça pendida, n'uma attitude alquebrada...

## II

Todo aquelle dia levára a beber, n'uma longa inquietação, a cruzar a estrada, por defronte do engenho, onde havia uma animação desusada. A's vezes, sem ninguem o vêr, dando volta pela Varzea, mettia-se no extenso mandiocal da empena, que ia até o campo, e ficava horas e horas a espreitar, agachado sob as ramas verdes tremendo ao vento. D'ahi, por debaixo das frondes do laranjal e do cafezal em redor, entre os troncos erectos, descortinava as paredes barreadas dos fundos e o terreno arenoso onde a criação se agitava vivamente, cacarejando sob a luz de ócre ardente. Na varanda linguarejava-se, n'uma algazarra adoravel. De vez em quando, raparigas da visinhança, que tinham ido ajudar os preparativos da festa, e a

Josephina, atravessavam, n'um rumor alegre e chalrando, para os lados da fonte. No cercado da horta, saias brancas engommadas fulguravam ao sol.

Então, enternecido e accommetido de dolorosa saudade, entrou a lembrar-se dos tempos felizes em que começou a frequentar o engenho. Fôra por umas farinhadas, havia dez annos, tinha elle dezoito. Um dos filhos do Gaia adoecera das bexigas e elle fôra ajudar a fornear. Era n'um inverno de grande geada. Em todos os cantos tiritava-se. E as raparigas, que raspavam a mandioca, logo ao escurecer iam empoitar-se para ao pé do forno, junto ás brazas do tóros, cujas labaredas vermelhas e risonhas aqueciam e clareavam a casa, mais que as chammasinhas mortças das antigas candeias de azeite, ardendo penduradas aos altos páus do aparelho. E a Josephina, que andava ainda pelos doze annos, mas muito desenvolvida, com os seiosinhos nascentes espetando o largo corpete de chita, os lindos olhos de um azul humido e novo, a cabeça coroada de esplendidas meadas de ouro cahindo-lhe pelas espáduas eburneas até á curva deliciosa e esculptural dos quadris — entrou a preoccupar o seu coração, ainda virgem e são como as estrellas, dominando-o, imprimindo-lhe sensações e sonhos que lhe faziam pulsar mais forte o sangue nas veias. Nascera-lhe então uma grande alegria, uma grande esperança, com estremecimentos nervosos, as impetuosidades meigas dos que acordam para o amor. A rapariga, na intimidade do trabalho e naquelle conchego magnifico e constante dos engenhos, pelas invernias bravas, portas fechadas ao léste cortante desde a tardinha — olhava-o sempre affectuosamente, sorrindo,

admirando-lhe o thorax rijo e socado de roceiro, cujos braços possantes, durante as longas fornadas, moviam a pá sem descanço. Elle olhava-a tambem, timidamente, furtivamente, n'uma immensa candura de cão. E todas as noites os seus olhares voavam de um para o outro, com ineffavel ternura, á luz da fornalha crepitante...

Mas decorreram os mezes, a mandioca acabou. O trabalho daquelle anno findára. A sua paixão porém, tornára-se mais intensa, e elle, muito estimado pelo Gaia e a familia, não sahia do engenho, frequentando-o á noite, nas palestras carinhosas dos serões. No anno seguinte, pelas novas farinhadas, já a afeição de ambos tinha uma reciprocidade mais intima; fallavam-se a sós, sem os acanhamentos, as hesitações dos primeiros tempos; e, a certa hora, de dia, davam-se *rendez-vous* ingenuos á sombra das ramagens, no pomar, ou junto ás pedras da fonte, mutuando confidencias infinitas, desviando-se os olhares, n'um embaraço rustico que os tornava escarlates, apesar da frescura que se erguia do espelho verde d'agua onde, muitas vezes, o salto inesperado de uma rã os fazia debandar, n'um temor.

E fôra dentro daquelle horta, que elle estava agora a contemplar enternecido que ella lhe dêra o primeiro beijo, uma manhã de festa, quando colhia rosas para Nossa Senhora. Ainda lá estava, cobrindo toda uma parte da pequena cerca, erguida victoriosamente para o céu nos braços frondentes e altos do cinnamomo, com as suas innumeraveis corollas amarellas radiando como astros, a velha roseira da Índia que tanto os cobrira com o seu esplendor e fra-

grancia. Como a sua vida correra placida e feliz, então!...

E, n'um desfallecimento e n'uma angustia, rompia a chorar por momentos; depois erguia-se, n'uma furia, os olhos raiados de sangue, os punhos cerrados, ameaçando a casa por entre as verduras. E afastava-se, resmungando, n'um nervosismo, quebrando brutalmente com os pés a rama tenra que lhe impedia o caminho...

### III

A' meia tarde, quando começavam a affluir ao engenho os convidados, Zé Livio encaminhou-se para a venda do Justino, na Rua Velha, por onde tinha de passar o noivado. Nesse momento entravam a se agglomerar á porta os primeiros rapazes para a costumada algazarra da noite. O Zé entrou praguejando, todo sujo, os cabellos emmaranhados, chapéu carregado sobre a frente, as feições amarradas, e, dando "boas tardes" a todos, foi sentar-se a um canto, pedinho cachaça. Tinha a larga face cavada, engelhada, a barba revolta, e os olhos reluziam, negros e inchados na orbitas, com uma luz desvairada. De repente recahiu n'um silencio e, com o braço apoiado ao balcão, parecia domitar. Ninguem ousava fallar alto, temendo-lhe as amplas espáduas possantes. Apenas alguns, mais afastados, commentavam baixo o "caso" do pobre rapaz, com palavras de compaixão e affecto.

Mas, subitamente, as crianças que andavam a tra-

quinar no terreiro, romperam a gritar, n'um alarido infantil :

—Olha o casamento ! Olha o casamento !

Todos correram para a porta, quando o Zé Lirio ergueu-se, de um salto, de faca em punho, procurando investir para a estrada, aos berros :

—Ah ! que os mato !... Canalha !...

Foi uma debandada, uma balburdia de mil demônios. Mas o Justino, que tinha uns musculos de touro, um homemzarrão, outr'ora tropeiro e domador, pulhou-lhe em cima, com uma presteza de gato, e agarrou-o de um impeto, enlaçando-o pelo thorax e empurrando-o, aos trambolhões, para o fundo da venda.

Agora, de toda a parte, acudiam pessoas,

No prestito festivo, enfrentando a casa já de volta da igreja, houve como um frémito, uma perturbação que o fez estacar, empallidecendo a todos, em presença do motim. O noivo conservava-se, porém, impassivel, herculeo e erecto no seu frack preto cheio de dobras, mas, a seu lado, a noiva, parecia tremula e de cêra, sob a tulle tenue do véo.

No ajuntamento que se adensára em volta, vozes clamavam :

—Não é nada, gente ! E' o Zé Lirio com a *canna* !

O prestito recomeçou a sua marcha, enquanto lá nos fundos da venda o rapaz, num desatino e colérico, tentava furiosamente desprender-se dos braços poderosos do outro.

A' noite, já de todo accomodado, o Zé Lirio soltara-se para as Areias. A lua cheia mostrava o disco além, por cima dos montes da Cachoeira, lavorada e branca

como uma salva de prata, voltada para os campos, vertendo um povilho de claridade. O rio, lá em baixo, no seio chato da planície, estendia uma larga faixa rutilante de níquel, comida aqui e alli pelo mangal denso das margens. Nos massiços de folhagens, cujos cimos escorriam humidade lactea, a brisa algida do norte gemia melancolicamente. Do alto espaço azulado, as estrellas lançavam scintillações de diamantes em poeiras innumeraveis. E jámais a profundidade dos céos pareceu conter mais densa nuvem de pó luminoso.

O Zé seguia, de cabeça inclinada, pela fita clara e arenosa do caminho correndo entre sébes, ruminando a sua dôr no cruel despedaçamento de todo o seu ser. E essa noite admiravel, sob a qual caminhava com o desespero no coração, parecia-lhe pungitivamente uma tremenda ironia da Natureza, sempre indifferente e inabalavel ás cousas humanas !

Ao descer o Caminho-Novo, depois da chamma de cólera em que ardera, uma nostalgia sem nome varou-lhe a alma, ao avistar ao longe a profusa illuminação do engenho, destacando saudosamente por entre a verdura. Na encruzilhada, quasi ao pé da porteira estacou, ao deparar-se-lhe multidão enorme, homens e mulheres que se apinhavam no terreiro, banhado pelas luzes derramando-se das janellas, de onde lhe chegava aos ouvidos o rumor compassado da dança d'envolta com os sons roufenhos de uma gaita. Temendo ser visto, ganhou a picada do Bom Jesus em direcção á venda do Texeira, de onde voltou depois, ás guinadas, bebado, completamente bebado. E,

cortando pelo immenso vassoural que ia sahir de frente do engenho, varou o caminho, onde errou toda a noite, n'um esmagamento de derrota, a praguejar desesperadamente contra os que não o ouviam, embriagados tambem nos arruidos da festa. Afinal, n'uma ultima e já cançada revolta, tomando o caminho de casa, pela vez derradeira lançou ao vento este brado angustioso e presago, que longamente echoou no ar :

—Desgraçados !...

E desapareceu, aos solavancos e aos tombos, sob a luz silenciosa do luar tocando agora o zenith.

#### IV

Havia quasi um anno. que a Josephina abandonára o Zé Livio, porque elle, desde a morte da mãe, déra em entregar-se á bebida e, em certas occasiões, desordenava-se, dando que fallar no sitio.

A rapariga não o via desde o ultimo *coroad* no engenho, onde elle, uma noite, muito embriagado, levantára uma rixa, da qual resultou sahirem os irmãos feridos e o pai expulsal-o para sempre, prohibindo-lhe as visitas.

Então profundamente apaixonado com o desprezo em que o lançára a noiva e toda a boa familia do Gaia, á qual a bem dizer pertencia, ficára de todo perdido, dando-se abertamente ao alcool. Mas a sua paixão jámais cessara, e elle, embora arredo, andava ao facto de tudo, sabendo dos passos da Josephina. Por isso, desde que lhe disseram do casamento della com

o primo, nunca mais deixára as Areias, rondando o engenho, noite e dia ; e naquelle sabbado, mais do que nunca, os seus pés infatigaveis freneticamente revolveram alli a poeira do caminho.

## V

Agora, á porta de casa, bebido e exausto, com o coração despedaçado e vazio, n'um desmoronamento intimo de todos os affectos, o Zé Lirio sentia como uma grande enervação inteiriçal-o, sobre os degraus de pedra. Desfallecido, n'um acobardamento mortal, alli jazia ainda ao ar gelado da noite. Tudo, em volta, permanecia n'uma mudez de sacrario. As arvores nem sequer farfalhavam de leve nos campos adormecidos, velados pela dealbação do luar. E nenhum outro som no espaço além do ladrar soturno e rouco dos cães, ao longe.

Rio-outubro, de 1892.



## O ANDRÉ CANOEIRO

---

### I

Com os bois por diante—porque o caminho ahi corria ainda em declive suave contra a falda do morro —o André, sentado ao cabeçalho do carro, as pernas bamboleando aos solavancos das rodas, a aguilhada em punho reluzindo ao alto o aguçado ferrão, fizera calar de repente a singela cantiga rustica que ia assobiando para olhar embevecidamente, ao longe, sobre o mar muito manso, a rareada casaria da Ponta-Grossa, branquejando além, sob o primeiro clarão da madrugada, pelos montes da outra banda.

Era pelo tempo das farinhadas. Vinham chegando as manhãs de escocia, algidas, e as noites sem nuvens, esgazeadas, de junho. Colhiam-se as primeiras roças de mandioca, nas planicies, nas encostas e nas altas chapadas. Havia por todos os sitios um labôr alegre e cantado. E em todos os engenhos, á beira das estradas claras e debruadas de verdura espessa, no meio dos pastos ou junto ao sopé das montanhas, entre laranjaes, o rumor domestico e placido das familias reunidas, sob os tectos baixos de palha, em volta dos brazeiros d'inverno, na faina festival do trabalho.

Naquelle arraial dos Ganchos, um dos engenhos que mais cedo começavam a farinhar, todos os annos, era o do velho Elyseu Brito, padrinho do André e um dos mais abastados lavradores do logar. Chefe de numerosa familia, com filhos e filhas casados, cercado de ninhadas de netos, a maior parte habitando conjunctamente o mesmo vasto prédio que havia abrigado durante quasi dous seculos a geração forte de seus antepassados, este bom homem obscuro possuia em si o encanto, a doçura, a bondade candida de um antigo patriarcha. Alli e nas circumvisinhanças o seu nome e as suas virtudes exerciam no povo, em geral, como um prestigio e uma fascinação, grandemente corroborados pelas liberalidades bemfezas e fecundas que continuamente recahiam sobre essa boa população. De toda a parte, por isso, nessa época, muita gente occorria ao seu engenho para o ajudar, enxameando sonoramente o enorme edificio situado a algumas braças do mar, na da Baixada Grande. E, durante esses mezes frios mas encantadores, em que as cevadeiras cantam deliciosamente, uma alegria marulhosa e campestre estalava em redór, pantheisticamente, pelas sébes cheias de aves, pelos cafezaes tufados que abrigam amôres, e pelas laranjeiras frondentes todas salpicadas de ouro. Das pessoas de fóra que tomavam parte mais activa na faina, o André distinguia-se entre todas, porque, a bem dizer, de menino que não sahia da Baixada Grande, onde se criara quasi até o dia tristissimo em que o pai perecera, por um descuido desastroso, na moagem da canna. Fôra pela festa de S. João. Tinha elle treze annos. E a mãe, muito afflicta e coberta de luto, in-

consolavel na sua grande amargura, nessa mesma noite, com elle, deixara essas terras, para ir morar com uma tia, no outro extremo dos Ganchos. Mas elle vinha sempre, uma vez por semana, á grande habitação do padrinho, para tomar-lhe a benção e ganhar o costumado quinhão. E as farinhadas, passava-as sempre no engenho, ajudando a gente da casa, n'uma labuta constante, com a sua indole intrépida e mansa de bom trabalhador, ora acarretando a mandioca e lidando com o gado, ora cevando e forneando.

Assim, alli ia agora, monte acima, pacificamente, cheio de paz e cheio de felicidade, para as primeiras carradas da manhã. E como daquellas alturas já se desvendassem luminosamente, n'um colorido o immenso panorama, a longa faixa littoral do continente toda rendilhada de branco, e os cômoros côr de ocre esbatido, e as pontas de rochas, em novellos espumantes, da outra costa da ilha, onde elle ha muito trazia preso o coração—accommetteu-o repentinamente a lembrança deliciosa de que naquelle dia, á noite, começavam as primeiras novenas da corôa em casa do João Sant'Anna. E quedou-se a scismar, a meditar intimamente, na *chegada* que ia dar, ao anoitecer, até á outra banda. Sim, porque não podia perder aquellas novenas, por nada do mundo ! Promettera á Therezinha não faltar a nenhuma. Ella o esperava e, de certo, áquella hora, no terreiro alegre de casa, a debulhar milho ás gallinhas, num alvoroço feliz, pensava nelle, toda rosada e sorrindo sob o esplendor glorioso da luz. Não podia, pois, faltar. No emtanto, os trabalhos do engenho reclamavam-no. Que diabo !

Mas arranjar-se-hia, como da feita em que o pai da rapariga estivera a decidir da “pontada”, sahindo todos os dias, ás Ave-Marias, para a Ponta-Grossa, na sua bella canôa a *Toninha*, e voltando sempre alta noite ou pela madrugada. Se Deus quizesse, elle faria o mesmo agora, sem se *apertar*, porque desta vez coubera-lhe felizmente o serviço dos carros, que findava sempre á noitinha. Quanto á distancia e ao mar, isso pouco se lhe dava : tinha bons pulsos para o remo, quando não pudesse velejar. O tempo, esse não o inquietava, não o amedrontava nas aguas, porque estava affeito de criança a todas as suas variantes. Depois, contava infinitas travessias, mesmo para o Arvoredo e para o Rapa, sob ventos desfeitos, vagalhões desesperados. No mar poucos o venceriam, tinha uma “boa estrella” as ondas o amavam... Que chegasse á noite, era o que elle queria, para ir gozar o corôado ...

E, embalado nesta idéa, illuminando-lhe e consolando-lhe a alma como uma longa caricia de amante, voltou a assobiar com bravura, expansivamente, as notas amorosas da *Tyranna*. Os animaes puxavam, lançando baforadas de fumo na frescura matinal, toda impregnada de aromas. Na frente do carro, presa á haste rija de peroba, a canga rangia, de vez em quando, nas suas grossas guascas de couro. E, sobre os largos lombos arqueados e os pescoços possantes dos bois, cujas cabeças sumiam-se, para além dos canzís, quasi rentes com a terra no esforço da subida, as quatro pontas aguçadas dos chifres, oscillando, enfiadas ao ajoujo.

Mas o caminho ahi empinava-se, n'uma volta brusca

onde se cavava fundo uma gróta pedregosa e abrupta, rolando lá em baixo, entre sébes humidas, a prata viva e viajora de um fio d'agua cantante, e o André immediatamente saltou para o chão, tomando a dianteira do vehiculo. Nessas alturas, o mar perdia-se de vista, porque as chapadas onde estavam as roças voltavam-se todas para a outra banda. Agora descortinavam-se sómente as planuras verdejantes das Tijucas, alongando-se para todos os lados, orladas nervosamente de finas barras de tulle, que se perdiam e ondulavam á distancia. E á proporção que o carro avançava, o terreno se ia horisontando, até que de repente cahiu n'uma esplanada magnifica, toda coalhada de ramas. Era o mandiocal do morro chamado, um mandiocal gigante, o mais custoso de todos pela sua situação mas o que melhores resultados deixava ao fim de cada anno. O velho Elyseu Brito, quando ás vezes ia vel-o, na sua guêcha branca, pelo tempo da capinação, enchia os olhos de gozo e exclamava n'um jubilo, o bello rosto radiante :

— E' o meu thesouro ! E' o meu melhor quinhão !...

Quando o André entrou a fazer a volta, n'um perimetro de terreno limpo, onde se erguia uma especie de rancho para abrigar o pessoal da roça nas longas estadias da colheita e da plantação, o Hortencio e o Luiz Brito, que o tinham precedido alli ainda nem se annunciava a manhã para a faina de arrancar as raizes e arrumar a boa rama, gritaram-lhe logo :

— Oh André, oh bregeiro, pois ainda agora, homem ! Descanga, descanga esses bois. Olha, amarra-os lá para aquelle outro lance. E anda, demonio ! que a mandioca já está aqui a “ apodrecer...”

O André, que nesse instante collocava o muchaco e desabrochava os bois, voltou lentamente, com a voz constringida pela applicação da força :

— Ora aguardem lá, seus québras ! Isto aqui não é ir variar parrelheiros lá para o Capão, nem dar as pernas á ufa nos fandangos da Maria Biana... Temos tempo, o dia é grande. Nem tudo vai a matar...

Mas elles romperam de novo :

— E que é dos outros carros, hein ? Por onde deixaste o João Candinha e o Romão ? Que diabo ! parece que tudo hoje anda levado da bréca ! Ora queira Deus o velho não lhes passe por ahí um sermão !...

— Os outros ? fez o André erguendo-se. Ficaram ainda lá em baixo, atraz de um dos bois, o *Velludo*, que fugira de noite para o campo. Mas de certo já vinham em caminho, pois, ao passar pela gróta, lhe parecera ouvir, para os lados do Vianna, a toáda grossa do Romão cantando a *Flór lageana*.

E como fallara até alli sem dar com os rapazes, lançou os olhos então sobre aquelle vasto mar de folhas verdejantes, onde elles arrancavam a mandioca afogados até o pescoço ora erguendo-se, ora abaixando-se. E a muito custo descobriu-lhes os bustos alvos, vestidos em camisas de algodão, boiando além, no seio da verdura, como os de naufragos nadando. Em volta, por um amplo rombo na rama, perdido nessa superficie infinita ondulando ao vento, negrejavam já ilhotas de raizes, arrancadas de fresco, tórtas empoeiradas e nodosas, á maneira de estranhos montões de reptis. E, pondo a corda nos bois, foi amarral-os a pequena distancia, para um recanto do morro em que havia grama. D'ahi a instantes voltou correndo, muito ale-

gre, na direcção dos rapazes, o bello rosto imberbe corado pelo frio, o largo chapéo de palha á banda :

— Então, seus patifes, vocês não se movem dessa “ cócha ” da arrancação? Tóca a carregar o carro! P’ra alli! Vamos! vamos!...

E atirava-se, aos pinchos, por cima dos montões de mandioca, ás gargalhadas, como um escolar de dez annos. Nisso, surgiram na chapada os dous carros, á cuja frente vinham o João Candinha e o Romão. Os rapazes gritaram-lhes logo, a uma, n’um alvo-roço :

— Cheguem, cheguem, rapazes! Isto é uma viação. A estas horas já era p’ra haver mandioca no engenho. A gente lá ha de estar furiosa pela raspação...

E, enquanto os outros calçavam os carros e arrumavam os bois, elles entraram a carregar os balaios grandes de mandioca, que despejavam ruidosamente no carro do André, armado já de sébe. Dentro em pouco, e com presteza admiravel, os vehiculos estavam pejados até os arcaveiros, fechando no alto os fueiros com densos mólhos de rama. Em seguida, com o do André á frente, os vehiculos romperam em marcha, os eixos chiando sob o peso da carga, morro abaixo, lentamente na descida ingreme.

Eram seis horas. O sól maravilhoso galgava o firmamento, victoriosamente, derramando por tudo uma morna pulverisação d’ ouro.

## II

Cahia o crepusculo esmaecido e dolente por detraz das montanhas longinquoas do Cubatão esbatendo-se nostalgicamente no Azul, quando o André parou, com a ultima carrada de mandioca, no largo terreiro do engenho. Mais atraz vinham chegando tambem os outros carros, n'um chiado prolongado e monotono, pelos lados da porteira.

Em torno, sob o laranjal copado e os cafeeiros densos, em nichos recolhidos de sombra, havia um rumor aninhante de azas, agitando as folhas, em procura dos poleiros. D'entre as moitas baixas, pelo capim ou no meio das sébes bastas, os grillos, retirados já ás suas cellas de inverno, picavam o silencio elegiaco das Ave-Marias, com o seu tic-tic de prata. E pelo alto das frondes, abanando ao vento as ramagens trémulas, por onde espiam as estrellas, sentia-se, aqui e além, um piar gemente de passaros retardados demandando a paina quente. Pela larga porta do engenho viam-se já arder confortavelmente lá dentro os tóros grossos do brazeiro. Candeias de quatro bicos, suspensas das traves e dos esteios, a distancia umas das outras, abriam, no meio das trevas que se adensavam no alto, sob as vastas telhas, curtas chammaz azues, que illuminavam frouxamente, á maneira dessas lampadas que se accendem nas igrejas. No centro de tudo, os grandes páos do aparelho moviam-se continuamente, na sua grossa engrenagem, impellidos pela almanjarra rangelente. A um angulo, mulheres, homens e crianças, de cócoras, junto aos côchos da cevadeira, raspavam des-tramente a mandioca, n'uma algazarra animada, de

boa gente palreira. Proximo, no recanto do forno, os carregadores de typityns faziam mover com estrépito os braços fortes da prensa; e, de vez em quando, dominando tudo sonoramente, com uma voz de commando, o grito másculo do cevador, espicaçando a lentidão preguiçosa do boi: — Eh, *Estrella!* Eh, *Estrella!*

O André agora não parava, n'uma preocupação, fazendo tudo nervosamente, com o pensamento preso a sua viagem á Ponta-Grossa. Já por vezes olhara investigadoramente o céu, que se cobria no alto de flócos brancos espessos. Eram os primeiros signaes do vento sul, prestes a cair. E, após haver destravado as sébes e os fueiros, com os bois pela corda, em direcção ao pasto, enquanto os outros carros fastavam á porta do engenho, ia pensando comsigo: — “E’ verdade, ainda mais esta! Vento pela prôa! Vou tel-a do fino, não ha que vêr!...”

E voltando, sem mesmo dar “boas noites” e pedir a benção ao velho Elyseu, como sempre fazia, mal pegara a sua camisola de baêta vermelha que deixara n'uma das empenas do engenho, tomara ás pressas o atalho que levava ao caminho, gritando de longe para os amigos ainda ás voltas com a mandioca no terreiro:

— Oh, rapazes! Por hoje não contem mais commigo. Tenho muito que fazer. Vou para longe, para a outra banda. Mas pela madrugada, se Deus quizer, hei de estar por aqui rente...

E sumiu-se, no meio dos vassouraes das arreias, marginando alli a estrada até o Rio de Meio.

Quando entrou em casa — uma meia-agua situada

n'um recanto da larga praia branca, que virava para a Caeira — o mar apresentou-se diante d'elle, na sua vastidão immensa, todo plano e em calma, mas com essa reluzencia espelhante e argentea onde se arrastam esfuminhadas negras e frémitos rapidos de aguaceiros, que precede os grandes ventos.

Mas o André era um canoeiro como não havia segundo n'aquellas redondezas, e se estava contrariado era só porque a viagem agora ia custar-lhe o dóbro do tempo. Quanto ao mais, “ o fim do mundo que fosse ”, como costumava dizer, não lhe mettia medo. Era memoravel, alli e em toda a costa catharinense, a travessia arrojada que elle realisara, sósinho na sua *Toninha*, sob uma lestada terrivel, para o pharol do Arvoredo, quando a mãe estivera a “ espichar ”, com as maleitas.

Apenas tomara a benção á mãe e á velha tia Silveria, o rapaz fôra mudar de roupa e, n'um relance, com a palamenta ás costas, enveredou para o pequeno rancho onde tinha a canôa.

Nesse instante, sobre as aguas, ao longe, o cordão branco do vento apontara pelo sul, como uma grossa barra de gesso. Em cima, no céo, grossas felpas das nuvens, promettendo máu tempo uniam-se e condensavam-se já, tapando de todo as abertas azul-ferretes em que tremiam as estrellas.

D'ahi a pouco, com a vela branca erguida, como a aza de uma gaivota gigantesca e phantastica, perdida na calma taciturna e presaga da noite densa, suggestiva de sinistros estranhos e allucinadoras ideações dantescas, o André largou, mar em fóra, na sua máscara, inabalavel afouteza...

## III

Na Ponta-Grossa, a casa do João Sant'Anna, ás Ave-Marias, começara a reluzir, toda accessa. E desde essa hora que de toda a parte, em redor, as familias acudiam, em grupos alegres e palradores, ao longo das praias e pelas estradas pedregosas dos morros, debruadas de espinheiros. A gente das proximidades, essa, desde meia-tarde, a bem dizer, enxameava a casa, ajudando a arrumação e os enfeites, A sala para as novenas estava arranjada com a mais florida e encantadora simpleza. Tinha sido a Therezinha quem, com um bando gracioso de amigas e as filhas do Sant'Anna, se encarregara especialmente desses ornamentos, mesmo porque o corôado era tambem obra sua, pois o ajudara a prometter quando a bexiga, havia mezes, cahira sobre o arraial, ceifando vidas e vidas, com uma furia inclemente.

A adoravel rapariga, nesse dia, amanhecera trinante e radiosa e, toda em festa, nas suas vestes frescas, de uma ineffavel simplicidade roceira, presa ás tranças escuras uma bella camelia branca, desde cedo cruzava no terreiro, em pequenas voltas caseiras, alegrando tudo com o seu grande esplendor de morena. Uma idéa encantadora alvoroçava-a na manhã resplendente, e era que d'alli em diante, durante aquelle mez, ia ter ao seu lado, todas as noites, o mais amado dos homens, o escolhido e eleito do seu coração. E depois era por esse tempo que o André ia pedil-a em casamento, como promettera. Elle jurara fazel-o na ultima noite do corôado, logo que findasse o terço. Como

ella anciava por aquelle momento, Nossa Senhora! E agora, mais do que nunca, o rapaz lhe não deixava o pensamento. Experimentava como uma emoção e um prazer, só em lembrar-se que, volvidas horas, ia vel-o apparecer, junto a si, humilde e carinhoso, muito forte e vermelho, com os seus meigos olhos castanhos e o fino buço negro, que lhe ficava tão bem! E parecia-lhe estar ouvindo as suas costumadas palavras, que a entonteciam como beijos, sempre tartamudeadas a medo, em algum recanto isolado: -- "Então, querida, esse coração ainda é meu?..."

Mas a noite chegara, cheia de nuvens espessas. Para o sul, o horisonte, esgazeado e como batido de uma claridade alvacenta, expunha a temerosa e tórva scenographia das mudanças de tempo. Ficara, a principio, aborrecida, contrariada, mas conhecia bem o André e sabia que por sua causa elle arrostaria tudo, custasse o que custasse. De resto, aquillo talvez não dêsse em nada, como acontecia ás vezes. E, no intuito de verificar se andaria alguma vela lá pela terra-firme, em demanda da ilha convidou as amigas a darem uma chegadinha á Ponta, de onde se descortinava ainda o littoral da outra banda, sob a primeira nevoa da noite. Muito tempo, então, no meio da algazarra sonora das raparigas em bando, sobre o alto descoberto e gramoso do velho promontorio, erguido n'um supedaneo de rochas onde o mar escachôa noite e dia turbilhonando, esquadrinhou longamente, com os seus doces olhos melancolicos, a faixa d'agua reluzente da enseada dos Ganchos. E como nada descolrisse, sob a cinza crepuscular que augmentava, sepultando cada vez mais os longes, retirou-se silencio-

samente com as outras, n'um desanimo, o peito oppresso, sob a ameaça do temporal perturbando o seu amor.

No terreiro do Sant'Anna, onde já muita gente se agglomerava falando, encontrou o João Veiga, que vinha chegando de Sambaquy pelo morro, e que lhe declarou ter visto, do alto do Maltão, uma canôa largando dos Ganchos. Pela altura em que andava, muito junto ao Recanto, lhe parecer a *Toninha*, que vinha singrando naquelle rumo. E accrescentou, sorrindo maliciosamente :

— Aquillo ha de ser o André, que não quer perder o corôado... Mas que loucura, uma travessia daquellas, sob a tormenta pintando-se ao sul ! Só mesmo aquelle demonio ! Você me perdôe, Therezinha, mas eu é que não me arriscava nem por um milhão !...

Ella, mais tranquilla e satisfeita, respondeu toda risonha :

— E' o que você diz, primo Veiga ; eu queria vêr aquelle tempo do namoro com a Anna. O que isso não foi ! E o que não soffreu, o que não se consumiu, para assistir áquelles fandangos onde elle ia sempre, lá para os lados de Santo Antonio ! Pensa que eu não sei ! Pois olhe, eu me lembro ainda daquella feita em que você perdeu o alazão, n'um braço do rio, pisando-se todo e gramando cinco mezes de cama...

Elle ainda retrucou, gracejando :

— Qual ! Therezinha ; são tolices. Eu nunca fui dessas cousas, Deus me livre ! A Anna que te conte...

E desapareceu, por entre um grupo de homens idosos, onde estava o Sant'Anna.

A rapariga, então, n'uma pressa galante, enfiou-se pela porta com as outras, porque avistara as Teixeira e as Nunes, que tinham vindo do Ratores: e foi logo todo um trinar amoroso de vozes, por entre os abraços e os beijos.

Pouco a pouco a sala inteira encheu-se. Uma agglomeração de homens tomava a entrada, os corredores, a saleta. E assim que o capellão entrou, alguns rapazes, que ainda se detinham a fallar no terreiro, correram immediatamente para casa...

Quando a réza começou, lá fóra, sobre as aguas, o tufão cahia, varrendo as ondas, em rajadas doudas. A noite tornara-se medonha. E agora, de espaço a espaço, relampagos cortavam a treva, com grandes látegos de fogo.

O prédio todo fechou-se, sob as lufadas rijas. Em volta, envolvia-o lugubrememente a zoeira prolongada e monotona do laranjal ramalhando; pelas telhas, pe-neirando uma frialdade cortante, passava, ás vezes, quando o sul rebojava furioso, como um vago rumor de naufragios, o esfrolar tumultuoso de lonas ao vento.

A Therezinha empallidecera de subito, n'um susto, n'uma palpação, com o pensamento apegado ao André, rolando agora em meio ao turbilhão; e, baixinho, diante do altar illuminado, onde resplandecia ricamente, sobre um fundo de cólcha escarlate, a corôa de prata do Espirito-Santo, fazia promessas fervorosas, pelo noivo, á milagrosa Senhora dos Navegantes.

Em roda della, mulheres e homens comentavam, com palavras piedosas, a tardança do rapaz, naquelle

instante, colhido pela ventania no seio desabrigado das ondas. O Sant'Anna, a um canto, com o Veiga e o Manuel Secundino, pai da Therezinha, occupava-se tambem do André, exclamando apprehensivo :

— Ora, queira Deus esse rapaz não vá soffrer por ahí alguma ! Isso ha mar no canal que é uma cousa sem termo... Tambem atirar-se a uma travessia entre pontas por um tempo daquelles ! Só de louco, só de quem perdeu a cabeça !...

Os outros apoiavam-no sacudindo os hombros tristemente :

— E' verdade. O André era aquillo mesmo... Sempre com o diabo das suas afoutezas ! Olhe que ainda não havia muito tempo apanhára a do Arvredo... E não lhe servira de escarmento ! Não lhe servira de escarmento !...

Mas o terço proseguia, na sua melopéa engrolada e monótona, emquanto lá fôra, uivava rijo na noite o vendavel desfeito.

#### IV

Fôra pela ilhota de Anhato-Merim que a *Toninha* recebera de prôa as primeiras rajadas de vento. Momentos antes vinha ella de panno a bater, em meio a calmaria, e o André, vendo a maré de vasante e a distancia a vencer, aguentara duro para o largo, a toda força de remo.

Nessas alturas, quando os ventos berravam do sul, as maretas, deslocadas e erguidas, sacudiam-se em furia

rebetando de travéz, em novellos roladores de espuma ; e as correntes, subindo para o norte com a velocidade de milhas, naquella época invernosa, punham sob um risco constante as pequenas embarcações que singravam alli. O André, porém, não se importava com isso no seu arrojo de canoeiro perito, dominando o mar, affrontando-lhe a cólera desenvólta com uma audacia feliz.

N'essa occasião, comtudo, ao deixar o remanso da ilhota, sob a noite que cerrara de todo, n'uma negrura espessa, de instante a instante cortada pela illuminação dos fuzis, ficara de repente aturdido, pois não julgara o pampeiro o colhesse ainda alli. Mas isto fôra instantaneo, porque a sua grande calma marítima voltara-lhe immediatamente, e elle passou a encarar o perigo com a costumada frieza. E agora, sob a orquestração descompassada da ventania indomita, desmontando tudo sobre a vastidão do oceano, a canôa rolava violentamente, n'uma carreira de desastre, agredida e sacudida incessantemente pelo embate gigantesco das vagas.

Sentado á pôpa, com o tronco todo para fóra da borda, escorando a embarcação na bordada difficil, um dos braços possantes segurando o remo que servia de leme enterrado nas aguas, o André, firme e inalteravel, deixava o casco correr, ás cégas, no meio do nevoeiro denso, sentindo as ondas golfarem, por debaixo da quilha, vertiginosamente. E a *Toninha* aguentava-se, bolinando como um bote quasi na linha do vento, com o seu enorme patilhão corrido, atravessando-a de prôa á pôpa. Veleira e esguia, naquellas aguas ásperas dô sul, realisava verdadeiros

prodigios de **singraduras** e travessias, que faziam a adoração e o encanto daquellas populações vigorosas e intrepidas de arraiaes maritimos. Por isso o rapaz, dentro della, não se temia de tempo nenhum, atirando-se a tudo sobre o mar, arcando sempre triumphalmente com o vendaval bravio.

Naquelle instante terrivel, com os vagalhões crescendo de minuto a minuto como immensas dunas movediças sob o simoun marinho, presentindo a praia ao pé pelo estrépito e o recuo monstruoso dá rebentação hostil, preparou-se para a virada, mettendo em rumo da terra-firme. A véla murchou, então, de repente, n'um ruido de folhas em ventania, e golpes de mar consecutivos esbarravam tumultuosamente á prôa, abatendo-se e desfazendo-se em fôfos colossaes de escumilha, que tinham uma reluzencia phosphorejante de barras liquidas de nickel. O casco atravessou aos trancos, todo alagado e sacudindo-se em pinchos ranjentes, como um irado corcel que se empina, e quando a rajada formidavel cahiu sobre o panno frouxo e vasio que a escôta prendia, a pequena embarcação arrancou, n'um impeto, deitada a fio nas aguas, rasourando as ondas crespas com o seu bôjo fugidio. O vento cada vez se tornava mais rijo e a noite mais carregada e retinta, atravessada continuamente pelos relampagos recrudescendo em ziguezues sinistros, clareando instantaneamente o oceano, que se agitava em baixo, n'um estranho espectaculo de steppe polar, sob a luz hyperborea et phantastica de um chuveiro de bolidos.

Quando a canôa, já beirando a outra costa, virou de novo na bordada da ilha, um aguaceiro despegou-

se do alto, no meio de fortes descargas electricas, que subblevavam a amplidão, com o seu grosso troar de artilharia.

Então, o André, furioso por se achar ao desabrigo e ter de chegar todo molhado á Ponta-Grossa, prorompeu em pragas rudes, sob as grossas bâtegas cahindo :

—Diabo ! ainda mais este estupor de aguaceiro ! Raios partam o caiporismo !...

E considerava, n'uma contrariedade intima. como havia de se apresentar no terço, diante de todos, com a roupa ensopada e em desalinho. Era uma vergonha. Mas que havia de fazer, santo Deus ! Voltar d'alli não podia. Com o pé quasi em terra ! Depois, promettera á Therezinha. Não ! Entraria assim mesmo no terço ! Ora, todos o desculpariam...

E, enquanto assim se absorvia nessas reflexões recolhidas de espirito, a *Toninha* voava, saltando as ondas bravas com uma marcha inaudita. De repente, um medonho turbilhão envolveu-a, rôlos gigantescos de espuma cobriram-na, fragorosamente, e grandes choques consecutivos abalaram-lhe poderosamente o bôjo e a quilha. A véla, presa ainda á escôta, abria-se toda sobre as bordas, deixando uma multidão de frangalhos a tremular no ar, contra o mastro partido. E os vagalhões, atirando-se em assaltos bramantes, appossavam-se totalmente da embarcação vencida, fazendo-a rolar aos tombos sobre a penedia.

O André, logo á primeira esbarrada, medindo a situação e tomando o pulso ao perigo, lançara-se ao mar, gritando por entre o torvelinho :

—São as pedras da Ponta, são as pedras da Ponta ! Malditas !...

E, abandonando a canôa, botou-se a rijas braçadas para o largo, fugindo á rebentação desenvolta, estourando e sacudindo-se clamorosamente sobre a rocha viva. Após alguns instantes de luta vigorosa e renhida, corpo a corpo com as vagas, os seus braços robustos e déstros de nadador insigne levaram-o á praia, onde chegou já exausto, todo rôto, o rosto e o peito feridos.

Entretanto o tempo amainava e, em pouco, o André, erguendo os olhos e vendo reluzirem no alto as luzes da casa do Sant'Anna, galgou com esforço e cantando, o caminho do outeiro. Ao chegar ao terreiro, como já houvesse terminado o terço e reconhecessem-he ao longe a voz forte e viril, a porta abriu-se e todos correram ao seu encontro, n'um alarido de prazer. E a Therezinha, com o coração aos saltos, n'um alvoroço de affecto, foi a primeira que lhe surgiu á frente, exclamando :

—Olha o André ahi ! Olha o André ahi !...

Elle, apertando a mão da noiva fortemente e dando boa noite a todos, penetrou na sala, pallido e desfigurado, o largo thorax ferido, a roupa a escorrer.

Então as pessoas presentes, agglomeradas em torno d'elle, n'uma grande admiração, começaram a inquiril-o :

—Mas como escapaste, oh André ? Como pudeste vencer a tormenta ? Só por um milagre, filho ! Só por um milagre de Deus ! Olha que chegamos a pensar que morresses !...

O rapaz tentou responder logo, mas a emoção e a fadiga o turbavam fundamentalmente ; e, mal articulara algumas syllabas, foi cahir sobre um banco, offegante

e quasi a desfallecer. E só momentos depois, com a Therezinha ao lado e o coração em extasis, é que pôde dizer claramente, com o ar victorioso de um antigo guerreiro :

—E' verdade, gente, aqui estou ; perdi a canôa, mas escapei. Desta vez, ainda o mar não venceu !

Rio, 1893.

---

## PAGINA SIMPLES

---

(A' MEMORIA DE F. MOREIRA DE VASCONCELLOS)

Desde criança que o Manuel Basta era triste, amarello e scismatico. O seu todo anguloso e franzino, de um rachitismo soffredor, causava uma desolação a todos que o conheciam. A sua longa e profunda anemia déra-lhe ao organismo uma passividade e indolencia sem fim, inutilizando-o quasi para o trabalho.

Por isso, vivia encolhido ; não gostava de estrafegar, correr ou jogar pedradas, como faziam os rapazes da sua idade, ao longo dos caminhos vermelhos e pedregrosos, ao entardecer dos dias, quando as boas-noites sulferinam as cercas e alargam expansivamente o recórte alegre das pétalas, de onde se ergue uma aromatisação fresca e hygienal, emquanto o sol desaparece, saudoso pelo outro lado da montanha.

Nunca a ruidosa brincadeira de “boi”—tão predilecta e querida dos companheiros !—o attrahira e arrastara, nem mesmo a caça, a bodoque, dos passarinhos estheticos e coloridos que dóbram festivamente pelas ramadas, na preciosa liberdade dos campos !

Elle era “ um molleza”, como o chamavam o Vidal e o Justino, dous rapazes da visinhança, verdadeiros québras que viviam a estropear a pedradas os cães e as gallinhas dos outros, e a roubar de noite cavallos nos pastos para assistir aos fandangos longinquos, lá para a banda das Aranhas.

A Sebastiana, uma magricela, de pescoço comprido e regateira, que morava na encruzilhada do caminho da praia e habituara-se a estar, até muito tarde, de lume acceso na cosinha, sentada ao portal da rua nas noites enluaradas e límpidas, pelo que era tida por “bruxa” no sitio,—quando via os dous madraços passar a galope, agitando a silenciosidade soturna e remansoça daquellas paragens, com um som estriduloso de patas que se perdia pela noite a fóra, praguejava, enfurecia-se, chamava-os de “estupores, raios”, desejava-lhes desgraças, uma morte affrontosa. Entretanto, elogiava o Manuel Basta, dizendo-o bem ensinado, obediente á mãe e ás pessoas mais velhas, com modos de rapariga que se cria a pancadas.

A vida do Manuel Basta era aquecer-se ao sol todas as manhãs, entorpecido, indolente, sentado em uma pedra, na frente da casa, carpinteirando canóasinhas de cortiça ou fazendo gaiolas e arapúcas para agarrar gaturamos, os bons gaturamos da Caieira, de papo amarello e bico recurvo, que dizem rebentar de cantadores ; ou, então, á noite, ouvir historias de feitiçeiros, almas do outro mundo e lobis-homens, acreditando em sobrenaturalidades, medroso, acorçado junto ao brazido confortavel e clareante, de mãos abertas, voltadas para a quentura, de olhos arregalados de attenção, pregados na mãe, que phraseava o

enredo complicado das lendas nocturnas com entoação phantastica e penetradora, esparramada sobre um velho pedaço de esteira, fazendo rodar e zunir dextramente o fuso, entre os dedos, na branca fiagem do algodão. Capinava tambem seu bocado, todos os annos, aguilhoado pelas palavras maternas que, ás vezes, perdiam a habitual tonalidade e carinho, e, aggressivas e ásperas, num sibilar cortante, o impelliam ao trabalho, desenhando-lhe, aos olhos assombrados, o pavoroso quadro das miserias futuras, em que negrejava o phantasma espectral da fome e a densidão algida e sem lume das longas noite de inverno. Eram essas capinas em pequenos trechos de terra, nas baixadas humidas ou no declive secco dos morros, onde elle, nas manhãs festivaes de estio, em que o sol jorrava vivamente do Azul, invadido de repente de alegria e ardor, num fluido limpido e subtil de natural poesia, brandia a enxada cantando, sob a poeira d'ouro da luz. Pelo tempo das tainhas, em junho, costumava ir á praia ajudar a puxar as rêdes, que cércam em grandes lanços opulentos, quando sobre a planura olympica e ondulante do mar, além, róla uma ennevoadá nostalgia infinita e vão sangrando feéricamente, como em apotheoses de magica, esses faustosos, deslumbrantes occasos catharinenses...

A mãe desde a madrugada começava a lidar, a movimentar o tear até á noite ; e aquelle bater continuo do aparelho, que se ouvia ao longe, á luz amornentadora e vivissima de um forte sol de aldeia, era como que o grito de vida, a nota sonora da Industria e do Trabalho que sahia do pobre lar, incessante, monotona e prolongada, havia uma trintena de annos!

E assim viviam, o Manuel Basta e a mãe, tranquillos na sua penuria, escrupulosos na sua honradez, sem pedir nada a ninguém.

Um dia, porém, o Manuel entrou a perder o seu rachitismo doentio. Parecia engordar. Mas a sua amarelidão constante accentuava-se em tons lividos de hydropisia: a sua face, outr'ora engelhada e cavada, ganhava um aspecto redondo e liso, e a sua inactividade e tristeza augmentavam pouco e pouco numa immensa fraqueza entorpecedora. O seu corpo, agora, negava-se totalmente ao trabalho, em espasmos de spleen. Sentia, a todo o momento, um cansaço afflicto: *accommettiam-n'ó*, de repente, deliquios, dôres, agonias. Dominavam-n'ó, á noite, exaustadoras insomnias, e, pelo dia, uma somnolencia invencivel. Estava perdido.

A mãe, então, que o observava dia a dia, triste e apprehensiva, antevendo-lhe talvez, um fim proximo, o que ás vezes a fazia debulhar-se longamente em pranto — botou-se para a cidade em busca de remedios para tratá-lo, fazendo-o tambem tomar mezinhas, uns cosimentos caseiros que lhe ensinavam. E, todas as noites, ao deitar-se, nas suas rézas pedia a Deus, anciosamente, que lhe salvasse o filho.

No entanto o inverno chegava, inclemente. A natureza, em volta, perdera logo todo o seu esplendor e alegria, cobrindo-se de infinita tristeza, velha, estiolada e vencida. Um vento arripiante e polar, um vento assassino, ululava desoladoramente. E chuvas continuas despenhavam-se, tumultuosamente, do céu torvo e de cinza. O sustento escasseava de um modo extraordinario e terrivel; todas as manhãs, lenções de

neve ostentavam, fóra, a branquidão fulgurante e crúa de sua frialdade. Na cosinha já não existia o bom fogo consolador de outros tempos, no desalento daquela casa tristissima. Era uma desgraça, uma infinita desgraça. E o rapaz, que piorava de dia em dia, obesando-se quasi a estourar, expirou uma noite, ao monotono tamborilar da chuva sobre as telhas esburacadas e corridas. Então, a velha mãe amantissima, ao ver-se isolada e sem defeza, ao ataque brutal e desorientante da dor — atirou-se para a estrada, em busca de socorro, escabellada, rôta, sem crenças, a blasphemar contra Deus, doida, completamente doida !...

Santa Catharina, 1885.

---



# MISS SARAH

---

(A GUILHERME DE MIRANDA)

## I

Foi numa manhã alegre de Março que Miss Sarah chegou ao campo, em companhia de seu velho pai, o bom sir John Callander. Vinha em busca de melhoras para a sua saúde, havia mezes abalada: um resfriamento, uma noite de Dezembro, á sahida de um baile, após algumas voltas de walsa; na rua, esquecera-se de voltar a golla de seu grosso casaco de pellucia, e não se enrolara bem no chale. Chegara á casa já com febre, uma pontinha de tosse, a cabeça pesada. Despira-se, agasalhara-se logo, tomando remedios, cercada de todos os cuidados. Melhorára um pouco, mas a tosse continuava, uma tosse secca, que a affligia muito ao deitar-se. Chamaram então o dr. Duarte, medico da casa, um velhinho já trémulo, todo branco e enrugado, antigo clinico na provincia, com uma grande nomeada. O doutor examinou-a, auscultou-a, e delarara sorrindo: “ que não era nada, uma constipaçãozinha, havia de passar...” Mas Mis Sarah emma-

grezia, perdia as côres, definhava. Sir Callander, que era louco pela filha, inquieto, sobresaltado com aquelle abatimento em que a via afundar-se, já não ia ao Consulado, passando as horas junto d'ella, a animal-a a acaricial-a extremosamente. Até que um dia o velho medico dissera : “ Que era melhor ir para o campo, andar ao sol, respirar o bom ar das montanhas. Melhoraria, voltaria outra. Lá havia a saude eterna, alli estava, talvez, a morte !... ”

Então, o inglez, sem perda de tempo, atterrorisado com as ultimas palavras do doutor, mal fizera as malas e um rancho opulento, tomou um bote e, no dia seguinte, pela madrugada, partia com a filha para Cannasvieiras, onde um intimo lhe offerecera a sua propriedade. A viagem fôra costa á costa, e durara apenas horas, porque a embarcação, muito veleira, o alto latino inclinado, voava na aragem fresca do sul. Durante a travessia, Miss Sarah nada soffrera. Deliciara-a o espectaculo maravilhoso do sol, nascendo a Léste, do seio do oceano, entre véos de bruma argentea, como um balão de nacar ; o aspecto risonho e variado das paizagens littoraes, densas e verdes, fugindo a um bordo ; o correr das velas, cortando as ondas espumantes ; a construcção recolhida e humilde das alvas povoações mais amigas do mar. E recordava-se saudosamente de certas aldeias da Escossia, á beira d'agua, por onde andara em criança...

O sol já ia alto, inundando tudo de ouro, quando o bote chegou á praia. Miss Sarah, agora mais alegre, sorria, sorvendo a longos haustos o ar oxigenado e puro dos campos.

## II

A casa que habitavam sir John Callander e a filha, havia semanas, era uma das melhores do lugar. Fôra construída numa encosta suave, entre um vasto laranjal, n'um alto, de onde se avistava uma volta da estrada real, branca e arenosa, descendo para o Rio-Vermelho. Um pequeno atalho, pedregoso e barrento, cavado na verdura basta, como um grande arranhão de arado, sae do lado da habitação e vae ligar-se, lá em baixo, ao largo caminho da freguezia, correndo entre espinheiros tufados. O predio é de pedra — um antigo casarão de velho senhor de escravos — muito amplo, de grossas paredes lateraes recentemente emboçadas e caiadas, tendo na frente seis janellas pequenas e acachapadas, de um metro de altura, os portaes verdes envidraçados, olhando para um largo terreiro de lages cimentadas, onde outr'ora as colheitas seccavam fumegando ao sol. Cobrindo o edificio inteiro um immenso telhado de quatro-aguas, com um puchado grande aos fundos, formando a antiga cosinha patriarchal, em que á noite, se reunia a negrada domestica — creoulas robustas e entroncadas, de grandes mammas tumidas, alimentando as crias. E mais distante, para trás, trepando o morro, os allicerces esboroados já, e invadidos de hera, da vasta senzala, onde se recolhiam, outr'ora, depois da faina das rêdes e das roças, como uma manada de gado, os hercules d'ébano da lavoura. Em frente, a esplendida amplidão dos campos, n'um verdor tropical eterno, renovado todas as primaveras por uma nova força

cyclopica e torrencial de seiva, na perpetua possança e rejuvenescencia da Terra. Ao fundo, a montanha empinada, com o longo e alto dorso recortado no Azul, e os declives e as chapadas retalhados pelas culturas de tons verdes graduados...

Ahi se declarara logo em declinio a molestia de Miss Sarah: o rosado fresco e limpido de outr'ora voltava a tingir-lhe levemente a eburnea pallidez doentia; a tosse abrandava, pouco a pouco desaparecendo-lhe o desfallecimento e o *spleen* que a prostravam. Sentia-se emfim renascer, á plena luz, no seio fecundo e restaurador da boa Natureza. Encantava-a aquella vida simples e descuidosa do sitio, ingenua e doce, venturosa e serena, sem paixões e sem luctas, deslizando sempre, livre e obscura, atravez das mattas e sob o céro puro, como a agua crystalina, das cachoeiras. Pela manhã, era um acordar alegre no vasto casarão campestre: clarins de passaros a vibrar victoriosamente no arvoredado em redor, d'envolta com o rumor das charrúas; á noite, a doçura de um grande adormecimento, sob as estrellas, abrindo em malhas luminosas no Azul, ou o resplandecimento branco do luar, prateando os lagos e os rios com a sua luz de alvaiade.

Miss Sarah, desde os primeiros dias de installação no sitio, ia todas as manhãs tomar leite, fazendo tambem um passeio, a pé, ao longo da estrada. Era nas primeiras horas do dia. A luz do sol nascente amarellava os morros, cahindo pelas planicies, os valles, os terrenos trabalhados das lavouras. A claridade vivissima fazia resaltar o frontão caiado das casas d'entre os massiços de verdura. Uma larga

orquestração irrompia stridentemente da ramaria espessa fluctuando á aragem. Carros chiavam ao longe, desaparecendo nas voltas agrestes dos caminhos. O ar cheirava balsamicamente, saturado das emanações do gado, do carvão das coivaras e da fragrancia exuberante das rosas, desabrochando pelos cercados. E todo o céo dourado estava cortado de uma alacridade immensa, na vibração deliciosa das cantigas rusticas...

A rapariga caminhava alegremente, pelo braço do pai, ao esplendor feérico do alvorecer estival. E ambos riam, ás gargalhadas, trocando phrases carinhosas, muito felizes, no electrismo das manhãs ineffaveis.

Geralmente, á tarde, Miss Sarah e sir Callander faziam uma volta a cavallo, percorrendo os engenhos, os campos e as praias. A' noite, na sala do velho casarão todo illuminado, após uma leve leitura de Walter-Scott e o chá magnifico, que o antigo creado inglez, o bom Evans, servia, pai e filha recolhiam-se aos seus quartos, trocando o affectuoso beijo costumado e murmurando—*Good night!*

E assim, dia a dia, Miss Sarah melhorava.

### III

Março findára, e a moça n'uma vivacidade borbulhante, sentindo voltar-lhe a adoravel communicabilidade, quasi meridional, de escosseza, iniciára relações com as filhas do Luiz Machado, cuja casa ficava perto, na planicie, á beira da estrada, As meni-

nas eram muito meigas— a Christina e a Eulalia— por isso fizeram desde logo intimidade. Miss Sarah, muito insinuante, com os seus lindos olhos verdes laes, que deixavam ver até ao fundo a candidez virginal da sua alma, conquistára immediatamente as raparigas, enlaçando-as n'uma affeição fraternal. E com ellas passava quasi sempre as manhãs e as tardes. Quando as duas irmãs arrumavam as costuras e os bordados, iam todas para o parapeito do terreiro, palrar.

Aos domingos, appareciam sempre as meninas do Manoel Luiz e as do professor Thomas, que iam visital-as,—e então era toda uma algazarra esplendida de vozes adoraveis. Algumas vezes tambem; rebentavam por alli os sobrinhos do Machado, em passeio pela freguezia ; juntavam-se-lhes outros rapazes e, entre elles, o Balbino, um latagão ruivo, robusto, entroncado, um remador das rêdes, sardento e de pelle dourada. O rapaz era ainda imberbe, mas tinha para as mulheres uma fascinação irresistivel e viril de olhares. E Miss Sarah, uma occasião, na praia, vendo um lanço das rêdes, onde elle estava, de pé, junto a uma canôa de voga, que ia investir contra o mar, a fixal-a, n'uma grande e muda admiração de fascinado —ficára impressionada pelos seus olhos limpidos, de uma luz amorosa e doce, ardendo, sob cilios escuros, no largo rosto queimado. Os aneis do seu cabelo louro e basto tremiam ao vento, debaixo do largo chapéo de palha ; e da sua pessoa, erecta e alta, de uma elegancia rustica, desprendia-se uma irradiação poderosa e mascula, nascendo-lhe da belleza dos membros em correcção esculptural.

Desde então, a inglezinha conservára por elle uma certa *sympathia*, e a primeira vez que lhe falou ficara um pouco perturbada. E, dia a dia, sem saber como, sentia que aquella impressão ameaçava dominal-a, devido aos encontros continuos que tinha, agora, com o rapaz. Mas era britannica, e o seu temperamento calmo de européa do norte, jamais manifestava os abalos tumultuosos, as tempestades violentas de affectos, que tanto sublevam e desvairam o ardente sangue meridional. Amava, mas com um d'esses amores racionados e cultos de anglo-saxonia, os quaes, ás vezes, á maneira d'essas *geysers* terriveis occultas no gelo reconditamente, e sem signaes de explosão ou chammias externas, devastam entretanto as almas.

O Balbino, porém, desde que a viu pela primeira vez, trazia o coração torturado, preso á sua imagem auroral e loura de Deusa ; e quando a encontrava, arrastado pelos amigos até a casa do Machado, era como se um sol estranho se lhe abrisse de repente no coração, envolvendo-lhe o destino e a vida n'uma irradiação sem igual. Mas, jamais ousou approximar-se della, dirigir-lhe a palavra, quando na doce algazarra alegre do terreiro—olhando-a sempre de longe, embevecido, timido, n'um immenso embaraço.

Nessas reuniões ao ar livre, que findavam logo á primeira cinza da noite—porque Miss Sarah não podia expor-se ainda ao sereno—era ella a mais chalrante e buliçosa das moças, inventando jogos deliciosos, que se executavam n'um sonoro alarido, ás risadas. Ao lado, junto á porta da pequena habitação, com o Machado e a mulher, em amavel confabulação,

sir Callander acompanhava, com seu olhar azul e nostalgico, todos movimentos da filha, risonho, enternecido, n'um alvoroço intimo de pai, por vel-a já salva ás garras tremendas da tuberculose. Desde que perdera a esposa e o filho, a ultima vez que estivera em Inglaterra. (faziam oito annos), toda a sua affeição e carinhos se concentraram exclusivamente n'aquella filha adorada, unico bem da sua vida desventurosa. Por isso sentia-se profundamente feliz, vendo-a trinar alegremente no meio das amigas, sem mais apprehensões e cuidados.

E o dias succediam-se assim, venturosamente, para Miss Sarah.

Abril esmaltava os prados com todo seu esplendor, florescendo os arbustos e as arvores. As boas-noites docemente aromavam o ar, á tardinha, salpicando de pingos de purpura as cercas, ao longo das estradas. E os dias findavam todos, coroados a oeste pela pompa phantastica e tropical dos crepusculos dourados.

#### I V

Junho chegava, com os primeiros frios ; mas os dias continuavam hilariantes, cheios de azul e ouro no alto.

Miss Sarah ficara completamente boa ; engordara, e agora parecia bem outra, com o seu lindo rosto redondo e as suas largas espaduas. A sua pelle, de uma alvura rosada, que o sol do campo levemente dourara, confundia-se com a das camponezas robustas. Estava forte, esbelta e rija como uma estatua. Então sir

Callander resolveu regressar á cidade. E toda aquella semana—a ultima que passavam no logar—pai e filha a consagraram ás pittorescas excursões pelo interior e o littoral.

A vespera da partida, porém, Miss Sarah levará-a toda em companhia das meninas do Machado e a despedir-se pela vizinhança, onde se relacionara nos ultimos dous mezes. Com o seu genio festivo, de uma simplicidade affectuosa, despertara logo as maiores sympathias entre aquella gente amavel ; e, n'essa noite, ficara até mais tarde com a Christina e a Eulalia, a palrar, em grandes expansões animadas, do que haviam feito e gozado, desde que travaram amizade. As brincadeiras e os jogos no terreiro fôram lembrados, então, minuciosamente e com saudade. E ás dez horas, quando tiveram de trocar os ultimos beijos e abraços, houve uma immensa confusão de adeuses e lagrimas. Sir John Callander, com a sua immensa bondade, experimentara tambem uma emoção, ao dar o ultimo *shake-hands* á boa familia do Machado.

Toda a noite Miss Sarah levará a sonhar com a viagem.

## V

No outro dia, cedo, sir Callander e a filha embarcavam.

O sol vinha raiando sobre o mar muito calmo. Velas cruzavam ao longe, com brancuras triangulares. A praia de Cannasvieiras tinha uma grande fulguração prateada. As primeiras rédes cercavam já para os

lados da Ilhota ; e no rancho do Cosme havia uma agglomeração de homens, deitando as canoas para baixo.

Miss Sarah, da pópa da lancha que largava, olhava agora saudosamente os campos e as montanhas afastadas, lembrando-se vivamente das duas amigas e da boa gente que lá ficavam. Percorria com olhos os cômodos e a faixa de areia do porto onde a luz falscava, quando avistou de repente o Balbino, de pé, contra um varal onde rédes seccavam. O rapaz olhava fixamente a embarcação, n'uma attitude nostalgica. Miss Sarah, que o não via ha dias, enternecida, lançou-lhe affectuosamente um olhar, acenando-lhe com o seu lenço de cambraia. Elle aprumou-se, como uma estatua, e longamente abanou tambem com o seu largo chapéo de palha.

Mas a lancha fez-se de vela, deixando uma esteira sinuosa de espuma estendendo-se nas aguas...

E elle, olhando-a sempre, sentia como um vago desejo de chorar ; continha-se, entretando, apertando as palpebras, porque lá do rancho, agora, todos os rapazes o olhavam. Mas afinal as lagrimas rolaram-lhe pelas faces, quando viu sumir-se a vela branca da lancha sobre o mar azulado...

Rio, 1893.

---

## SEPARAÇÃO

---

Foi uma noite de tristeza e angustia para a Seraphina aquella em que o Thomé partiu. Pela primeira vez elle deixava o lar, abandonava tudo, para ir ganhar a vida em terras estranhas. Impellira-o a isso a penuria em que o tinham lançado, nos ultimos annos, atrazos successivos e, n'aquelle amaldiçoado inverno, as copiosas e continuas chuvas que haviam inundado as plantações apodrecendo as raizes. A mandioca—tão viçosa nesse anno e que promettia dar enormes resultados, sufficientes para reparar as grandes perdas passadas—completamente destruida! Eram roças vastissimas que elle contemplara, muitas vezes, da janella com os olhos humedecidos de ternura, o coração cheio de esperança, ao sol d'ouro jorrante das alacres manhãs de verão! Eram, emfim, quadras esplendidas de ramas verdes rendilhadas alastrando planuras extensas, **trepando declives**, avassalando no alto as chapadas dos morros... Mas tudo estava perdido! o sitio hypothecado, a casa, o engenho; a junta de bois vendida, o cafezal queimado pelas longas geadas! Decididamente « ia para traz » aos empuxões cruéis do Des-

tino! E tudo isso fóra levantado alegremente, outr'ora, pelos seus industriosos braços de vinte annos, possantes como vergas, n'uma época feliz, em férteis annos de bem applicada mocidade! Já lá se ia esse tempo, tão distante! E agora, velho e fatigado, jamais conseguiria reaver as suas posses, nas estreitezas daquelle meio pauperrimo. Por isso sahia, ia ganhar a vida longe, no torvelinho e na agitação fremente das grandes cidades. . .

Só com os filhos—um ainda do peito, a chorar, os dous mais velhinhos agarrados ás saias, estrangulados quasi por continuos ataques de coqueluche que lhes arroxavam os olhinhos macerados — a mulher, coitada, acompanhara o Thomé até á porteira. Ahi, sob a poeira fina do crepusculo que descia lentamente, os seus corações de esposos, tão serenos e satisfeitos ha tempos, alagados de sol e cantigas como os campos que os viram nascer, pela primeira vez, ao separar-se, tempestuaram em ondas de profunda amargura, varridos pela desgraça. Longo tempo permaneceram abraçados, num derradeiro beijo, tão intenso e ardente como o primeiro que trocaram, talvez á sombra doce das ramagens, ouvindo o ciciar amoroso do vento. E vivamente as suas lagrimas correram, d'envólta com os soluços, como se a profunda affeição de ambos alli se despedaçasse, de uma vez e para sempre! Depois separaram-se.

Então, por instantes, na estrada silenciosa e deserta, correndo entre bastas verduras, estas palavras desoladoramente echoaram, trémulas, febris, em pedaços:

— Ad...eus!... Vol...ta... bre...ve!... Ad...eus!...

A paizagem, agora, enlutara-se. A noite triste

**estendia-se, adensava-se em torno, com o seu dominio inelutavel.**

A Seraphina ficou, por momentos, immovel, sem voz, esmagada d'encontro ao moirão da porteira, no meio do chôro afflictivo dos filhos; e quando o marido **desappareceu** ao longe, na escuridão da espessura, como **arreatado** para todo o sempre, sentiu que ia enlouquecer n'uma onda de dôr suffocante, e **prompeu** em gritos, abalando, perturbando a noite calma. Depois, já mais resignada, foi-se arrastando penosamente até á habitação, no meio da treva cerrada de todo, levando comsigo os filhinhos que choravam e tossiam sempre, dependurados ás saias. O pequenino adormecera tranquillo, embalado nos ensoluçamentos do seu peito offegante, a cabecinha molhada pelas lagrimas dos seus olhos de Mae-Dolorosa. O velho cão de guarda da casa, o *Amigo*, compartilhava da afflicção de todos, caminhando adiante, lento e taciturno. E assim percorreram o cavado e sinuoso atalho que levava ao terreiro, no meio da planturosa Natureza, sempre indifferente e inabalavel.

A porta da casa ficara aberta: dentro, na compacta escuridão da sala, pesava um silencio lúgubre. De novo, então, a Seraphina foi **accommettida** por ondas de pranto forte e, allucinada, deu mais uns passos, indo cahir nos degráus de pedra da entrada... Quando voltou a si, achou-se **surprehendida** de se vêr alli, tão só, já madrugada alta, com as crianças a dormirem ao pé e sobre o collo. Ergueu-se, com o pequenino apertado ao seio, e entrou com os outros em casa, chorando...

A noite clareara. A lua surgia por detraz das mon-

tanhas, com a sua luz dolorida e doce, côr de flôr de laranjeira. Alvuras de praias estendiam-se ao longe, na paz de um vasto adormecimento sepulchral. Nem uma brisa soprava. Apenas no ar, indistinctamente, o resoar vago do mar, longinquo, batendo além, nos costões desertos.

Rio, 1892.

## A'BEIRA-MAR

---

(A LIMA RODRIGUES)

— Lily! Lily!

E o doce nome cantava no silencio luminoso da tarde, com um timbre d'ouro alegre, como o chillar das andorinhas no telhado. E, de repente, uma senhora esbelta, loura, planturosa, uma *mistress* de olhos vivos e moços posto que quarentona, appareceu, descendo os degrãos de cimento do jardim, n'uma casa solarenga da Pedra Grande.

Então, na varanda, entre trepadeiras, cobrindo de um crivo verde de folhas a parede, onde se rasgavam grandes janellas rendilhadas, uma cabeça olympica surgiu, como uma illuminante apparição astral :

— Espere lá, mamã!

Nesse instante, um rapaz de claro, alto, forte, são, com bastos bigodes negros e grossos hombros gigantes, transpunha o vasto portão de ferro, risonho e muito escarolado. A ingleza, que já o esperava junto á moita de rosas jaldes, na longa álea que enfiava até ao mar, alva e perfumosa, muito alegre, nas vestes de musselina branca, o rosto e os braços rosa-

dos, apertou-lhe a mão com affecto. E desceram ambos, a palrar, sobre o saibro branco e lavado, rangendo sob as solas, até umas pedras á beira d'agua.

O mar ahi achatava-se para todos os lados, calmo e azulado, com uma vasta rutilancia de nickel. A um canto, entre rochas altas, lembrando *menhirs*, accendiam-se malhas d'ouro e nacar, que levemente ondulavam. Longe, ao sul, uma península, com massiços de verdura, arvores frondosas, palmeiras varrendo o céu na aragem. Para as bandas da terra-firme, de frente, um occaso dourado de outubro, alastrando o céu, por sobre o recórte cinzento das montanhas. E, á sombra da costa, aqui e além, cruzando as aguas, como gaivotas, vôos rasos de velas brancas. . .

Passos leves e um *frú-frú* roçagante abriram-se na álea, e Miss Lily chegou, clara e rosada, vestida de azul-marinho, com uma cadellinha ao collo. Os cabellos cahiam-lhe do alto da larga e linda cabeça escosseza, em massa ardente de juba espessa ondulante, côr de ouro como um braçado de fêno ao sol. Seus olhos célticos tinham a côr, a doçura, a transparencia e o brilho d'agua das fontes, em mattas virgens, nos morros. E seus labios magnificos, onde a brancura dos dentes rutilava, attrahiam os beijos, humidos, polposos, escarlates.

O rapaz voltou-se logo, n'um frémito, o ar gentleman, saudando-a vivamente, com um grande *shakehands*. E rompeu em festas á cadellinha, n'uma doce algazarra.

A moça, muito corada ria-se alegremente, em esfuçadas cristallinas.

O verão começava, e tudo em redor era ineffavel. No ar limpido e transparente, errava um aroma vivo e penetrante.

Sentados sobre as pedras, ao ruido das ondas espraçando-se em caricias murmuradas, batidas pela brisa do mar gemendo queixosamente por entre os ramos das arvores, que acenam docemente para as embarcações navegando ao longe — os tres mantinham uma palração animada, olhando as casas da Praia de Fóra, muito brancas, no reconcavo da costa, sob a claridade esmaiada da tarde; as collinas do Estreito, ondulando em planos successivos de esmeralda; a paizagem dos Coqueiros, fresca, saudosa e verde-negra, destacando sobre ouro, como linhas fugidias de um oásis. Perto, n'uma volta da estrada, para onde descem pastagens luxuriantes, lembrando os prados bizzaros da Escossia na primavera, grupos coloridos de moças e rapazes perpassavam alegremente, na frescura littoral da paizagem...

Longo tempo alli ficaram, olhando a feérica illuminação do occaso.

Mas uma meia-tinta azul-ferrêta alastrava o céu, barrando os longes os primeiros pannejamentos da noite. Uma ethérea melancolia pesava, aviventando extinctas lembranças, venturas gozadas em tumultuosos instantes, na effervescencia do sangue, nos enternecimentos que estuam quando o coração polarizado ama...

Ergueram-se, então, tomados de uma vaga dolencia, fixando ainda uma vez as aguas tingindo-se de uma negrura brilhante. E, *mistress* Mag adiante, foram subindo vagarosamente para casa, onde uma

lampada belga abria já a sua grande flôr luminosa, no salão.

Mas, demorando o passo na álea, sob as frondes murmurosas, o rapaz, n'uma profunda vibração affectuosa, enlaçando amorosamente a cintura da moça, ia-a beijando, beijando. Ella, vencida e cheia de ternura, reclinava-se toda sobre o seu hombro forte; e de seus labios humidos desprendiam-se, trémulas, entrecortadas e ardentes, estas palavras deliciosas:

— Meu amor!... Meu amor!...

Nos degráos da entrada pararam um momento, arrebatados pelo esplendor do céo, que se coroava todo de uma prateada florescia de estrellas...

Rio, 1893.

# NA ROÇA

---

(AO DR. FRANCISCO FAJARDO)

## I

O Cosme, depois que a tia Sabina morrera, déra-se todo á bedida. Raramente trabalhava já; e a maior parte do tempo levava-a, de manhã á noite, na venda do André, a virar vintens de aguardente. A sua phisionomia, outr' ora bella, rosada e limpida, com um riso amavel e um resplandecimento juvenil e doce, achava-se agora quasi completamente transformada: os olhos, castanhos e transparentes, muito rasgados, e que tinham uma expressão e uma luz tão forte que ascendiam logo nos virgens corações das raparigas affectos desordenados, arrastando-as, ás vezes, ás furias da rivalidade assanhada e dos ciumes convulsos, que as levavam a descompor-se e a esgadanhar-se impudentemente nos terços — viviam agora somnolentos e cobertos da rubra e desfigurante bruma do alcool.

Sobre o rustico banco de madeira, que corria ao longo do curto balcão da casa, levava as horas a

dormir, sentado, com uma das pernas dependurada e a outra erguida sobre a taboa — o pé direito espalmado, mostrando uns dedos nojentos, calosos e deformados, onde os dois braços e as mãos, fechando em circulo a perna em triangulo, desciam e vinham unirse enclavinados. A cara, congesta e tumida, apoiava-se a um dos joelhos, e a barba, sedosa e fina posto que maltratada, estava sulcada de grossos fios de baba. O cabello, inculto e longo, todo emmaranhado e ruço d'aquelle triste vegetalisar pelo vicio, d'aquella vida desviada totalmente do bem-estar e do trabalho, exhausta já de vigor e brio, dava-lhe á cabeça revolta um ar disforme e velho. No emtanto, bem reparadas, as feições guardavam ainda um certo clarão juvenil, um tom vago e fugidio da belleza e virilidade que possuiram outr'ora.

## II

A tia Sabina era mulher dos seus sessenta annos, alta, magra, com os cabellos brancos e um pescoço fino e comprido, cheio do forte sulcamento das veias. Fallava pouco e baixinho ; era devota, sabia lêr e tinha bom coração. Todas as noites, depois de fiar o seu bocado de algodão, ceitava e ficava por muito tempo defronte de uma velha commoda, onde havia um registro colorido do Bom-Jesus-de-Iguape, em pé, com uma palma verde na mão ; ficava allí a orar, com o seu longo e encardido rosario entre os dedos, a passar as contas, com um movimento rapido dos labios murchos que zumbiam levemente, e o olhar, ora vagando pelo tecto, ora fixando a imagem pintada ;

depois ia metter-se na cama, mastigando ainda restos de rézas. Fôra casada vinte annos. O marido, havia quatorze, morrera. Era emborcadiço, levava a vida por fóra, em viagens, e a ultima que fizera matara-o, porque desembarcara doente, em braços, a bem dizer morto, com uma pneumonia.

Ella então, necessitada de uma companhia, tomou para si o Cosme, um rapazinho orphão, magro e amarello, muito timido e desajeitado, com uma carinha meiga e uns olhinhos grandes e mansos, e que vivia a favor em casa de uma pobre e numerosa familia dos Zimbros. O rapazinho não era feio e a tia Sabina, desde que o tomára, que descobrira n'elle uma bondade — era obediente e calado, muito dócil, alheio a troças, e amigo de fazer as voltas da casa. Por essa razão, tratou logo de dar-lhe umas roupinhas e mandal-o todos os dias á escola, acompanhado-o até á porteira, e recommendando : — « Sê bem ensinado e bom ; e aprende, meu filho, aprende, que é para seres homem. » E ficava ainda depois a olhar de longe o pequeno, que ia caminhando sem se voltar, com o andar preso e atrapalhado, e os pés a doêrem-lhe e a escorregarem dentro dos tamanquinhos novos. Tinha então seis annos. Quando elle voltava, ao meio-dia, e vinha tomar a benção, ella, sentada na caixa grande da sala, com o cesto da costura ao lado, carinhosamente o estreitava ao seio o beijava, tirando-lhe com meiguice o casaquinho e o bonet, a alisar-lhe para trás o cabello com as mãos, perguntando-lhe :

— Então, soubeste hoje a lição ?

E sorria, enternecida.

Depois levantava-se, ia tirar a comida : estendia no

chão uma esteira, abria sobre ella uma toalhinha muito alva e, com a panella ao lado e uma grande colhêr de páo, enchia o alguidar do rapaz que, sentado, as pernas cruzadas, remechia e amassava o pirão, mastigando em silencio.

A' meia tarde, o Cosme voltava de novo á escola; e ao entardecer regressava, só, afastado dos companheiros, que galhofavam d'elle, dos seus modos, e que, n'um alarido desenfreado, corriam, jogavam pedradas para as cercas, onde os cães se iam refugiar latindo e os passarinhos dobravam nas ramagens altas. Quando anoitecia, a velha botava-o adiante de si com o catuto na mão, e desciam ambos para a fonte, a buscar agua, por entre o cantar metalico dos grillos e as inquietas brazinhas dos pyrilampos.

Assim cresceu o pequeno.

Uma occasião, já com dezoito annos, metteu-se-lhe em cabeça casar. Na casa visinha, do lado do morro, havia uma rapariga galante e viva, filha de um pescador do logar, que desde muito o andava tentando com uns olhos magnificos. A rapariga chamava-se Margarida: era um demonio; havia mezes, vinha todos os dias ao caminho esperar o rapaz quando voltava da rêde. Então fazia-o parar, começava a contar-lhe « cousas », a dizer que o amava, estalando-lhe nas bochechas risadas esplendidas, jogando-lhe beijos com os dedos, entornando-lhe sobre a cebeça um turbilhão de pétalas!

O Cosme, muito acanhado, fitando-a com os seus grandes olhos castanhos, corava; ficava commovido e satisfeito com aquellas declarações e caricias, e ria-se, ria-se a valer, sem saber o que dizer, sentindo

**palavras** que lhe passavam na imaginação como faiscas, mas que nunca lhe vinham aos lábios! Apenas podia dizer, apavoradamente: — « E eu!... E eu!... » Depois, despedia-se e seguia para casa, voltando-se de instante a instante, para ella, que ficava de pé, no terreiro, a acompanhá-lo com os olhos — impressionado, cheio de scismas, com uma doçura sobre o coração. E levava todo o tempo a pensar na rapariga, vendo-a, pela imaginação, airosa, alegre e resplendente, com as mãos nos quadris, sob o abundante ouro do sol. Havia noites que não dormia, porque necessitava pensar n'ella, tel-a ao pé de si. Achava as horas immensas, intermináveis; e parecia-lhe, tristemente, que não amanheceria mais, que não veria o sol depois. Era uma angustia, uma infinita angustia! Resolveu, então, dizer á tia Sabina que precisava casar-se, senão não poderia mais viver, morreria..

A tia Sabina ouviu-o silenciosa, e muito sensatamente, disse :

— Tu estás doudo, Cosme! Não vês que isto é uma falta de juizo, e tu não tens idade nem meios?..

— Mas eu quero; quero, porque já não posso mais! retorquiu o rapaz.

E ella, melancolicamente, com os olhos no chão, pôz-se a reflectir, abanando a cabeça; depois, fitando o Cosme, que estava em pé, no portal, accrescentou :

— O que se ha de fazer! o que se ha de fazer!...

D'ahi a mezes o rapaz casava. A Margarida, a principio, mostrara-se muito bôa, muito trabalhadeira, e não deixava a tia Sabina fazer cousa alguma sem que ella a ajudasse. A tia Sabina vivia n'uma satisfação,

queria-a muito e chamava-a sempre—« santinha ». Mas, decorridos dous annos, levada pelo seu temperamento ardente, irrequieto, revolto, deu em « virar a cabeça e não fazia mais do que preparar-se e ir todas as tardes, depois do jantar, dar a tréla pela visinhança. A' tia Sabina não lhe agradava aquillo; mas, como sempre, permanecia calada, sem lhe dar a entender, mesmo de leve, o seu degosto por aquellas visitas. Um domingo, porém, uma velha camarada de infancia, e sua cómadre, a Rita Basilia, a da Coivara Grande, que já ha tempos não via, e que viera á freguezia para ouvir a sua missa, ao passar-lhe na porteira, encontrou-a estendendo umas roupas molhadas, e fallando :— «... E' verdade, como vae o Cosme? E a Margarida? Olha, mulher : pois não está tudo cheio que ella é má bisca; que não pára em casa, e vive todo o santo dia a curricular, enganando o pobre do marido, coitado! Oh Sabina, anda cá : põe-lhe um « cobro », vê se a mettes em caminho. Olha que é uma desgraça... » E como viesse gente, despediu-se apressada :—« Adeus, vou á missa, que já basta de perder tantas. Logo eu entro; agora não posso, ouviste? » E sahiu á pressa, bamboleando as suas transbordantes ancas de mulher madura e pesadissima, no meio do cadenciado estalar e ranger dos tamancos.

A tia Sabina, estendida a roupa, retirou-se, cabisbaixa, recolhida, com visiveis signaes de afflicção no rosto. Quando entrou em casa, ia pensando :— « Vou dizer-lhe tudo, isto não fica bem, não póde ser. Tambem sahir todas as tardes! Já estão surdindo os mexericos... Virgem Maria! Cáe na bocca do mundo, cáe na bocca do mundo!... »

E n'isto esbarrou-se com a Margarida, que vinha sahindo de casa, com uma radiação de alegria no semblante risonho e um grande mólho de malmequeres, dhalias e perpetuas, direita a ella:—« Tia! Olhe, eu vou ate lá ao Amaro; vou levar flôres para o terço. Passo lá o dia com a Leandra. Pois não sabe? Hoje é o dia da Conceição. Ha terço logo á noite. »

A tia Sabina, com a sua immensa bondade, vendo-a muito alegre e rosada, de uma frescura infantil no seu vestido de chita clara, conteve-se e apenas disse:— « Vae; mas toma cuidado, filha. Não sejas leviana. Olha que já fallam... »

E ia para concluir, quando a rapariga, com um modo estouvado e inquieto, pegandho-lhe do braço e sacudindo-a, interrompeu-a:—« Você venha tambem, tia; deixe isso e venha. Eu lhe espero; aquillo vae ser bom. Ha dansa. »

E sahiu correndo, com as longas trancas soltas e um frú-frú de saias engommadas, em direcção ao caminho.

O marido não estava. Na vespara, levava a noite inteira na rêde. Como o peixe « era matto », carregara uma canóa, e sem voltar á casa, sahira para a cidade, pela madrugada, e até áquella hora não se sabia d'elle. A' Margarida, porém, não lhe deu abalo isso; já ponco se importava com elle, e até estimava a sua ausencia. Entretanto o pobre rapaz nunca fôra tão dedicado e carinhoso como agora. Sempre que entrava de fóra, ia logo para ella; abraçava-a n'um contentamento, intimamente envaidecido e orgulhoso por aquella « prenda chibante que elle quasi não mereçia. » Porém ella enchotava-o, como a um eão

ruim, toda séria, empurrando-o para longe de si com os seus braços roliços e côr de rosa, rejeitando assim as francas e leaes caricias do rapaz, em cujo peito floriam, esplendidas, a nobreza e a ingenuidade dos affectos. E, obstinadamente, « seccada » repetia sempre :—« Já vem o tólo! o desengaçado! Fosse antes dormir, se tinha somno; mas não a viesse inquietar, o « tanço »! E assim vivia a maltratal-o constantemente.

No terço do Amaro, á noite, depois do capellão engrolar a réza e apregoar o juiz e os mordomos que tinham de fazer a festa no outro anno, começou a dança. Achava-se ahi, n'essa occasião, o José Italiano, mascate, que de vez em quando rebentava pelo logar, onde a sua mercadoria voava, tendo uma fama e possuindo numerosos freguezes. O José Italiano era um calabrez sympathico, de uma grande belleza viril, que impressionava e arrebatava as mulheres; mas, atrevido e corrupto, nas casas onde por acaso assistia e se lhe abriam os corações, na generosa e santa ingenuidade roceira, deixava sempre a desgraça e a deshonra.

Diversas familias, alli, tinham sido arrastadas impiedosamente pelo miseravel á corrupção e á miseria.

E a Margarida, já desde muito que andava algemada ao seu olhar electrico e vencedor, onde bebia as tentações e graças todas as delicias satanicas dos amores illicitos. Profundamente dominada pelas manifestações e arrastamentos do seu temperamento indomavel, estuante de seiva e fartamente embebido em sol—abriu um escandalo desordenado e terrivel

no meio affectuoso e sereno de toda aquella festa, prendendo-se a noite inteira, nas dansas, impudicamente e sem interrupção, ao braço rijo d'aquelle sujeito audaz, que fazia timbre em ostentar affrontosamente, em plena estupefação geral dos convivas, a paixão descabellada e cynica d'aquelle rapariga douda. E, pelas duas horas da manhã, por entre o cantar alacre dos gallos e o reboiço das despedidas, escapou-se com elle, de tal modo que ninguem os viu mais.

No outro dia, corria insistentemente pelo sitio que ella tinha fugido com o Zé Italiano, para as bandas da Caieira...

O Cosme, mal voltou á casa, soube tudo; ficou fulminado e prorompeu aos soluços, a arranhar-se e a maldizer-se; e nas intermittencias da sua angustia, quando a realidade desmanteladora e brutal do caso se restabelecia com nitidez, jurava, em altos berros roucos, desfigurado e congesto, convulsamente brandindo a sua aguda faca de roceiro: « Elle ha de pagar-me, o diabo! »

A tia Sabina, coitada, que o escutava e estava acabando uma camisola de baêta azul, teve un tremor e uma pallidez, mas não disse nada; e, olhando-o docemente, com uma expressão de incomparavel piedade e ternura, desatou a chorar, silenciosamente: grossas lagrimas, como punhos, sulcavam-lhe o rosto engelhado. Agora como que tinha perdido toda a antigas serenidade: um ligeiro estremecimento agitava-a, e o seu rosto, n'aquelle instante, parecia mais abatido e cavado. Quem, melhor do que ella, conheceria a organização d'aquelle rapaz tão ingenua, tole-

rante e passiva sempre, mas uma vez atacada, completamente outra, vingativa, cruel, sanguinaria. Ainda trazia bem de memoria a historia do mulato do Reis, que uma noite o fôra esperar no caminho da praia para lhe metter medo, do que resultou peder o Cosme a cabeça e o mulato sahir esfaqueado n'um braço, em risco de morrer. Ella conhecia bem o Cosme...

### III

D'ahi a tempos, dizia-se por toda a parte que o rapaz, tão bom e tão ajuizado d'antes, profundamente apaixonado pelo abandono em que o lançára a mulher, déra em beber, e, alugmas vezes, chegava a não se aguenttar em pé.

### IV

Era por uma noite negra e troviscosa d'inverno. O Cosme, como sempre, estava na venda do André, sentado n'um banco, n'uma modôrra, bebedo, completamente bebedo. Alguns lavradores, que costumavam reunir-se alli, todas as noites, para a "séca" algazarravam alegres e expansivos, felizes n'aquelle santo descanso bem ganho aos rudes labores do dia, na cultura das terras, pelas baixadas e morros, sob a barbara caustica do sol; ou na pesca da enxôva, no mar alto, sob as terriveis e açoutantes cordas dos ventos das tempestades, nos bravios costões do Arvoredo. Fallava-se discretamente do Cosme.

— Como vivia agora aquelle pobre rapaz! Quasi sempre bebedo! Que desgraça! Mas era aquelle gosto! E antigamente tão bom que fôra! E um bruto que tinha força que nem um touro, e que, de uma feita, elle só, plantara uma roça de mandioca que déra trezentos alqueires!... N'esse tempo, ainda a tia Sabina—Deuslhe dê o céu!— era viva, e a douda da mulher não déra para aquillo!... Tambem ella só não tinha culpa; peor era elle, aquelle cachorro do Zé Italiano, que lá no terço do Amaro—não viram?—levara toda a noite a metter-lhe caraminholas no casco, não se despegando, um instante só, das saias da rapariga, até que “o raio da sem vergonha” deixou tudo por elle... A tia Sabina, que lá estava no bom lugar, é que lhe fallou ás direitas, quando elle disse que queria casar:—“Estás doudo, Cosme; tu não tens juizo!”...

N'isso, o Cosme, accordando do seu entorpecimento, ouviu ainda algumas palavras, e com um fuzil de cólera nos olhos vermelhos, rosnou :

— Oh Matheus, oh raio! Que diabo estás tu p'r'ahi a dizer? Deixa lá isso, homem! O que foi, foi...

O Matheus calou-se, e elle tornou a encostar a cabeça aos joelhos.

Lá fôra a chuva cahia em bategas; e fuzis continuos, acompanhados de estrondos, abriam na escuridão subitos clarões de fogo rubro-violaceo, que deixavam vêr, pela porta entreaberta, uma paizagem phantastica e lugubre de opera magica.

O Matheus então foi até á porta fincou os olhos na negrura espessa, como quem quer vêr alguma

coisa, olhou para o alto : completamente escuro ! — e exclamou :

—Temos agua !

E, voltando-se para dentro, com os braços cruzados ao peito e os largos hombros encolhidos pelo arrepio da humidade :

—Quem é lá de cima ? Na primeira estiada, prompto ! Quem se vae, vae ! Isto Aguenta até dia...

E encostou-se de novo ao balcão, com os olhos pregados na molhadura nescada que o suodéste estendia pelo soalho, entrando de travéz.

Pelo morro do Zefira, que ficava logo adiante, sentiu-se um ruido de patas, que se approximava. Todos puzeram os olhos na porta.

E logo um cavallo, pintado de largas manchas brancas que o lampeão da venda fazia alvejar e luzir, estacou ao portal, com os olhos em braza, as largas ventas resfolegantes da corrida. Então, um homem de botas, atacado n'um grande ponche que escorria ensopado da chuva, alto e moreno, de barba cerrada, tilintando as esporas, desmontou-se; e, emquanto désapertava a cilha do animal para desencilhal-o, gritou para dentro, em mau portuguez :

— O' André ! Quero-te hoje uma pousada e pasto para o cavallo. O tempo está dos [diabos, homem !

Todos exclamaram :

— Ah ! E' o só Zé que anda por ahi... Nossa Senhora ! Era uma lastima aquelle tempõ !

O calabrez entrou, batendo os tacões, com os arreios de rastos, n'um tinír metallico de lóros e estribos, indo collocar tudo a um canto, por detraz da porta, e, dando "boas noites", pesatacou o

ponche e despiu-o, deitando-o sobre o balcão, onde encostou-se pedindo cachaça e dando um forte relhaço nas taboas.

— O André inqueriu :

— De onde vinha? Com aquelle temporal d'agua era uma loucura ! Apanhara-o muito longe ?

— Que não ; pelo Justino. Mas estava fechado, senão ter-se-hia arranjado por lá. Fôra alli por causa de umas terras...

O Cosme despertara com o ruido brutal do relhaço, levantou a cabeça e, ao dar inesperadamente com aquelle homem ao pé delle, de costas, roçando-o bruscamente, saltou. Os roceiros olhavam-n'ô. Elle esfregou rapidamente as pálpebras pegajosas e, convulso, transfigurado, arremetteu de prompto contra o italiano, n'um impeto, n'uma ferocidade bravia, os punhos cerrados, os dentes de fóra. os musculosos braços retesos, n'um medonho aspecto de furia; depois cingindo-o fortemente e atirando-o ao chão, cavalgou-o, levando uma das mãos á cinta onde costumava trazer a faca.

Os circumstantes correram logo, procurando intervir :

— Chega ! Chega ! Não o mates ! Não o mates !...

Mas o rapaz, subitaneamente, agitou o ferro no ar e, varias vezes, afogou-o no corpo do italiano. Por fim, ao reconhecer que este não fazia mais um movimento, ergeu-se, e deitou a correr para a estrada, rosnando, entre allucinado e medroso, n'um tom indizível :

— Matei-o!... Mateio !...

Santa Catharina, 1887.



# MAR GROSSO

---

(AO DR. RAMIZ GALVÃO)

Desde manhã que a Isidora e mais duas camaradas estavam nas pedras a tirar marisco.

Corria um verão muito limpido. Uma continua brisa de nordeste embalava docemente as verduras do pequeno promontorio do Rapa. Do alto cahia o sol de ouro quente. Em baixo, em volta, achatando-se a perder de vista, cheia de magnificencia e de sonhos, a planura verde do mar, faiscando, com os seus grossos vagalhões sonóros, que se estendiam em gigantescos cordões, ao longo das praias, cobrindo-as de largas rendas de espuma. Proximo, os cômoros, com um tom de alvuras oxydadas sob a luz radiante, expunham um retalho desolador de ondulosas areias saharianas. Velas andavam além, com saudosas brancuras.

De lenço de chita pela cabeça, as mulheres, com as costas escaldando, o rosto aberto pelo calor em côr de rosa esplendido, enchiam os samburás, empoitadas sobre as pedras. As ondas, ás vezes, escachoando em véos brancos pela penedia, lambiam-lhes com

furor os braços e as mãos rebuscadoras e déstras, que apanhavam os mariscos ás pencas. Ellas então desatavam a rir, cheias de consolação, n'aquellas luvas de espuma que as deliciavam, e que logo o ar desmanchava.

N'essa doçura e na alegria da farta pesca que a baixa-mar favorecia, iam de pedra em pedra, n'uma palração que aquecia, em notas muito cantadas, borbulhando, como um veio crystallino, dos labios frescos e humidos, de bella pôlpa escarlate. Sentiam-se felizes, e fallavam expansivamente da casa, dos filhos, das rôças, da sua criação e do gado, abençoando o destino. Com os samburás já cheios, esqueciam-se agora, n'um repouso bem ganho, sobre uma lage rasa, das mais de fóra, sem reparar na maré que subia. Levaram assim longo tempo, a dar á tréla...

De repente, um vagalhão solteiro, um d'esses tremendos vagalhões, tão conhecidos nas costas de mar grosso, em tempo de bonança, e que fazem revoltear inopinadamente as canôas e submergir as rochas, como n'uma tempestade, ergueu-se e as envolveu de subito no bôjo bramante. Foi um medonho turbilhão de espuma. A lage toda afundou-se, siminse, em grossos rolos fumegantes, como um casco a pique, e, quando a agua escoou, gritos dilacerantes partiram da corôa branca das ondas.

A Isidora, robusta e valente que era como um animal de trabalho, com os seus braços possantes e rijos de bater algodão, acarretar agua e lenha, e malhar o feijão, no terreiro, ao sol, procurava em rudes arrancos galgar a pedra escorregadia de musgo, que nem ao menos offerecia uma cavidade apoiadora para

as mãos naufragas, tentando agarrar-se ao alto, nos constantes empuxões das vagas. Debatia-se heroicamente, com rudeza, n'um frenezi de salvação, n'um desespero de leão. As outras, boiando nas saias enfundadas, aos gritos, n'um bracejamento indomito de luctadoras, iam levadas para fóra, no recuo das aguas hiantes...

Pescadores, que andavam além, deitando as rêdes, n'um afastado recanto da costa, acudiam correndo.

N'esse instante o homem da Isidora, o Manuel Porto, appareceu no alto das pedras, com os dous filhos pela mão, aos berros. Ouvira, lá embaixo, do lado de lá, na Lagoinha, gritos continuos que voavam d'aquellas bandas, e attirava-se para alli a toda, n'um sobresalto, com as crianças, porque recebera de repente uma pancada no coração, ao lembrar-se da mulher, que o avisara, de manhã cedo, que ia ás pedras tirar marisco, mais a mulher do Zé Félix e a do Rufino. Do alto das rochas, o pobre homem recebeu logo, no largo olhar rebuscante e ancioso, o sinistro quadro, e sentiu rebentar-lhe o peito possante como uma machadada formidavel. Uma enervação subita inteiriçou-o; quasi não pode respirar; mas quando a reacção se fez, despertando-lhe a máscula e poderosa energia de velho leão do mar, desprendeu-se dos filhos, disse-lhes que esperassem, que já voltava, e desapareceu pelas anfractuosidades das fragas, branco, trémulo, n'uma angustia allucinadora e suprema. Correu até ás ultimas pedras, as mais de fóra, as mais avançadas nas ondas.

As duas mulheres já haviam afundado ao largo; mas a Isidora ainda luctava, no immenso torvelinho das

vagas, batendo d'encontro ás rochas. Resistia prodigiosamente, n'um ultimo combate para a Vida, com o peito athletico e rude de aldeã lacerado, ferido, escorrendo sangue, os cabellos soltos, empastados pela cara, os olhos immensamente abertos, com um brilho vidrado e frio, raiado em sangue, o ar crispado e trémulo de agonia. D'essa creatura em perigo supremo, desprendiam-se uivos roucos, desoladores, plangentes.

De um cabeça perto, totalmente impedido de avançar mais, o marido estendia-lhe os braços herculeos, chamava-a pelo nome, dizia-lhe que se aguentasse — *um instante só, por Nossa Senhora, que elle a salvaria!*...

E arrancava precipitadamente a camisa para se jogar ás ondas.

Mas a Isidora, coitada, já não o ouviu mais : um vagalhão mais alto envolveu-a, afundando-a, para sempre sob as espumas brancas...

As pedras, agora, possuíam toda uma população, estranhamente crivadas de gente. Crianças, mulheres e homens faziam um alarido selvagem.

No emtanto, nem uma só embarcação nas proximidades ! Ninguem capaz de arriscar-se n'aquellas pene-dias !

O Manuel Porto, então, por momentos, quedou-se espasmado ; depois, com os olhos rasos d'agua, transido, lançou os braços ao céu, parecendo implorar profundamente de Deus, a essa hora bem occulto e distante, uma salvação, um milagre, para a pobre mulher, que fôra sua, alli perdida, agora, no seio torvo do mar !...

Rio, 1893.

## O ALLEMÃO DOUDO

---

(A BERNARDINO VARELLA)

Elle teria os seus cincoenta annos. Era direito e robusto, cara devastada pela miseria, onde se viam os sulcos que os esgares da loucura faziam. Tinha a barba e os cabellos encinzados de neve. Aparecia quasi sempre nos sitios em busca de alimento, a imploral-o pelos pobres casaes dos lavradores, com palavras gutturaes, n'uma linguagem acre, pedregosa, que ninguem entendia, mettendo panico ás crianças. E satisfeito e risonho com algum minguaado quinhaõ que lhe entornavam nas mãos, partia logo, falando e gesticulando com furia, a gargalhar estrepitosamente, por instantes, na linha accelerada da sua marcha descompassada e batida, desaparecendo, por dias, nas voltas suaves e floridas dos brancos caminhos agrestes.

Havia já um anno que elle assim vivia, surgindo intermittentemente pelas estradas, lançando sustos ás mulheres e rapazes, que fugiam n'um temor; ás vezes manso, outras agitado, conforme o caso da sua nevrose, mas sempre inoffensivo, respeitoso, muito

amigo das crianças, gostando de as amimar, de correr sobre as cabecinhas louras e infantis, como n'uma caricia demorada e paterna, a sua mão calosa e rija.

Na existencia agitada desse homem havia, talvez, a tenebrosidade de algum mysterio, de algum desastre, porque, frequentemente, déram com elle chorando, sentado á porteira dos engenhos, á hora sombria e triste do anoitecer, quando para ahi se encaminham as raparigas alegres e palradoras que vão para as farinhadas.

E assim ia vivendo, o pobre Pitter, entre o receio e a condolencia publica, recebendo da imaginação popular côres phantasticas, salientando-se como um ser estranho, quasi sinistro.

A's vezes, quando a pausa da molestia dava-lhe a suavidade e a segurança do discernimento, procurava, para descansar, os ranchos de palha baixa e espessa, abeirados dos rios, que offerecem abrigo e tepidez de ninhos aos desgraçados que erram, sem carinhos e recursos, aos ventos gélidos que sopram pelo decurso desolado das longas noites de inverno. Mas, n'uma dessas occasiões, foi agarrado de surpresa, altas horas, pela furia demolidora, irresistivel de uma tempestade, plena de fuzis e de trovões, que fizera transbordar o rio n'uma inundaçào devastadora, inclemente...

No outro dia, na serenidade limpida de uma tarde d'ouro, dous pescadores que desciam o rio foram encontrar o corpo do allemão n'uma das brechas que a impetuosidade da torrente cavara fundo nas barrancas : alli mesmo o sepultaram, socando-o a pés, sob uma indifferença de estranhos !

E, ainda hoje, quem passa pelo logar, olhando á direita, encontra um monticulo de terra, estufado como um ventre cheio, a cobrir os ossos do pobre homem; mas nenhum signal, nenhuma cruz! Entretanto, a alegria da vegetação, na uberdade do solo, dir-se-hia ter-se encarregado dos ornamentos da cova e a porção de grama alta que sobre esta viceja, n'um colorido vivo e cantante, lembra, de certo, o bando das esperanças que, outr'ora, na mocidade, tanto alentaram o coração do desgraçado Pitter, e que voltam agora a pousar-lhe piedosamente alli, para o acompanhar no tumulto, á zoeira melancolica das laranjeiras em flôr, á noite, e ás suavissimas canções das florestas ao clarear das manhãs!...

Santa-Çatharina, janeiro de 86.

---



# NUPCIAS MARINHAS

---

(A BELLARMINO CARNEIRO)

## I

O pequeno arraial da Ponta-Grossa, n'essa clara manhã de janeiro, despertara alegre e ruidoso, como nos dias de grande pesca, pelo tempo das tainhas, ao cair das primeiras geadas. Na praia recurva, de areia alvissima, estendendo-se na distancia de um kilometro, desde o taboleiro dourado do longo pontal ao sul, até á crista de rochas negras e altas ao norte, onde o mar sacode, noite e dia, em vagalhões espumosos, largas barras de prateada escumilha — remadores das rêdes, em camisa e calças arregaçadas, grandes chapéos de palha á cabeça, fumavam e palravam rusticamente, de pé, em volta de duas immensas canôas de vóga, alcatroadas de novo, que, postadas sobre grossos rolos de madeira, de prôa para o mar, e palamentadas, os béques finos erguidos, esperavam, promptas a investir contra as ondas.

Era o casamento da filha mais nova do Rufino Bastos, a Rosinha, com o João Aguiar, um bello rapaz

vigoroso, patrão de uma das rêdes do pai : esse acto ia effectuar-se na egrejinha de Santo Antonio, uma freguezia pittoresca e agreste, que ficava do outro lado, á margem esquerda do Ratonés, cortando alli as terras com o seu largo estuario. Devido a esse embaço do rio e á pobreza do arraial, que nem ao menos possuia uma capellinha — antiga e unica aspiração d'aquella boa gente adoravel! — os consorcios e baptisados faziam-se sempre por mar, em magnificas monções, sob um tempo limpido e calmo, o que não evitava, entretanto, um ou outro desastre, de longe em longe, quando sobrevinha inopinadamente algum temporal.

O orisonho prestito compunha-se de duas ou tres numerosas familias do logar — a gente do noivo e da noiva, e mais amigos, conhecidos e compadres caminhando alegremente, posto que um pouco contrafeitos n'aquellas roupas das festas, mas em agradável e animada palestra. A' frente de todos vinha a Rosinha, pelo braço do pai, formosa e tentadora, a bocca rubra, os pestanudos olhos baixos, as faces vivamente coradas, e a fronte virginal inclinada sob o véo fino de tulle. Seguiam-se as pessoas que iam testemunhar o noivado — pela Rosinha, o tio João Luiz e a tia Anna Mafra, um casal já idoso, com a cabeça alvejada do decorrer dos annos ; pelo João Aguiar, o Jacintho Cunha e a esposa, robustissimo par de lavradores, ainda moços, louros, com um rosto côr de lacre ; e as irmãs dos nubentes, as primas e camaradas — um bando de moças, d'entre quinze e vinte annos, graciosas, alegres, ineffaveis. Mais atraz, n'um grupo de rapazes, na sua maior parte companheiros de rêde e

seus intimos, vinha o noivo, marchando feliz, com os hombros enormes muito apertados n'um frak novo de panno, a gravata alva confundindo-se com a camisa tesa de gomma, a alta cabeça erguida, os labios risinhos, os olhos reluzindo, negros, na pelle queimada.

Quando chegaram á praia, os tripolantes, que olhavam attentamente o desfilar do cortejo desde o alto da estrada, entraram a botar as canôas para baixo. Então, de pôpa para terra, palpitando já sobre as aguas balouçantes, as embarcações começaram a tomar os convidados. E logo após, sob a força possante dos remos, se afastaram ao largo.

## II

Do alto do morro, no parapeito branco do vasto terreiro murado, onde alvejava, caiado de fresco, o frontal largo e acaçapado da casa do Bastos, com as suas cinco janellas abertas aos ventos do mar, deixando entrar amplamente o sol e todos os aromas e rumores da Natureza em volta — pessoas da familia, que tinham ficado arrumando tudo para as bodas, olhavam, debruçadas, e n'um grande enternecimento, o afastar lento e saudoso do cortejo marinho sobre a planura verde e mansa das aguas. D'entre ellas — na maior parte mulheres e crianças, porque os homens tinham ido todos no prestito — se destacava, venerativamente n'uma attitude dolente e nostálgica de *Mater-Dolorosa*, a Maria Bastos, a extremosa mãe da Rosinha, que, muito commovida, o rosto rosado e moço apezar dos annos, espiritualizado n'uma vaga saudade, acompanhava, alheia de tudo, o espumante singlar das

canôas Não sabia bem porque, mas sentia agora como um aperto, um peso enorme opprimir-lhe o coração, ella tão alegre até alli com o casamento da filha. Era inexplicavel ! Tinha um vago presentimento de que iam sobrevir grandes tristezas, lutos, uma immensa desgraça... E aquillo a invadira inopinadamente, á maneira dessas trovoadas subitas que toldam de repente o puro azul dos céos de verão. Por mais que fizesse, não podia suffocar semelhantes idéas que a deprimiam, a esmagavam angustiosamente. Ninguem mais do que ella desejava aquella união, pois fôra a bem dizer pelos seus esforços que conseguira o « sim » do marido para o João, quando este lhe escrevera pedindo a mão da Rosinha. Porque o Rufino, a principio, ignorando o namoro de ambos, e depois contrariando-o sempre que podia, declarara-lhe logo « que não ». Reconhecia que o rapaz era bom, honesto, vivo, trabalhador, mas não tinha meios e estava ainda muito novo. « Não ! que esperasse melhor occasião. » E calara-se, franzindo os sobr'olhos, n'uma austeridade de velho maritimo, duro e carrancudo como um leão. Ella porém, a esposa, que sabia do profundissimo amor que se votavam as duas creaturas desde os mais tenros annos, e que bem via que aquillo podia talvez trazer a infelicidade para o seu lar, sempre tão cheio de serenidade e doçura, entrou a pedir constantemente, carinhosa e supplicante, o consentimento do esposo, que afinal accedeu, marcando tudo para aquelle anno. E fôra uma grande alegria para todos !... No emtanto, agora, sem saber como, invadia-a estranho presentimento... Que estaria para succeder, santo Deus ?...

As embarcações, vogando parallelamente, separadas por pequena distancia, voltavam agora o pontal, cahindo no amplo estuario, onde a corrente impetuosa do rio, luctando com o mar invadido, erguia grossos frisos ondulantes de espuma. O seus cascos, esguios e negros, desenrolando pela pôpa fóra duas immensas faixas de escocia alvadia, iam-se occultando, pouco e pouco, na sombra de duas ilhas altas e frondentes, emergindo em linha do espelho azul do oceano, como duas esmeraldas gigantes.

As mulheres e crianças, não podendo distinguir mais as canôas n'aquella posição, já muito diminuidas ao longe, tinham deixado o parapeito e volviam n'esse instante á lida da casa, que se enfeitava toda para a volta dos noivos. A Maria Bastos, porém, não despegara, um momento só, do pequeno paredão ; e, triste e lacrimosa, isolada e só, perdida nas delicadezas do sublime e ineffavel affecto de mãe, com o filhinho mais novo ao collo, um bébé lindo e risonho que se lhe debruçava sobre o hombro — olhava ainda aquelle “ noivado da sua alma ”, que lá ia boiando, boiando...

### III

No emtanto, no cortejo além, sobre o mar, todos iam alegres. Parolava-se vivamente da abundancia das culturas e da riqueza da pesca. O anno, que findara havia sido, como poucos, da mais ampla fartura. Prouvera a Deus que o mesmo acontecesse com aquelle, cujos primeiros dias iam decorrendo venturosos, com prenuncios de felicidade !

Na canôa grande — a melhor e a mais segura das

que faziam o serviço das rêdes na Ponta-Grossa, — onde se accomodára o Rufino, com os padrinhos, os noivos e mais pessoas da familia, o João Aguiar, que por ingenuidade e acanhamento fôra sentar-se quasi junto aos bancos de prôa, não cessava de contemplar a Rosinha, com os seus bellos olhos castanhos, deliciado e feliz, n'um embevecimento. Ella, por sua vez, olhava-o tambem, venturosa e cheia de ternura, mas timidamente, furtivamente, a face muito rosada sob o tecido tenue do véo, descendo-lhe pelas costas em longas prégas de bruma. Essas duas almas crystalinas, simples, adorativas e candidas, que se alvoroçaram uma só vez ao jorrar da primeira paixão, e que viviam sempre, desde a infancia, uma pela outra batendo, docemente, ininterruptamente — cruzavam-se em silencio, nos meigos olhares de ambos, dando-lhes um mutuo e perennal encanto, traspassando-os de um gozo leve e suave, á maneira de um doce fluido magnetico, que vibrasse, com igual propulsão, entre os seus peitos amantes. Agora, que iam para sempre unir-se, n'um mesmo contacto e n'uma mesma palpitação, parecia que se diziam mudamente, n'uma emoção deliciosa : — “ Emfim !. . Emfim !. . ” Por sobre elles rumorejava prazerosamente a voz rouca e grossa dos velhos, em alegre expansibilidade, e estalava sonoramente, em esfusiadas limpidas, o choral de risadas tilintantes das raparigas em festa.

Na outra embarcação, havia tambem um contentamento ruidoso, sacudindo as almas de bemdito esplendor, como os pequenos vagalhões do estuario sacudiam as canôas. E até os remadores — uns oito homens robustos, quasi todos rapazes, de tronco

athletico e pescoço de touro, o rosto tinto pelo sol do mar — riam-se splendidamente, com os seus dentes muito alvos, o coração saturado da alegria das cousas, o corpo metricamente balançado no movimento vivo e continuo dos remos.

## IV

O sol já ia alto quando as canôas chegaram á praia, uma longa faixa de areia finissima, fulgurando n'uma poeira dourada. As casas de Santo Antonio, beirando em linha ao longo da costa, á pequena distancia, estavam fechadas e como adormecidas sob a luz escaldante. No porto, áquella hora batido por uma fraca brisa do norte soprando levemente, não se via viv' alma. Tudo permanecia em paz, apezar da gloriosa radiação do céo, sob o silencio adormecido e vasto dos meios-dias nos sitios. As vendas, onde se bebe e algarra tranquillamente, estavam vasia; e só ao longe, n'um recanto onde o sol faiscava deslumbradoramente, em escamas de ouro vivido sobre a planicie liquida, um grupo de homens se destacava, movendo-se lentamente, na faina da pescaria.

O desembarque effectuou-se magnificamente, e o noivado foi subindo a pequena rua que vai dar n'um grande largo gramoso onde se acha erecta a egreja da freguezia, recolhida e humilde, despida de torres, com o seu frontãosinho amarello, ao lado direito do qual se erguem toscos páos ao alto, encimados por um travessão, de onde pende um sino-sinho.

Ao rumor do prestito atravessando por entre as

casas, aqui e alli, cabeças curiosas assomavam ás janellas. Um ou outro transeunte parava, pasmando os olhos ingenuos e doces n'aquelle grupo festivo. E magotes de crianças, que costumam vagar pelos caminhos em correrias continuas, surgiam pouco a pouco, incorporando-se ao cortejo, em zurzinada vivissima.

Na igreja, o noivo, a noiva e os padrinhos tiveram de aguardar, durante muitas horas, com certa impaciencia revelando-se nos semblantes a que a viagem déra um ar de fadiga, a chegada do vigario, um velhinho gordo e catarrhoso, de cabeça alvadia, que usava oculos, e que era agora, em todos os actos do culto, um retardatario remisso. Os outros, emquanto isso, erravam dispersos pela nave, parando junto ás paredes muito caiadas, de queixo erguido, a contemplar admirativamente e com grandes olhos deslumbrados, os varios Santos mal esculpidos, mettidos nos seus nichos, a taboa dos altares, os ramos, os registros coloridos, as toalhas de renda, as flores murchas e os castiçaes dourados...

Quando occorreu a cerimonia era quasi meia tarde. O sol entrara a esmaiar para um amarello frio, d'ocre. Ao sul, sobre as montanhas do Cubatão, grossas nuvens de trovoada começavam a se adensar vagamente n'um fundo azul esfuminhado e sombrio ; e pelo alto do céo, ainda muito transparente e nitido, fluctuavam já grandes flocos de algodão, delgados e felposos, como longas brochadas de tinta. Eram os conhecidos *rabos de gallo*, que annunciam aos maritimos a imminencia de pampeiros terriveis.

Todos, então, sobresaltados com a subita mudança

do tempo — tão commum n'aquelle logar durante o verão — dirigiram-se para a praia, n'uma marcha batida. Os intrepidados remadores, que desde muito observavam a aproximação da tormenta, os esperavam já, postados aos remos, promptos a largar ao primeiro signal. E o embarque realisou-se, n'uma pressa agitada e confusa, em que as moças, sentiam como uma vaga inquietação, ouvindo os homens gritar presagamente :

— O pampeiro ! O pampeiro !

## V

Na Ponta-Grossa algumas rêdes que cercavam, apressavam n'esse instante os lanços, receando a furia do mar, que era alli, sob os tufões, de um effeito extraordinario, porquanto a praia corria em leve curva enviezada, totalmente exposta aos ventos rijos do sul, e os vagalhões, batendo de través, adquiriam sempre proporções brutaes. D'ahi os innumerados naufragios que se davam e que tão temida tornava essa ponta de rochas ás embarcações do trafego, cruzando frequentemente aquellas paragens.

Grupos de pescadores, junto aos ranchos de palha, observando o lento condensar da tormenta nos ares, commentavam auguralmente uma má volta para o noivado ; e alguns espiritos mais apprehensivos exclamavam, abanando a cabeça, como n'uma previsão de desastre :

— Ora queira Deus que aquella tardança das canôas não dêsse em alguma desgraça ! Tambem não sabiam o que é que o casamento esperava, que nem signal !

O temporal estava por um triz ! Se elles não abrissem os olhos, tinham que passal-a boa !... Quem sabia o que aquillo ia dar ? Logo n'esse dia... Pobre do João Aguiar, coitado !...

Mas outros, menos receiosos, affirmavam virilmente :

— Que não ! Talvez não dêsse em nada... A trovoada era muito capaz de se desmanchar para longe como tantas vezes se dava... Tambem a gente que lá estava não era “ova” ! E depois com o Rufino Bastos... Qual ! Elles não largavam do porto sem ver primeiro no que aquillo parava ! Estavam bem seguros, deixassem lá !...

E olhavam o mar onde as canóas, nas evoluções do ultimo lanço, giravam com rapidez. Achavam-se allí á espéra para recolher as rêdes, porque n'aquelle dia estava tudo acabado. Fôra uma asneira andar a lancar com as aguas assim paradas e calmas, pois não haviam conseguido matar nem um peixe !...

N'esse momento, no alto da encosta, cercada, das pessoas de casa, a Maria Bastos, debruçada de novo ao parapeito do terreiro, n'uma afflicção e quasi a chorar, examinava o tempo que escurecia cada vez mais. Tinha o coração, agora, pejado de immensos temores, batendo com pulsação desmesurada. Sentia mesmo, por vezes, como uma ancia, uma vontade louca de gritar. O rosto, tão fresco horas antes, perdera o seu colorido habitual, mostrando-se profundamente abatido e cavado ; e os olhos, com uma luz desvairada, voavam incessantemente, para além, sobre as aguas...

## VI

Mal as canôas deixaram Santo Antonio, puxando para o largo afim de montar o pontal, o cordão livido do vento sul desenhou-se ao longe, nas vagas. Por sobre os pincaros austraes da Serra do Mar o céu tornara-se de um azul apertado e d'aço. Nuvens negras e espessas, de bojo carregado, corriam para o norte n'um turbilhão colossal. Fuzis irrompiam além, dantescamente, em zig-zags rútilos. O sol desaparecera de todo, sob os primeiros pannejamentos da borrasca. Uma luz algida e sinistra approximava as perspectivas, dando ás cousas em volta um aspecto phantastico. E sobre a vasta superficie do mar, ainda em calma, pesava a solemnidade augusta de um silencio formidavel, como se de repente toda a Natureza fosse entrar para sempre na pacificação do Nada!

As embarcações singravam, entretanto, serenamente no meio da grande calma. Pareciam voar, arrancadas possantemente pelos pulsos infatigaveis dos seus tripolantes. A em que vinha o noivado, um pouco sobrecarregada, deixava-se distanciar pela outra, que ia adiante, ja quasi a dobrar o pontal: muito mettida de pôpa não podia desenvolver maior velocidade; e por isso, os valentes remadores cada vez se esforçavam mais, impulsionando-a a gigantescas remadas. A' ré, sobre o vasto panneiro alto, as moças, posto que nervosas e assustadas, mantinham-se comtudo em silencio, todas aconchegadas. N'uma das extremidades, a Rosinha, que ficara sentada ao lado do noivo, junto ao grupo onde estavam os padrinhos e o pai, muito pallida e temerosa de algum

desastre, levantava a cabeça, de vez em quando, acima da borda, para olhar o mar que cada vez ennegrecia mais. O João Aguiar, então, com a sua immensa calma de pescador, criado a labutar dia e noite nas ondas, pegava-lhe carinhosamente das mãos, dizendo-lhe :

— Que aquillo não era nada, que não tivesse medo, pois estavam a chegar...

O pai, ao lado, fallava-lhe tambem, animando-a. E o patrão, um homem baixo e entroncado, ainda moço, a physionomia rija e grossa de lobo do mar, de pé, ao leme, não cessava de investigar o quadrante do sul, onde crescia a tempestade. D' instante a instante, os seus labios rudes descerravam-se e o seu vozeirão rouco passava :

— E' aguentar, rapazes, que o pampeiro não tarda! E' preciso montar o pontal quanto antes, senão temos trabalhos !...

Ao vibrar destas palavras, como sob o ferro de um aguilhão, os braços remavam com maior possança e a canóa levava uma impulsão a mais.

Mas, de repente, um siflar monstruoso como uma orchestra de demonios n'um sabbath infernal, explodiu sobre as aguas, sublevadas de subito em vagalhões altos, que se entrechocavam espumando n'uma furia ineluctavel. O oceano cerrara-se em torno. Os fuzis intenseavam medonhamente, abrindo na atmosphera hieroglyphos de fogo. Trovões consecutivos rolavam no ar, aos estouros; e um pesado aguaceiro violentamente jorrou do céu bravo.

O patrão, ainda de pé á pôpa, mandava largar uma das vélas menores para fugir ás vagas colossaes que

se quebravam d' encontro á canôa sacudindo-a n'uma dansa macabra. As raparigas, tomadas de panico sob o temporal desfeito, soltavam gritos continuos, agarradas umas ás outras : “ Nossa Senhora !... Nossa Senhora !... Que horror !... ” Os homens, com a coragem e o sangue-frio dos pescadores, procuravam acalmal-as com palavras animadoras. A embarcação, a borda inclinada, rolava vertiginosamente no torvelinho espumoso De vez em quando, uma ou outra mareta maior galgava-a, com a sua corôa de rendas. E, hora a hora, o pampeiro augmentava desoladoramente...

Transida de susto, a Rosinha, as vestes amarrotadas e ensopadas da chuva, agarrava-se ao noivo chorando. Elle, forte e valoroso em meio ao vendaval, enlaçava-a meigamente, enchendo-a de consolações que a serenavam, por vezes, como uma força salvadora. Era a primeira vez que a sentia toda entregue a si, vencida e humilde como uma corça ; e por isso tinha os olhos humidos de emoção, estreitando-a nos braços, em meio a tempestade.

A canôa não parava um instante, n'uma singradura louca, toda alagada dos novellos espumosos das ondas. Dous homens no esgotadouro, trabalhando com as duas cuias grandes, já não davam vasão á agua que penetrava pelos bordos, pela pôpa e pela proa. Os panneiros, no fundo, começavam a nadar...

As moças, agora, invocavam com mais ardor os Santos, cujos nomes irrompiam tumultuosamente. ás syllabas despedaçadas, de seus labios brancos ; engrolavam rézas confusas na agitação do pavor. Era uma scena angustiosa e tremenda. E o mar, doudo e epi-

leptico, attirava-se subversivamente n'um estranho clamor!

Ao dobrar o pontal — o logar mais perigoso da costa, sob as tempestades — o tufão, n'uma refréga indomita, partiu e arrebatou a véla nos ares. Então, uma horrivel confusão espalhou-se por todos. A embarcação entrou a rolar, sem governo no seio da cólera espumante das vagas. Ninguem mais se entendia. E, agarrados uns aos outros na força instinctiva do perigo, afflictos e assaltados pela allucinação, começaram a gritar n'um delirio :

— Soccorro!... Soccorro!...

Estavam já proximo á Ponta-Grossa ; mas em meio aos turbilhões da borrasca, ninguem os ouvia. E, de repente, uma volta de mar gigantesca sinistramente envolveu a canôa que, adornada, revolteou brusca-mente, n'um encontro terrivel das ondas.

Uma hora depois a tormenta amaináva. E os tripulantes, que eram grandes nadadores, appareceram sobre o casco negro da canôa boiando agora, desoladoramente, como um esquife medonho. As moças haviam perecido todas. Os noivos, esses, se afundaram abraçados, unidos indissolvelmente para toda a Eternidade. Filhos de pescadores, quiz o Destino que fosse seu leito de nupcias o oceano revólto.

Rio, 1893.

---

## ROMANCE DE UM RAPAZ

---

(A' MEMORIA DO DR. FERREIRA DE ARAUJO)

O Americo partia para o sul, em busca de um logar onde melhor se ganhasse a vida e se garantisse o futuro. Deixava o sitio onde nascera e medrara feliz, porque os pais estavam velhos, « com os pés para a cova », e elle precisava ajudal-os e casar-se, como promettera á noiva. E, de sacco ás costas, o seu lenço encarnado de chita entrouxando a roupa engommada, preso na mão pelas pontas em nó, botou-se a caminho da cidade, para tomar o primeiro vapor que passasse — sob o meridional esplendor de uma clara madrugada azul, em que os passaros trinavam festivamente pela pradaria aromatisada e colorida e pelos laranjaes floridos, que lembram noivados e exalam halitos de amores, marginando as brancas estradas risonhas.

A mãe, antes d'elle partir, abraçada, pendurada ao seu grosso pescoço queimado pelo sol na capinação das culturas, depois de lhe beijar as faces cheias e amorenadas, sujas da primeira seda escura e rareada da barba nascente, disse-lhe commovida, engasgada pelos soluços : — « Deus te abençõe e te faça um

homem, filho ! » e a Leopoldina, que estivera na véspera em sua casa até tardê, e que lhe dêra, ao despedir-se, uma trancinha odorante e luzente do seu cabello escuro e ondeado, cheio de crespinhos esvoaçantes na nuca, fez-lhe tambem uma recomendação ingenua : — pediu-lhe « que se lembrasse d'ella e que escrevesse ».

E lá foi o Americo installar-se no paquete, triste e saudoso de todas aquellas suavidades que ficavam atraz, no seu sitio, e a que havia voltado as costas tão precipitadamente, só pela necessidade de indireitar a vida, de tornal-a outra. Na esterilidade d'aquelle meio perdera já a esperança de vir a ser « alguma cousa », porque não possuia « bens de seu », nem gado, nem terras de lavoura, nada! sempre o escasso trabalho « á meia », não deixando resultado senão para os outros, e lançando eternamente o pobre trabalhador nas desconsoações e faltas do amargo semear em terras alheias. Por isso abandonava tudo, abnegadamente, com sacrificio, para ir ganhar o pão longe, no meio das grandes cidades ruidosas.

E, de repente, acossado pela nostalgia que accomette aos que deixam o lar pela primeira vez, desandou a chorar rijamente, soluçadamente, entalado, por causa dos grandes balanços do mar alto, na estreiteza de um sujo beliche de terceira classe. Mas, dous dias depois, já familiarisado a bordo, conversava, sorria, na alegria e na grande esperança dos que rolam para um destino novo. E, chegado ao Rio-Grande, tratou logo de empregar-se e de « fazer-se um homem », como lhe dissera a mãe.

Escrevia continuamente á familia, e recebia desta

longas cartas, em garranchos confusos, obscuros, de uma calligraphia impossivel, mas de uma expressão doce e carinhosa. Sabia noticias, andava ao facto das cousas. De repente, porém, da parte dos seus, tudo cessou ; annos passaram ; um longo silencio se fez. Cartas extensas, anhelantes, choradas e escriptas trémulamente, á noite, pelo Americo, n'um temor e n'uma obstinada apprehensão de acontecimentos dolorosos e lugubres — perderam-se, sumiram-se n'uma mudez sinistra. . . Mas um dia chegou-lhe uma carta, com um sobrescripto estranho, estreita e tarjada de luto, noticiando-lhe a morte dos pais, e, em seguida, da noiva. Uma desgraça ! Teve uma negra amargura. Occorreu-lhe logo embarcar, regressar ao sitio. Mas n'aquella occasião não podia « arredar pé », sahir: perderia tudo. Resignou-se a ficar, soffrer...

Entretanto, os negocios prosperavam e, no fim de alguns annos, o Americo voltou para a terra, triste com a perda dos seus, mas impellido pelo desejo de tornar a ver, nos objectos e nas pessoas, o seu passado, os seus conhecimentos antigos. Logo ao desembarcar, o Alexandre da Praia, que andava botando as rêdes, correu-lhe ao encontro, e ferozmente torturou-o com interminaveis detalhes do tristissimo viver da familia, necessitada e doente desde o dia da sua partida até ao momento em que « Deus se serviu de chamal-a para si ! » « A Leopoldina, pobresinha ! que tantas esperanças tinha n'elle, estava tambem debaixo da terra ; morrera das bexigas, já lá iam bastantes annos. » E o Alexandre accentuava : « Parecia que a estava a ver, fria, toda negra, envôlta em folhas de bananeira e amortalhada n'um lençol,

deitando máo asco. Fôra por uma noite algida e enluarada de Agosto. . . »

O Americo, esmagado por essas idéas pungentes e ltuosas, seguia agora, de cabeça baixa, o carro de bois que levava a bagagem, um verdadeiro carro de bois, tradicional, vagaroso e chiente, que dous bois arrastavam, babando-se, enterrados na areia fina do caminho. Tomou em direcção á freguezia, em busca de uma casa conhecida ou de algum parente, para hospedar-se por aquelles dias. Não andara ainda muito quando o agarrou a Fortunata Pereira, uma velha parenta afastada, que o conduziu para casa, onde lhe deu café e agasalho em uma saleta viaia, fazendo muitas perguntas, arrumando a bagagem e dizendo « que em nada a incommodava, que a casa era grande e tinha até lisonja n'isso. Pois se ella o tinha visto em fraldinhas, Mãi de Deus !... »

O Americo, n'aquella semana, não ousou sahr, recebendo carinhosas visitas de parentes, de amigos da familia e de alguns camaradas d'infancia. Mas depois, com as suas constantes vestes de luto, em algumas tardes, ao lento desfallecer do sol no occaso, subia a ladeira vermelha e pedregosa que ia ter á egrejinha do sitio, para lançar um olhar de enternecimento e de saudade ao logar onde estavam os seus, ao estreito e humilde cemiterio, verde e florido como um jardim.

E de pé, sobre o adro gramoso onde se erguia uma grande cruz de madeira preta, deitando um olhar amplo e vago á paizagem em redór, sentia invadir-lhe o coração, n'uma revoada, mansa e piedosa, lembranças vivas e luminosas de um outro tempo, alegre,

fugidio e cantante. Recordava-se de tudo, das menores cousas que vira em menino ; e agora estava elle, alli, tão só, abandonado, n'uma desolação ! O contraste brutal das situações feria-o pungitivamente. E, sob essas dolorosissimas recordações, pensativo e melancolico, cabisbaixo, descia o adro da egreja, vagaroso e soturno, recolhido, como quem pensa na profundidade e no mysterio das cousas.

Santa-Catharina — 1885.

---



## A BORDO DO STEAMER

---

(A GONZAGA DUQUE)

Atracado ao trapiche, na ampla bahia em calma, sobre espias dando volta em arganéos de ferro fincados nas grossas pedras do caes, um enorme steamer carrega. Mettido de pôpa, a linha d'agua immerge já ahi, emquanto o vermelhão do fundo, pintado de fresco, se mostra ainda, no casco preto, aberto em nesga, á prôa. Em volta, na vasta planura liquida resplandescendo em largos chamalotes de prata, outros navios, em grupos, erriçam o ar de mastros. Pequenos botes, em manchas polychromas, singram morosamente, a remos, rente á agua, á sombra das bordas altas dos barcos. E lanchinhas fumegantes cruzam-se rapidas, atracando e desatracando, n'um movimento constante, com os seus vivos apitos, metallicos.

Mas a bordo do steamer vai um alvoroço de dia de sahida, uma grande faina, o fremer continuo e aspero dos guinchos de carga. A mastreação polida, erecta, alta, finca os tópes victoriosos no Azul, entre as enxarcias, os brandaes e os estaes retezos, onde, em noites tempestuosas, os ventos largos do oceano desferem

symphonias agrestes, plangentes, como n'uma harpa-eólea gigante. As chaminés enormes, por onde respiram as fornalhas cyclopicas do monstro, lançam fortemente ao céu limpido, por entre as cruzes finas das vergas, grossos pennachos de fumo. E, á ré, no tombadilho baldeado, asselado, fresco, pautado de negro pela longa costura das taboas, sob a lona protectora dos toldos brancos, por entre passageiros de vigorosa estatura, herculeos, de bonet sobre os olhos — a cabeça loura e sonhadora de uma estranha Inglesa, talvez alguma lady aventureira e nervosa, doentia e romanesca, passeiando uma paixão desventurosa pelos mares, de terra em terra. Debruçada da tolda, em ricas vestes de velludo negro, um resplendor de sol nos cabellos, o bello rosto rosado, de uma olympica contornação á Stuart, apoiado sobre as mãos alvissimas, mãos augustas, mãos artisticas, e de longos dedos finos, como para tangerem bandolins d'ouro — ella olha embevecida, n'uma extatica contemplação a alva fróta de gaviotas, fluctuando pópa a fóra, nas vagas. Parece alheida de tudo, e nos seus olhos azues, que as espelhantes aguas etheralmente reflectem, brilha uma luz de saudade, a dolorosa, infinita tristeza de um bem perdido — quem sabe? — no fundo glauco das ondas... A' beira do caes, sósinho, indifferente a tudo, n'um enlevo, n'uma fascinação mystica de sonho, contemplo incessantemente a loura e esculptural cabeça da mysteriosa viajante, inclinada melancolicamente para as gaviotas aos balaustres do steamer.

Longas horas assim, longas horas. Mas o vapor dá o primeiro signal da partida.

Cahe a tarde, côr de ouro, para as bandas do oceano.

E logo as poderosas rotações das helices começam a abalar o steamer e as aguas.

O meu olhar ancioso não se despêga, porém, um momento, do enorme transatlantico, em cuja balastrada branca, afastando-se pouco e pouco, a extraordinaria creatura do Norte, fixa ainda, enigmaticamente, a fróta alva e graciosa das gaiotas boiantes. E, d'ahi a instantes, steamer e Ella, a estranha viajante loura, somem-se, como o sol, nos vagalhões montanhosos do mar...

Rio, 1893.

---



## MANHÃ NA ROÇA

---

(A B. LOPES)

Pleno inverno.

Aqui e além, gallos accordam cantando á aproximação do dia. Uma tenue mancha de claridade argentea, recorta em lacca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horisonte, e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gemma d'ouro flammante. Vapores diaphanos diluem-se lentamente, em meio aos listrões vivos que perpuréam o nascente. Fundem-se no ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-seda floresta uma orchestração triumphal. Despertam de subito, ao alagamento tépido da luz, as culturas adormecidas. Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, humidos da serenada da noite, homens de cócoras, em camisa, de cangirão na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tétas das pacientes e mugidoras vaccas que criam, amarradas aos finos páus das parreiras, e que, expellindo fumaça no ar frigido, ruminam ainda restos de grama, n'uma mansidão ingenua de animal digno. Mulheres de chale

pela cabeça, chamam as gallinhas, com um ruido secco de beijo, tremido, fazendo *brúrrr* e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarellado.

Um carro atopetado de raizes de mandioca, arrancadas de fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspecto e a côr exquisita das plantas que se avolumam e vegetalisam enterradas, chia monotonamente, em direitura ao engenho, solavancado pelas asperezas do caminho chilreante e aromatisado por floracões vigorosas e germinativas, pelas emanações do gado e pelo cheiro acre das laranjas vermelhas, que cahem de maturidade. Cantigas rusticas, amorosas, de uma sinceridade ingenua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se á alacridade do campo. E pela compridão magestosa e verde dos alagados e das pastagens, o colorido movimentoso e variado das rézes.

Santa Catharina—1884.

---

## CANÇÃO SLAVA

---

(A HORACIO DE CARVALHO)

Junto á borda oscillante, sobre a larga tolda do vapor, n'um recanto isolado dos balaustres de pôpa, onde se erguia o camarim do commando e o homem do leme fazia gyrar vivamente as malaquetas da roda, em meio de continuos balanços, elle olhava tristemente, pela vez derradeira, as fórmãs recortadas e vagas das montanhas da costa, que se esfuminhavam docemente á distancia, no azulamento fôsko do céu. E, torturado de saudade, o espirito abatido, n'uma immensa desolação, sob aquelle apartamento cruel, que o destino lhe impuzera subitamente, com a costumada possança esmagadora, calado, a cabeça pendida, indifferente a tudo e a todos, como n'um somnambulismo, o pobre rapaz sonhador ia desfiando lentamente em silenciosas convulsões de chôro, que o suffocavam por vezes, a *romanza* enternecedora de todos os affectos, que vicejavam já, em estellar florescencia, a primeira estancia deliciosa da sua mocidade de ouro.

O crepusculo cahia para os lados da prôa, em

vasta faixa purpurea, que se esbatia no alto n'um côr de rosa saudoso. As aguas,ahi, nesse limite apparente e longinquo do oceano, estavam sulcadas de longos *tuyautés* tremulantes de mica. E lá acima, no zenith do firmamento; as primeiras sombras da noite rolavam já, em todas as direcções, com a sua gaze leve e fluctuante de cinza. Em volta, no convéz balouçante, em recantos afastados, alguns passageiros mais rijos, que o enjôo não dispersara ainda, apezar dos vagalhões, olhavam tambem melancolicamente, n'uma vaga palração scismadora, ora o esplendor do crepusculo dolente, ora a barra escura da costa, recuando aos poucos, recuando sempre, ao longe...

E o rapaz, isolado e soturno, cada vez mais alheiado de tudo, fixava ainda os lados onde o littoral se afundava, n'um profundo recolhimento, sob o bando das recordações. Em seu cerebro desolado, bailavam agora n'uma pungencia nostalgica, todas as queridas visões da sua infancia passada. E nesse embevecimento intimo e nessa dolorosa saudade, as angustias daquella separação pareciam adormcer por instantes, como embalados na doçura ineffavel de um carinho ou de uma benção, no fundo da sua alma sangrando. Mas a noite descia, muda e lutulenta, envolvendo céu e mar n'um pó denso de carvão. E o ar todo foi-se cobrindo lentamente de uma myriade infinita de pontos d'ouro flammante, que riscavam aqui e além d'um traço vivo de fogo a cava funda das ondas.

Elle então, debruçado da balaustrada oscillante, ergueu para o alto, instinctivamente, os seus olhos melancolicos—e quedou-se a olhar as incomparaveis

estrellas, juncando faustosamente o Espaço de pedrarias estranhas.

O seu espirito ficou pairando longo tempo, todo preso no esplendor sideral e n'uma mystica abstracção, invadido de um profundo sabaísmo, quando um cantico soou de repente á prôa, lá em baixo no convéz, por entre-vante da tolda — trémulo e rouco como uma canção de degredo, ou um gemer arrastado e oppresso de almas anhelantes. Eram os immigrantes slavos, cantando em côro uma d'essas canções nevoentas e saudosas, mas cheias de uma idéalidade affectiva, das suas terras brancas do Norte. Saturados ainda da tristeza da vasta travessia atlantica, a alma pesada de nostalgia, na recordação embaladora e perpetua da Patria distante, expandiam-se resignadamente, deixando voar para o Azul, para as constellações, n'uma vaga melopéa rhythmica, a sua dôr de exilados, que se fundia por vezes desoladoramente, nos sonoros smorzandos, com a plangente symphonia dos cabos e o ciciar funerario do vento nas vergas.

Arrancado subitamente assim, ao extasis contellar do seu Sonho rolando pelas estrellas, baixou os olhos tristemente sobre aquella massa fervilhante de gente, apertada entre as amuradas de prôa como um humilde rebanho, e de onde se erguia aquelle canto dolente que reavivava em seu peito as púas finas da dôr. A noite, em redor, tornara-se mais densa na sua negrura de tinta, emquanto no alto as gottas de ouro dos astros radiavam, mais vividas e trémulas. O mar todo, tinha a somptuosidade tragica de um manto de velludo sinistro, estendendo-se sobre uma planura

sem fim e cujas dóbras movediças ondulavam continuamente, aqui e além, recamadas de clarões azulinos e de um vago reluzir de lentejoulas.

O canto cessara como alados gemidos sem benção, e tudo recahiu n'um leve murmúrio de ondas e nos ruidos esparsos do vapor, singrando vigorosamente para vante, contra a aragem do largo, que augmentava de symphonia gemente. No horisonte, a Léste, vinha apontando agora uma tenue barra de claridade láctea, que vestia as aguas, ao longe, de vastas placas argenteas. E, d'ahi a instantes, a lua surgia maravilhosamente, cobrindo a amplidão com o seu immenso velario de tulle.

Então, á prôa, junto ao castello, na amurada de bombordo, onde batia em cheio o luar, uma figura esguia e branca de mulher ergueu-se, do meio da massa negra fervilhante dos immigrantes slavos: e uma voz suavissima abriu vôo na noite, n'um rythmo lento e balançado, como um fio de melodia saudosa.

Era uma d'essas canções gemedoras de terras ru-raes n'algun platô do Kherson, onde o homem se bate com o solo, ao vento e á chuva, ao calor e á neve, n'uma labuta constante. Os versos diziam, na sua cadencia vagarosa e languida, o custoso revolver da terra ao clarear das manhãs, o sulcar das charruas para as primeiras plantações, a capinação incessante dos terrenos gramosos, o verdejar alegre das plantas, o crescer florescente das hastes, o amadurecer das espigas, o amoroso cantar das ceifeiras e o reluzir profuso dos grãos, em montões alterosos, no meio da palha fôfa. Tudo isso d'envólta com as alegrias, as

Esperanças, as tristezas e as desgraças dos pobres *moujiks* louros. E as estrophes finaes davam a emoção psychologica, o esquisso vago e vaporoso de um idyllio de campo, na amplidão rasa de uma steppe sem termo, ao badalar plangente do Angelus n'uma torre de campanario loginquo, á margem de um rio espelhante, onde dous jovens se enlaçam e beijam enternecidamente, n'um ultimo adeus de colheita acabada, sob um poente de sangue...

Todos, á ré, já haviam adormecido no silencio das *cabines*, sob a somnolencia das altas horas de bordo, em meio aos continuos balanços. Só, sobre a tolda, o rapaz enlevava-se, sonhando os seus amores passados na sua aldeia distante, embalado espiritualmente pelo som acariciador e bemdito da campesina canção. E a rapariga slava, magnifica ao luar, n'uma alvura de Visão, de pé contra a borda, apoiada ás enxarcias, o bello rosto de opala voltado para o céo, como n'um embevecimento, soltava ao vento e ás ondas, apaixonadamente, as notas deliciosas d'aquella ballada branca...

Rio — 1894.

---



## INDICE

---

	Pags.
O mestre de rêdes .....	9
O mólho de lenha.....	23
A pesca das tainhas.....	33
A ultima fornada .....	47
Na ilhota .....	53
Os bois chucros.....	67
A vela dos naufragos.....	75
A cabra-céga .....	91
O velho Sumares.....	97
Historia rustica.....	109
O André canoeiro..	119
Pagina simples .....	139
Miss Sarah.....	145
Separação .....	155
A' beira-mar .....	159
Na roça.....	163
Mar grosso.....	176
O allemão doudo.....	180
Nupcias marinhas.....	183
Romance de um rapaz.....	197
A bordo do steamer .....	202
Manhã na roça .....	205
Canção slava.....	207

---

ALENÇON. — IMP. VEUVE FÉLIX GUY ET C<sup>ie</sup>

---













## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).